

REVISTA DA SEMANA



BIBLIOTECA NACIONAL
DE
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



CONSÉLHO AOS QUE VIAJAM EM TEMPO DE GUERRA

1- Faça sua reserva na PAA ✓
com bastante antecedência!

2- Informe-se bem sobre os papéis ✓
exigidos para viagens internacionais!



EM tempo de guerra, suas viagens internacionais serão muito mais fáceis se as planejar com bastante antecipação – atendendo a todas as formalidades oficiais e pedindo logo à Pan American que lhe reserve acomodações.

Sim, prefira a via aérea, e planeje suas viagens pela Pan American World Airways. Hoje, os nossos 18 anos de experiência em transporte internacional são a sua garantia de de uma viagem rápida, cômoda e agradável, mesmo em tempo de guerra. Amanhã, com os Planos de Paz da Pan American, o mundo inteiro será seu vizinho.



Ouçã AQUARELAS DO BRASIL

Todas as 6as-feiras das 22,05 às 22,35, na Rádio Nacional, em ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros). Evocação sonora da tradição musical e do folclore nacionais. Um magnífico programa com grandes orquestras e coros mixtos, solistas e vocalistas, sob o comando de Almirante. Uma viagem sentimental pelo passado e o presente do Brasil, oferecida pela Pan American World Airways.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

JUNHO E OS BALÕES

"E" proibido fabricar, vender e soltar balões..."
(Dos jornais)

Junho passou — frio, misterioso e esquivo — como uma dama elegante que desliza por entre alas comovidas de basbaques... Passou Junho e os céus não se alindaram com as mensagens luminosas dos balões. O balão é como o Amor: bonito, mas incendiário... Apraz às almas sonhadoras, que lhes acompanham, no espaço imenso, a rota incerta e precária. E' uma forma de rezar, com menor força ascensional, sem dúvida, mas dotada de luz própria, como as estrelas...

★ ★ ★

Mandar balões ao Céu é como deitar gotas, medrosas, de água, no seio temeroso do Oceano. Que papel exercem esses oscilantes enviados da Terra, no imenso baile de luz do Infinito? Naquela orgia de astros, constelações e poeiras de ouro, o balãozinho dos homens perde-se como um sussurro de medo no tumulto de um temporal desteito... O próprio S. João, recostado num coxim de nuvem (como via Eça de Queiroz a outros taumaturgos), há de rir-se gostosamente da homenagem fragilima e da intenção piedosa... O Cosmos é um incêndio de esferas cujas luzes aquecem o coração dos filósofos mais rebeldes à idéia de um Deus, criador de tudo... Lembrai-vos do nosso endiabrado Bocage. Pois ele mesmo o disse, num dia de maior contemplação para dentro de si mesmo:

"Os milhões de áureos lustres coruscantes,
Que estão d'azul abóbada pendendo;
O sol, e a que alumia o trono horrendo
Dessa que anima os ávidos amantes!

.....
Tudo que há Deus a confessar me obriga..."

★ ★ ★

As cidades são inimigas naturais das festas de S. João. Nelas a fogueira é um escândalo, feito de gravetos acesos, a desafiar as posturas municipais. As luzes urbanas temem a concorrência natural das fogueiras — o primeiro lume que brilhou na face da Terra. O arco voltaico é uma invenção deslumbradora e dispendiosa. Edison apagou, com a flama do gênio, as velhas luzes mortíferas da Humanidade. Depois do graveto aceso tivemos a tocha, a vela grosseira, o gás. A arte de alumiar propende para a extinção da fumaça e dos resíduos... Ora, o balão é, em síntese, uma voadora e inquieta mecha... E' um princípio de incêndio, solto sem destino, no espaço... Os bombeiros olham-no de modo diverso do dos poetas. E' o realismo, na sua velha rixa contra a Ilusão e o Sonho... Vencem os espíritos práticos, porque a Propriedade é um fato — e as leis uma cerca de arame farpado...

★ ★ ★

Os devotos do lendário Ikonã precisam ir aos campos, para dar largas à sua pirotécnica admiração. A Cidade é pretensiosa como uma dama desmesuradamente rica e bonita. Todavia, o Senhor — de quem o Batista foi o anunciante máximo, no mundo pagão, manda limpar de nuvens o céu, em certas noites propícias de Junho... O ar prepara-se para a escalada festiva dos balões. A língua rebrilhante dos brinquedos flamívoros lambe a face macia da Atmosfera. E o frio circunjacente aproxima as almas, e junta, muita vez, os destinos...

★ ★ ★

As festas dos três santos — S. João, S. Pedro e Santo Antônio — são, antes de tudo, reuniões familiares, episódios graciosos da vida doméstica. Celebrá-los num "dancing" internacional, ouvindo canções de terras estranhas, é um atentado contra a Tradição e a Pátria... Deveria ser proibido fazer festas desse gênero na noite cristã daqueles oragos... E' uma impropriedade e uma irreverência...

★ ★ ★

O santo maior e mais popular da trilogia de Junho deve grande parte de sua fama a ter sido martirizado por conta de um ruim coração de mulher. A tragédia de Maqueros enche os séculos com o rumor e a crepitação de enorme fogueira. No cenário do palácio do Tetrarca só existia uma pobreza e uma humildade: João Batista. Foi, todavia, o que ficou, no coração dos tempos, de toda a festa pagã em cujo decurso Salomé pediu, por malvada sugestão materna, a cabeça do Santo.

Por isso é, talvez, que João é assim querido do povo, que nele vê o símbolo alado da alma imortal, a resistir à falaz prepotência do poder terreno. João foi o primeiro mártir de uma fé que ainda não existia. Precedeu a Cristo, e anunciou-o. E' como a claridade, ainda pálida mas já formosa, do dia próximo. Eis o motivo profundo por que a devoção deste santo se faz por entre os estampidos brutos da pólvora e a graça ligeira dos balões...

BERILO NEVES



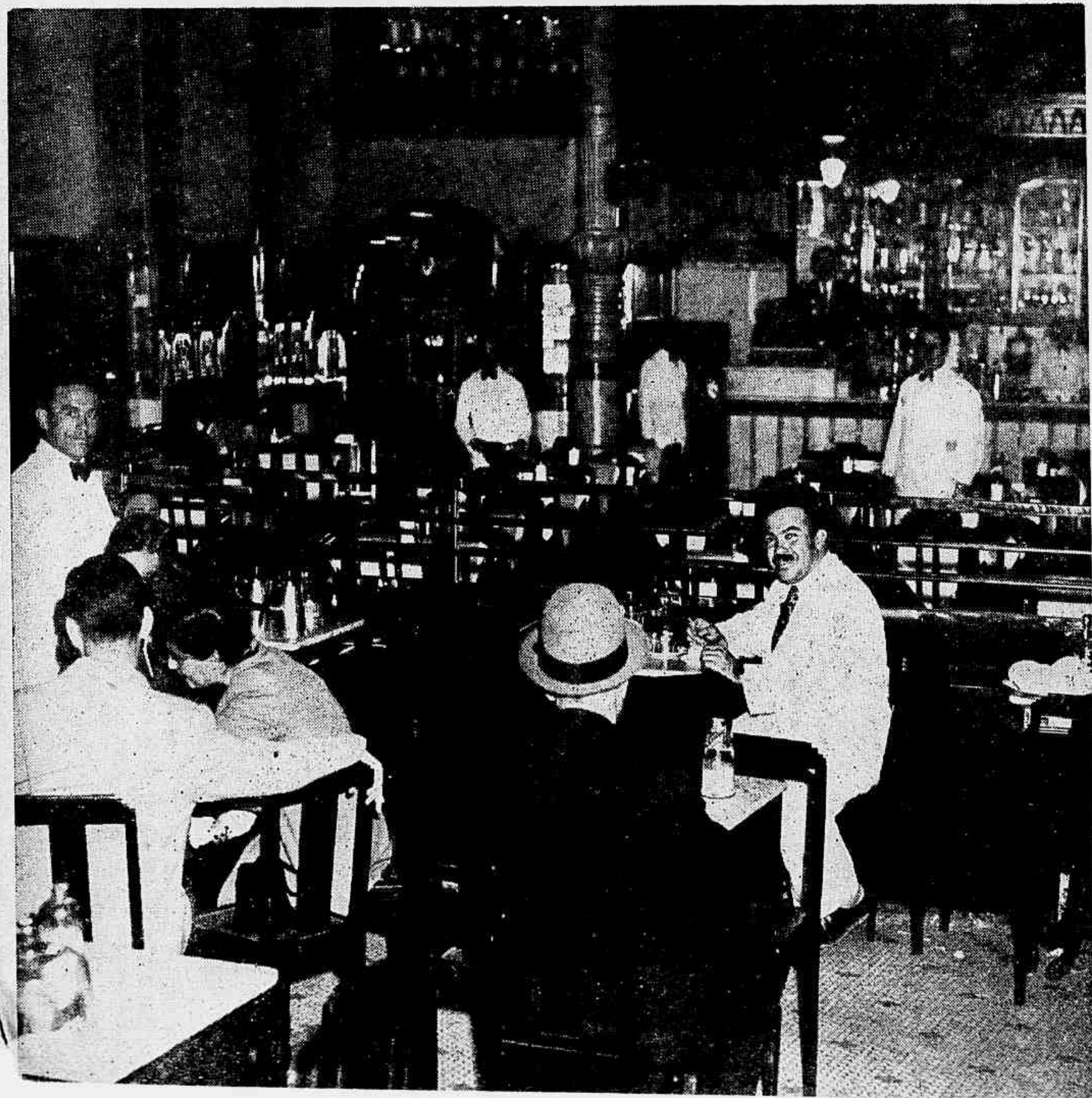
O "café caneca", vendido antigamente a três vintens, custa hoje um tostão. Por este preço é servido ao freguês uma bebida escura e açucarada, numa canequinha de louça. Os operários ingerem o líquido e, com um pouco de boa vontade e auto-sugestão, pensam haver de fato bebido um cafésinho gostoso.

Do café caneca ao café expresso

JÁ NÃO É MAIS POSSÍVEL O "BATE-PAPO" DE VINTE CENTAVOS — O NICE É CASA DE CHÁ — O SIMPATIA E SEUS FREQUENTADORES — RECORDAÇÕES DO "CAFÉ-CANECA"

JÁ disse alguém, e parece ser verdade, que os cafés são o retrato de uma cidade. Os cafés do Rio de Janeiro, pelo menos, trazem em si a síntese de toda a vida cidadina, correspondendo entretanto cada um deles a um mundo diferente, com populações inteiramente antagônicas. Isso acontece até hoje. Amanhã, porém, seremos uma cidade igual a São Paulo; os homens apressados se confundirão, sem distinção de classes, na comunhão dos cafés-em-pé, onde tanto poderemos encontrar ao nosso lado um corretor de imóveis, como um poeta romântico desiludido da vida. Tudo nos indica que marchamos aceleradamente para esse estado de coisas, pois vão

Um aspecto que ninguém mais verá. Estão se acabando os cafés-sentados do centro da cidade. O Nice se transformou em casa de chá, o Amarelinho a certas horas já não funciona como café. Os grandes cafés-em-pé tomam o lugar das tradicionais casas do gênero. Acabou-se o descanso barato de duzentos réis.



A Casa Simpatia, onde se reuniam durante todo o dia homens de paletots rôtos para discutir negócios de dois milhões de cruzeiros, também está fadada a desaparecer como café. Ficarão o chopp e o côco verde. Mas essas bebidas são muito caras para os "grandes negociantes". Assim o câmbio negro mudará de casa.

desaparecendo sucessivamente os velhos e tradicionais cafés do centro da cidade, cujas feições pitorescas e características nos dão logo a idéia da vida dos ocupantes de tôdas as suas mesas.

Antigamente havia no Rio de Janeiro uma distinção perfeita entre os frequentadores de cada café, que se dividiam por classes, profissão e até mesmo por nacionalidade. Ainda existem, é verdade, alguns estabelecimentos dessa natureza que congregam uma comunidade homogênea de velhos "habitués", mas os seus proprietários tentam transformá-las já em confeitarias ou casas de chá, visando mesmo o desaparecimento dos fregueses dos cafezinhos pequenos, que mais conversam ou discutem do que gastam.

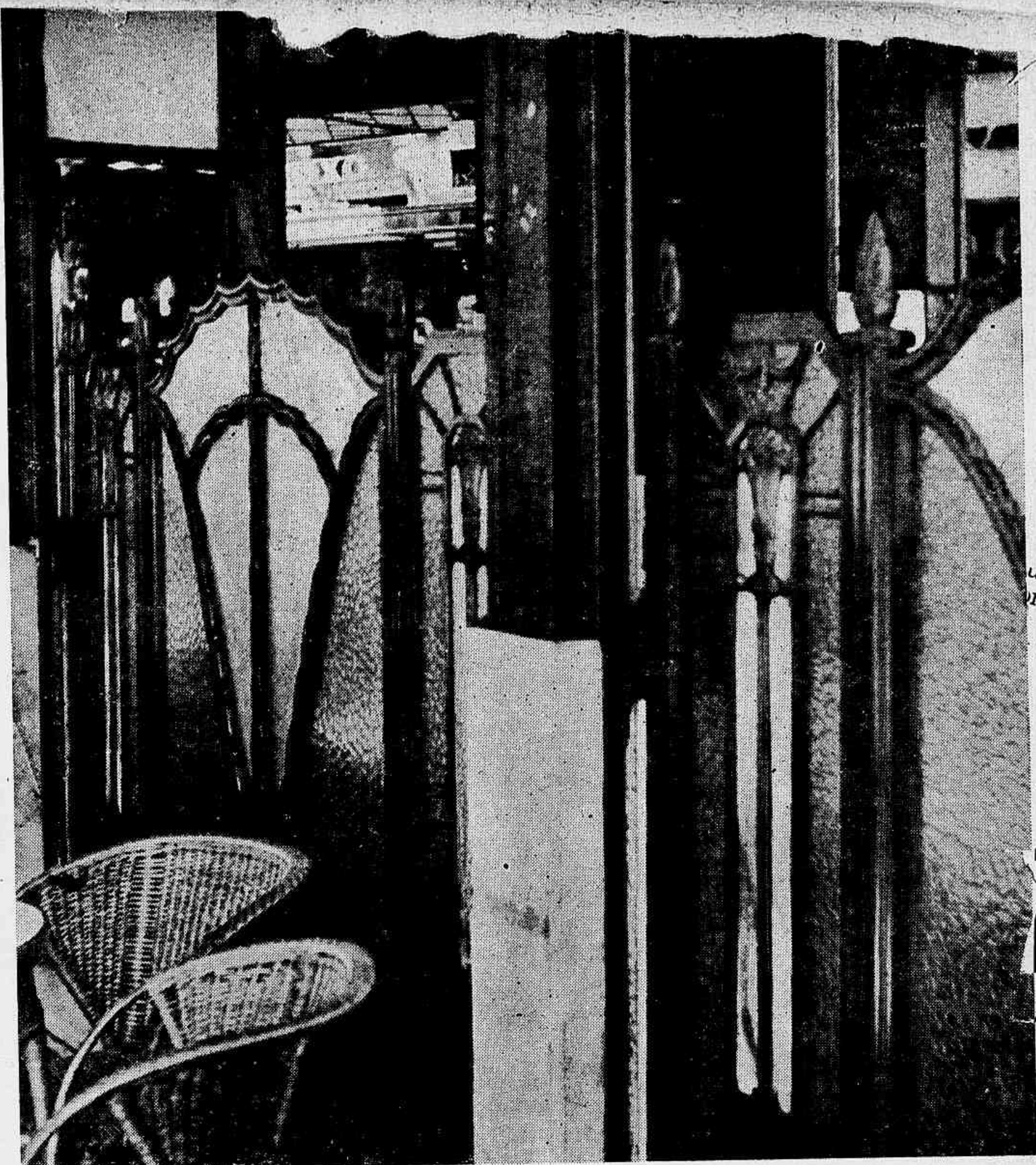
ERA UMA VEZ OS CAFÉS COLORIDOS

Era uma vez os cafés coloridos... Que bons tempos aqueles!

Assim com certeza não de se lamentar daqui a meses os velhos "habitués" do Vermelhinho, do Douradinho e do Amarelinho, quando ali encontrarem as mesas vedadas ao café pequeno. E o gerente justificará a transformação, alegando o encarecimento da vida, que não permite mais a ninguém viver à custa do café de vinte centavos.

Seguindo o exemplo das outras casas do gênero, esses cafés terão porém que se adaptar à nova vida da cidade, que não comporta mais lugar para eles. Alguns já chegaram mesmo

"Pede-se não estacionar à porta". Este letreiro pôsto na Casa Nice, traduzido para o bom português, sem requintes de delicadeza, quer dizer o seguinte: "E' expressamente proibida a entrada de sambistas e jogadores de futebol". E para que mais eloquente seja o aviso, os proprietários puseram biombos nas portas.



transformar-se por completo. Assim aconteceu com a Casa Nice, onde se reuniam todos os dias os jogadores de futebol e os compositores populares da cidade. Nas mesas de mármore, os dedos nervosos tamborilavam melodias novas e os sambas de maior sucesso iam assim nascendo naquela esquina, que era, há poucos dias atrás, o arsenal onde se formava todo o material para os programas populares de nossas emissoras.

"É PROIBIDA A ENTRADA"

Isso era antigamente. Nos fundos da casa Nice estavam dispostas as mesas que destinavam apenas ao serviço de bar e confeitaria, cobertas por alvas toalhas. Ao cafezinho e seus admiradores — os sambistas e os jogadores de futebol — destinava a casa a outra dependência, posta na frente, que se comunicava com a rua pelas portas abertas.

Hoje a coisa mudou de figura. Nas mesas colocadas no passeio nunca se pôde tomar café. E lá dentro também já não se pode compor um samba por vinte centavos. E, parece que mesmo para a frequência dos sambistas, foram colocados biombo de vidro fôsko nas portas, que fazem do interior da nova casa de um recinto fechado.

Mas os velhos "habitués" da casa não perdem o vício de compor ou discutir futebol naquela esquina da Avenida com Bettencourt da Silva. E, já que a entrada no tradicional café hoje o preço de um chocolate, eles perdem hoje de pé, na ponta da calçada, a caixa de fósforos em punho, "tirando" novas melodias.

Desapareceu o Nice como café. E os outros estabelecimentos congêneres da Avenida lhe seguirão o exemplo dentro em breve. O Amarelinho, ponto de reunião de intelectuais incompreendidos, durante um período de tempo que vai das 17 às 19 horas, também se transforma em casa de chá. Assim, os cafés-em-pé ganham prestígio e popularidade. Eles representam o nosso futuro, a última etapa de nossa americanização. Amanhã, talvez os próprios bars da cidade nos apresentem uma fisionomia diferente, passando a servir a bebida em balcões compridos, diante dos quais se alinharão os banquinhos altos. Assim é a América, assim seremos nós. Começamos pelo Coca-Cola, acabaremos pelo "chawring-room". Desaparecerão, ou melhor, já estão desaparecendo os nossos tradicionais cafés, onde podíamos bater um papinho longo pela módica quantia de dois tostões. Hoje, a ninguém mais interessa vender um café por esse preço. Diz-nos um proprietário de café:

"Não é possível mais conservar a tradição das velhas casas da Avenida. Um café a Cr\$ 0,20, com direito a duas horas de descanso, acabaria hoje me levando à falência. Eis por que resolvi, embora a contragosto, transformar o meu estabelecimento numa casa de chá. Com os preços que me estão sendo cobrados por tudo o que necessito para manter a minha casa, o café me seria uma tradição muito dispendiosa."

Assim falou o dono de um antigo café. E agora a queixa de um dos sambistas banidos do Nice:

"O que eles queriam era aumentar o preço do cafésinho. Como não conseguiram, aca-

baram com o café. Mas eu vou fazer um samba "marretando" eles."

NADA ALÉM DE DEZ CENTAVOS

O Nice transformou-se em casa de chá. O alto preço da vida ou a sede de maiores lucros levarão brevemente os proprietários dos outros cafés centrais a seguirem o exemplo daquela casa. Já hoje poucos restam dos nossos cafés tradicionais.

Há ainda o Simpatia, onde se reúnem homens de ocupação desconhecida, que falam em negócios de dois milhões de cruzeiros para cima, escondendo sob as mesas as mangas poídas dos paletots adquiridos em tinturaria. Existe ainda, é verdade, o "Chave de Ouro", onde pela madrugada, as taxi-girls exaustas comem apressadamente um bife com fritas e os boêmios solitários tomam o seu cafésinho amargo. Temos, além desses, no largo do Machado, o Lamas, também tradicional na crônica da boemia carioca.

E ainda restam espalhados pela cidade, no Catete, junto à Estrada de Ferro e perto da praça Mauá, os últimos remanescentes dos "cafés-cameças", onde é oferecida aos fregueses, pelo preço de um tostão, uma canequinha de louça contendo um líquido marron e açucarado, a que os donos da casa dão o nome de café.

Mas é de esperar que tudo isso se acabe brevemente e que então nos contetemos com a monotonia dos novos cafés-em-pé, onde nos dão a famosa rubiácea por vinte centavos, sem direito à conquista da "vendeuse" uniformizada.

ao que ficamos reduzidos — Cafés-em-pé. Por vinte centavos, tirados do fundo do bolsinho do paletot, não merecemos sequer a consideração de uma cadeira empoeirada. Por dez centavos, gota pequenina de nosso suor, não temos direito a nada além de um cafésinho. Cafésinho tomado às pressas diante do balcão de mármore, sem descanso e sem "bate-papo". Quando a famosa rubiácea nos é propinada por uma menina bonitinha, ainda nos consolamos da falta de cadeira. Mas quando são garçons que servem nos cafés-em-pé, então verificamos que tudo está realmente perdido...



NESTE NUMERO

ANO XLVI -- N.º 27 -- 7-7-945

REPORTAGENS

Do café-caneca ao café-expresso	4/6
Figuras e Fatos	28/29
Jockey Club	30
"Eu fui menino-prodígio"	36/37

LITERATURA

Junho e os balões (Berilo Neves)	3
O Cego (John Adams)	15
Um opúsculo de 1816 (Escragnolle Doria)	22
A Aventura (Keith Marlowe)	23
A desapareição de Marc O'Brien (Jack London)	34/35
Amor Culinário (Margery Reid)	39
Livros Novos (J. L.)	44/45

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	31
Hollywood apresenta	32/33
Modelos Avulsos	43 e 46
Modas de Inverno	48/49

CURIOSIDADES

A volta de Eisenhower	11
O cão — nosso bom serviçal	12/13
O destino melancólico de Goering	24/26

SECÇÕES

A Semana em Revista	8
De Cinema — De Música	14
A "Revista" em Hollywood (Luiz Serrano)	16/17
Aconteceu no Rio	27

CARICATURAS

De Bom Humor	18
"Charge"	38
Raul	54

TEATRO

"Os Dois Candidatos"	19/21
----------------------------	-------

EXTRA

A REVISTA DA SEMANA institui um grande certame literário	9/10
--	------

NOSSA CAPA

Um encantador modelo apropriado para os dias frios que as nossas elegantes estão conhecendo, é apresentado na sobrecapa desta edição, posado por Andrea King, "estrêla" da Warner. Nossos figurinos, em sua maioria extraídos de pôses especiais das mais belas artistas da tela e enviadas diretamente de Hollywood pelo nosso correspondente Luiz Serrano, têm feito sensação. E este, que reúne um conjunto admirável de chapéu e capa, há de certamente repetir esse pequeno acontecimento mundano.

Mas a REVISTA, depois do sucesso magnífico de sua grande edição natalícia, ainda hoje aparecendo com seu número de páginas aumentado e sem acréscimo de preço, reúne neste número vários e palpitantes assuntos: o Concurso de teatro, contos e romances, tão bem recebido pelo público e os interessados; a reportagem dos cafés cariocas; o histórico fotográfico da comédia "Os dois candidatos"; as secções mais desenvolvidas de cinema e música, além de outras páginas femininas, constituem um motivo de agrado e de palpitante interesse para os leitores em geral e as representantes do belo sexo, particularmente.

Como foi anunciado em nosso número anterior, tendo o Departamento de Publicidade da REVISTA DA SEMANA recebido, à última hora, grande volume de material ainda comemorativo do 45.º aniversário desta publicação, damos hoje o restante desse material, aumentando para isso as páginas do presente número, sem, todavia, ser feito qualquer acréscimo no preço da venda avulsa.



Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando estes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a este respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convem limpar estes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, pêsos, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na boca, empachamento, pêsos e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos estes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

Aconteceu...

HÁ 30 ANOS

Havia sido fundada em 1915, no Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, com a finalidade de reabilitar o nome da nossa literatura, então caída na sargeta, não só pela linguagem dos nossos intelectuais como também pela sua linha de conduta.

Referindo-se a esse cenáculo, publicava a REVISTA DA SEMANA em 17-7-915 o seguinte sulto:

"A nossa República das letras já teve três famas perigosas: a de conquistadora no período romântico em que o poeta era um sedutor diabólico de corações; a de turbulenta no período magnífico em que surgiu na arena literária, como uma legião de filibusteiros, a geração arrebatada, generosa, idealista, a que pertenceram Nery, Patrocinio, Aluizio, Murat, Bilac, Coelho Neto e outros; geração que fez a campanha abolicionista e a da República; e, finalmente, a fama de má língua. Esta é a fama atual, nada lisonjeira para os literatos.

Aconteceu há dias que um jornalista e poeta paulista de grande nomeada, em visita à nossa Capital, procurando em companhia de um amigo a sede da Sociedade Brasileira de Homens de Letras, situada na rua Gonçalves Dias, e não sabendo sequer o número do prédio em que a mesma se localiza, exclamou de repente, ao deparar com uma taboleta que anunciava: "Linguas Vivas":

— Eureka! Eis o dístico do templo das letras!

Com efeito, por uma maldosa cumplicidade do acaso, aquele anúncio de professor de línguas estava pôsto no prédio onde funciona a Sociedade Brasileira dos Homens de Letras.

Deve-se porém acrescentar, a bem da verdade, que a Sociedade se fundou para cortar essas más línguas que envenenam a nossa literatura, e não para afiá-las.

Assim era tratada a nossa literatura em 1915. Os seus problemas eram simples, a ingenuidade da época refletia-se na própria Sociedade dos Homens de Letras, que se fundara tão somente para salvar a intelectualidade brasileira da pecha de "Candinha".

E já a REVISTA DA SEMANA acusava os literatos de terem sido d. Juans turbulentos e caluniadores, sucessivamente.

O que diriam os nossos antecessores, redatores da REVISTA daquele tempo, a respeito dos intelectuais de hoje?

Não façamos conjecturas. Aqui não cabem palavras feias...

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

A SEMANA EM REVISTA

ACONTECEU NA NOVA GUINÉ



"Uma tribo governada por uma rainha que possui um harém de 15 homens foi descoberta por dois aviadores americanos e uma "cabo" do Serviço Auxiliar Feminino do Exército norte-americano, que desceram de paracadedas numa região desconhecida na Nova Guiné e que foram recolhidos por um planador.

Um desses aviadores, Alex Cann, declarou que o avião em que viajavam se tinha chocado contra uma montanha, no dia 13 de maio, e que, descendo pela montanha até um vale, descobriram uma tribo, cujos costumes eram completamente diversos das outras tribus da Nova Guiné. Os aviadores foram tratados com cortesia pelos nativos, governados por uma rainha, tatuada de cores brilhantes e muito apreciadora dos homens. Os dois americanos conseguiram ser socorridos antes de se transformarem em "odalisas".

E' este o teor de um telegrama da Reuter que nos dá motivo para longas locubrações. Reconstituamos mentalmente o fato. Dois aviadores e uma "wacs".

perderam-se nas selvas das montanhas. Desceram pelos declives e desfiladeiros e foram se meter no meio de uma tribo desconhecida e selvagem, governada por uma rainha terrível, dona de muitas vidas e de muitos homens.

Essa cruel soberana, para seu uso exclusivo, guardava no seu "harém", muito bem custodiados por guardas especiais, nada menos de quinze "odalisas", escolhidos entre os melhores guerreiros da tribo. O "clan" a reverenciava, ela era soberana absoluta, a sua palavra era a lei. Mas nem a posição de mando, nem a glória do poder a atraíam tanto como um olhar masculino. Tinha a sede de uma cantora lírica e a capacidade de uma estudante.

Recebeu amavelmente os aviadores que foram ter à sua taba, olhou-os gulosamente e despejou olhares faiscantes de ódio sobre a pobre "wacs".

Os norte-americanos permaneceram alguns dias na aldeia da terrível "salamoa", até que foram salvos pelas forças aéreas. Salvos de que? Salvos da fúria da sultana, libertos do harém...

A notícia nos leva a uma consideração: o que faria essa rainha no Brasil, neste vasto "deserto de homens e de idéias"?

REARTICULAÇÃO PERIGOSA



Apresta-se a cidade para receber, dentro de breves dias, a Força Expedicionária Brasileira. Ela marchará pelas avenidas da cidade, gloriosamente, recebida pelo povo como legítimos triunfadores. No entanto, quando os "pracinhas" brasileiros estiverem atravessando a Avenida, na altura da rua Evaristo da Veiga, mal podem saber que ali mesmo, dentro de um prédio onde estavam instaladas as oficinas de um matutino até semanas atrás, começa a articular-se o Integralismo, o mesmo que sempre viveu cúmplice do inimigo comum do Brasil e, portanto, da Força Expedicionária Brasileira. A denúncia foi dada, claramente, pelo vespertino "O Globo", com a responsabilidade que lhe é característica, em edição de segunda-feira última. Nossos colegas em aprêço descobriram que "os integralistas estão se reorganizando", e que "disfarçados sob as mais diferentes capas que rem novamente trair o Brasil". Alheios ao sentimento geral de repulsa pelas doutrinas fascistas, os antigos seguidores do credo verde preparam-se para ressurgir

sob um disfarce de anjos. E a prova esmagadora foi dada pelo "O Globo", em observação pessoal, descobrindo nos escritórios de vendas de imóveis de um conhecido integralista, seus verdadeiros propósitos. Ali o reporter ouviu que "a morte de Mussolini nas mãos do povo italiano foi uma ignomínia, um vandalismo; o arrasamento de Berlim um crime; a derrota do exército alemão uma injustiça; o torpedeamento de nossos navios um ato de guerra muito natural". Isso não foi imaginado, não é mera concepção, mas tudo foi ouvido pela reportagem. Ao mesmo tempo, em Petrópolis, o "Jornal de Petrópolis" fez denúncia semelhante, apontando o local, na rua Floriano Peixoto da cidade das hortênsias, onde se reúnem os perigosos elementos que batem palmas à felonía dos nazistas por terem torpedeado nossos barcos e, automaticamente, não podem associar-se de coração às homenagens que o povo irá tributar aos "pracinhas" de Monte Castello. As duas denúncias são de maior importância e merecem uma providência por parte das autoridades competentes. Não se trata da formação legal de um partido, mas do reagrupamento dos simpatizantes de um credo que desde logo ameaçou o reporter, "caso fôsse espião", de ser jogado pela janela da sede misteriosa da rua Evaristo da Veiga...

A TRISTE HISTÓRIA DO MARIDO INSETO



Isaura da Silva, ninguém conhece. Faz parte da numerosa família Silva, a maior família do Brasil, que tem os seus membros espalhados por todos os recantos do País. Ela é irmã de todos os Zés da Silva, de todos os garimpeiros, de todos os estivadores, de todos os marroelros, de todos os que têm esse nome "standard" da vulgaridade e da miséria. Mora onde mora a família Silva: mora na Favela, em Madureira... Tem, como todos os seus parentes, problemas tremendos a resolver, problemas que nunca se resolvem, insolúveis. A conta do pai-deiro, por exemplo, é um dos problemas que aflige toda a família Silva. Mas, além dessas questões familiares, Isaura tinha ainda os seus problemas particulares. O marido era um dêles. Marido pacato, aliás, que lhe fazia todas as vontades, contanto que elas não excedessem o seu magro salário de lavrador.

Marido aborrecido, trabalhador rural... Conversa mole todas as noites, carne seca três vezes por semana, miséria a vida inteira, filho de dez em dez meses...

Isaura nas horas de folga, entre o choro de um garoto e uma fralda a lavar, ouvia o rádio na casa do vizinho, que gritava para ela:

"Ai, ai, ai, Isaura
Hoje eu não posso ficar.
Se eu cair nos teus braços..."

As imagens de romances de amor e de aventuras formavam-se na cabeça da pobre senhora Silva. Ela começou a ter sonhos de grandeza, cansou-se da vida. A bem dizer cansou-se mais da vida do marido. Resolveu eliminá-lo. Ouviu falar num "remédio" próprio para matar formigas, que dava cabo dum homem em menos de um piscar de olho. Mas, confundindo formiga com barata, pediu ao marido que le comprasse um "baratol" qualquer. O marido veio à cidade, comprou na farmácia a sua própria sentença de morte. Voltou à casa com um forte resfriado e pediu à esposa que lhe preparasse um chá de poejo, que é o corta-ísses da gente Silva. Isaura exultou. Misturou o "baratol" no poejo, com a habilidade de um leiteiro. O marido bebeu, sentiu-se mal, desconfiou, chamou a polícia. Foi pôsto fora de perigo na Assistência, na enfermaria geral, que é onde se atendem os membros da família Silva. Isaura foi para o xadrez, que é o apêndice de luxo de seus parentes. Tudo por haver confundido barata com formiga. Mas o maior engano de Isaura foi julgar que a morte do marido resolveria todos os problemas da família Silva...

A ESPANHA EM FOCO



"España! Tierra llena de flores
España! Tierra de mis amores..."

Era a voz da cantora, saindo do rádio do café. Enquanto a escutávamos íamos folheando os jornais. Um telegrama anunciava que o Governo Falangista havia se negado a entregar Pierre Laval às autoridades francesas, e insistiam em levá-lo à Inglaterra ou aos Estados Unidos. Com certeza o "caudillo" deve chorar, no seu sentimentalismo latino, a simples suposição de que o sr. Laval seja fuzilado pelos vingativos franceses. E o chefe do Governo de Madrid não poderia sequer dormir depois disso. Cristo o perseguiria com certeza em seus sonhos, se ele fôsse o culpado da morte desse homem. Não.

Franco não entregará Laval à sanha do populacho imundo de Paris. O "leader" direitista será conduzido confortavelmente a Londres ou Washington, se assim o quiserem ingleses e americanos. Mas esses não o querem nem pintado. O simples contacto dos pés desse quisling maculário a terra da América. A presença de Laval na Grã Bretanha enodoaria a glória de seis anos de luta. Além disso, a

complicada situação internacional faz com que os Governos Aliados prefiram que Laval seja entregue à França. E Franco prefere tê-lo como hóspede, numa confortável prisão catalã, fazendo tricô e crochet, ouvindo as descargas do pelotão de fuzilamento que vão deitando abaixo, no pátio do presidio, os últimos remanescentes da República.

Terminamos a leitura do telegrama. O rádio lança sobre o café os acordes iniciais do "Bolero" de Ravel. O som do tambor nos chega de longe, dos vinhais de Valencia, dos campos enlameados de Extremadura, das cidades devastadas de Castella. E' um hino de glória, é um canto de saudade. O tambor ribomba com a força de um obus. Vem de muito longe, vem do fundo das minas das Astúrias, vem do ano trágico de 1936. E' a voz da Espanha que protesta, pela música de seu povo, contra Laval e contra Franco.

Viramos a folha do jornal e lemos a notícia da fundação da Sociedade dos Amigos do Povo Espanhol, da qual faz parte o major Carlos da Costa Leite, ex-combatente das "Internacionais".

Laval não será entregue aos franceses, Franco continua no poder. Mas ainda restará esperança enquanto houver o "Bolero" de Ravel e enquanto houver um amigo da Espanha.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

Revista das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 89,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

Um número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Encomende de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knope & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 68 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

A "Revista da Semana" institui um grande certame literário

Um concurso de teatro com Cr\$ 10.000,00 de prêmio ao autor da peça classificada em 1.º lugar, oferecido pelo Clube Ginástico Português — Um concurso permanente de contos que a REVISTA DA SEMANA publicará — Um concurso de romances — PRÊMIOS "APOLONIA PINTO", "AURELIANO MACHADO" e "REVISTA DA SEMANA" — As bases das três grandes provas — Outros detalhes.

Como noticiamos amplamente em nosso número de aniversário, que circulou a 30 de junho último, a REVISTA DA SEMANA instituiu um triplo concurso literário, destinado a estimular os valores novos das letras nacionais, oferecendo-lhes uma oportunidade para a consagração definitiva de seus trabalhos, através um certame de larga repercussão e altamente compensador para os concorrentes, mormente para aqueles que pretendam se iniciar na carreira das letras.

Esses concursos têm como objetivo primordial o enriquecimento das letras pátrias, com o aparecimento de novos valores aos quais sejam dadas possibilidades de aparecer e vencer, pondo assim a literatura brasileira em dia com a evolução das teorias e das idéias que hoje agitam os grandes centros industriais.

Dividimos assim o nosso certame em três concursos distintos: um destinado a selecionar peças teatrais, outro a contos, e

o terceiro, finalmente, a romances, compreendendo-se em princípio, que para concorrer aos prêmios relativos a qualquer dessas competições intelectuais os candidatos devem apresentar trabalhos inéditos.

Deve ficar ainda patente que de qualquer dos três concursos só poderão participar autores brasileiros natos, por isso que os mesmos têm o fim imediato de desenvolver valores patrícos e amparar vocações artísticas das novas gerações do Brasil.

Repetimos abaixo as bases dos concursos, que têm como patronos o saudoso jornalista Aureliano Machado, que dirigiu durante longo tempo o nosso semanário, para os prêmios destinados aos contos; a atriz dramática Apolonia Pinto, para o concurso de peças teatrais; e a REVISTA DA SEMANA para o de romances.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

DE TRÊS EM TRÊS MESES, SELEÇÃO DE DOZE CONTOS LITERÁRIOS QUE SERÃO PUBLICADOS NAS PÁGINAS DA "REVISTA" — TEMAS DE PREFERÊNCIA BRASILEIROS MAS TAMBÉM GENERALIZADOS — UMA OPORTUNIDADE PARA OS NOVOS — CR\$ 100,00 PARA O AUTOR DE CADA CONTO PUBLICADO.

A REVISTA DA SEMANA institui também, neste número, um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

- 1) O prazo para o primeiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 30 de setembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto aos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, ENRÊDO, ESTILO E UNIDADE DE AÇÃO no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remittentes, na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos serão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

CR\$ 10.000,00 PARA O PRIMEIRO CLASSIFICADO, OFERTA DO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS — REPRESENTAÇÃO DAS PEÇAS COLOCADAS EM 2.º E 3.º LUGARES PELA ESCOLA DRAMÁTICA DA MESMA INSTITUIÇÃO — AS PEÇAS CONTINUARÃO PERTENCENDO EXCLUSIVAMENTE AOS AUTORES.

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores, brasileiro que tenham ou não peças representadas.
- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora, cujos nomes serão divulgados dentro de duas semanas, participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

CONCURSO DE ROMANCES "REVISTA DA SEMANA"

Os múltiplos afazeres a que nos entregamos na elaboração deste certame, impedindo que as bases para os três concursos distintos ficassem terminadas. Trata-se, como os leitores estão observando nestas páginas, de um empreendimento da máxima responsabilidade, ditado pelo mais alto objetivo, o de estimular o trabalho intelectual dos nossos patrícos. Por isso mesmo o regulamento que se prende ao Concurso de Romances será divulgado em número posterior, de vez que ao encerrar os trabalhos desta edição estamos ultimando as demarches naquele sentido. Sem dúvida, as grandes casas editoriais do País estão interessadas nesta nobre iniciativa da REVISTA DA SEMANA, cujo propósito único é o de pugnar pelas artes e as letras brasileiras.

Aguardem, portanto, esse complemento da nossa tarefa; e quanto aos romancistas patrícos, interessados neste empreendimento, podem, desde já, cuidar da elaboração de seus trabalhos, na certeza de serem os mesmos encaminhados em tempo oportuno para a comissão julgadora, que também estamos, neste momento, selecionando.

A REPERCUSSÃO DE NOSSO CONCURSO



A palavra de Viriato Corrêa

Viriato Corrêa, autor de "A Marquesa de Santos", "Yayá Boneca" e tantos outros dramas e comédias de sucesso, é uma das figuras de maior projeção no nosso teatro. Justo seria pois que o ouvíssemos a respeito do concurso de peças teatrais que tem como patrona Apolonia Pinto, que ainda fazia furor em nossos palcos ao tempo de sua estréia como teatrólogo. Conversámos com Viriato pelo telefone. Ele faz elogios pela nossa iniciativa, afirmando que este certame vem preencher uma lacuna há muito existente no teatro nacional. E' ele quem nos diz: "Esse cometimento da REVISTA DA SEMANA é digno dos melhores aplausos por todos aqueles que se interessam de fato pelo teatro no Brasil. Ele representa um estímulo forte para os que se iniciam na difícil carreira de teatrólogo, ao passo que, por outro lado, oferece um magnífico exemplo, dado pelo seu querido semanário e pelo Clube Ginástico Português, a todas as sociedades que se interessem pela divulgação da arte, e a toda a imprensa brasileira.

Queira Deus que outras iniciativas do alcance desta apareçam, em benefício do teatro brasileiro, nesta fase de remodelações radicais que ele atravessa."

Como prevíamos, tão pronto demos a público as bases de nosso triplo concurso literário teve o mesmo a mais ampla e favorável repercussão nos nossos meios artísticos e intelectuais.

As nossas sociedades artísticas e aquelas que congregam as classes dos trabalhadores ligados ao teatro já se manifestaram tôdas, aplaudindo sem reservas a nossa iniciativa e a elogiável atitude do Clube Ginástico Português, que se associou conosco neste importante cometimento.

A Sociedade Brasileira de Críticos Teatrais, Casa dos Artistas e Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, por intermédio de suas figuras mais representativas, já se manifestaram a respeito do grande certame literário que a pioneira das publicações ilustradas brasileiras vem de instituir, sendo unânimes os elogios ao nosso empreendimento por parte dos mesmos. Além dêles, autores e atores teatrais também opinaram sobre o concurso, entusiasmados todos êles pela iniciativa da REVISTA DA SEMANA e pelo apoio a ela emprestado pelo Clube Ginástico Português, a quem se estendem as felicitações que nos têm chegado pela idealização e realização dessa competição intelectual.

Como era nossa intenção, e como têm julgado todos os que ouvimos a respeito do certame, o nosso concurso de peças teatrais repre-

senta, antes de tudo, um grande movimento em prol do aparecimento de novos valores nas fileiras dos autores, oferecendo aos estreantes um prêmio compensador, ao mesmo tempo que lhes dá ainda a possibilidade de se tornarem conhecidos em todo o País. Essa dupla finalidade há de influir por certo para que se interessem vivamente pelo certame todos aqueles que tentam iniciar a difícil e árdua carreira de escritor teatral e que, até agora permanecem no anonimato quase sempre por culpa exclusiva de oportunidades análogas a esta, que hoje vem a REVISTA DA SEMANA lhes oferecer, sem preocupações outras que não seja a valorização da nossa arte cênica, no momento em que ela toma o lugar que realmente lhe cabe na educação artística e cívica de nosso povo.

Tal é pois o fim do nosso concurso: facultar aos novos os meios de se tornarem perfeitos teatrólogos, ocupando desde logo um lugar de destaque no seio de sua classe, e adquirindo a consciência profissional que os faça distanciar do diletantismo pernicioso, que tem sido, até hoje, o maior inimigo de nossa cultura e de nossa civilização.

O PRÊMIO "APOLONIA PINTO" E A COMISSÃO QUE JULGARÁ OS TRABALHOS

Como já é do conhecimento de nossos leitores, o Clube Ginástico



Fala o presidente da S. B. A. T.

Não poderíamos deixar de ouvir a palavra do presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, em torno do concurso que vem de ser instituído pela REVISTA DA SEMANA. O sr. Geisa Boscoli, pessoa autorizada, tanto pela posição que ocupa na S. B. A. T., como pela sua fé de ofício como teatrólogo, prontificou-se a falar a respeito do grande certame. Recebeu-nos amavelmente na sede da Associação que dirige e, com a versatilidade que lhe é peculiar, expôs a sua opinião:

"A Sociedade de Autores Teatrais não é, ao contrário do que muitos pensam, uma organização destinada apenas a cobrar os direitos autorais dos teatrólogos. E', antes, uma associação destinada a amparar e proteger o teatro e todos os que dele fazem o seu meio de vida. Assim, vemos com bons olhos tudo o que tenha por fim o engrandecimento da arte cênica. O concurso ora instituído pela REVISTA DA SEMANA com o apoio moral e material do Clube Ginástico Português, merece os mais vivos e entusiásticos aplausos de nossa sociedade, não só por que representa um grande exemplo às organizações artísticas de todo o Brasil, como porque é ainda um seguro esteio para as vocações que se formam."



A opinião de Odilon de Azevedo

Procurámos ouvir também, em nossa rápida enquete em torno do concurso de peças teatrais que acabámos de instituir, a palavra de um ator. Lembrámo-nos de pronto do nome de Odilon de Azevedo, que vem de firmar a sua reputação como grande intérprete dramático com a atuação brilhante que desenvolveu em "Chuva", como aquele notável pastor protestante criado por Maugham.

Odilon entusiasmou-se com o certame que vimos de lançar e teve as mais elogiosas palavras para o nosso empreendimento, que taxou de "única na história da imprensa ilustrada brasileira".

Interrogado sobre a impressão que lhe deixara a notícia do concurso que instituíamos, Odilon respondeu-nos:

"Não poderia ser melhor do que foi. Eram iniciativas desta natureza que estavam fazendo falta ao teatro brasileiro. Precisamos dos valores novos, que por aí muitas vezes se perdem unicamente por falta de apoio e de estímulo.

Em virtude do prestígio da REVISTA DA SEMANA nos meios intelectuais, seria para o vencedor um belo prêmio apenas a honra de haver merecido o primeiro lugar entre os concorrentes.

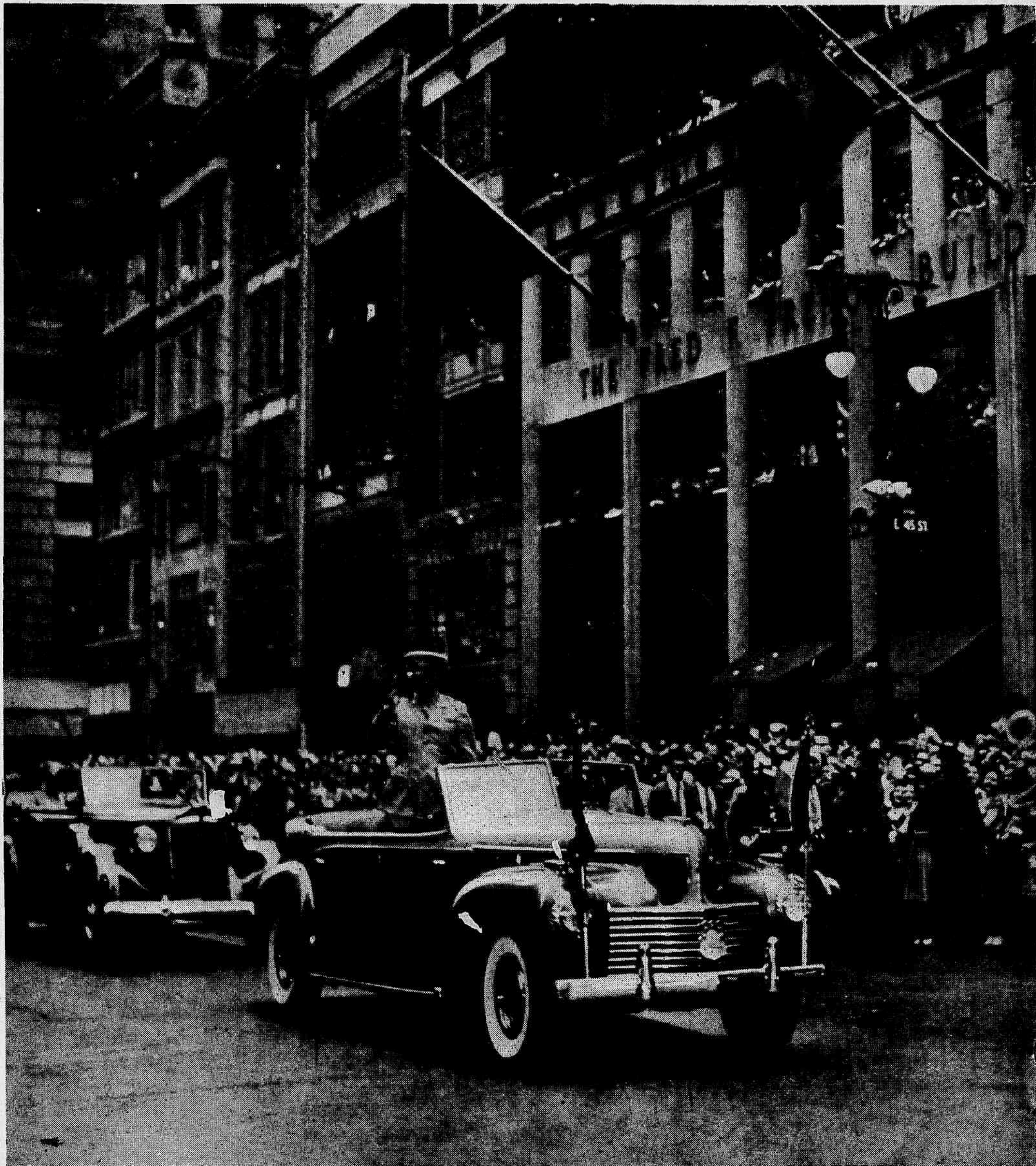
Português, apoiando moral e materialmente o nosso concurso de peças teatrais, instituiu um prêmio de dez mil cruzeiros em dinheiro para o candidato cujo trabalho for dado como o melhor pela comissão julgadora dos mesmos.

Durante seis meses, a partir do julgamento, o Clube Ginástico Português ficará com o direito de representar a peça premiada; cujo autor dessa data em diante se libertará de qualquer compromisso para com aquela agremiação. A Escola Dramática do Clube Ginástico Português levará ainda à cena as peças classificadas em segundo e terceiro lugares, reservando aos seus autores a parte que lhes cabe por lei sobre a renda de bilheteria.

Da comissão julgadora do concurso farão parte um representante da REVISTA DA SEMANA, um representante do Clube Ginástico Português, um da Casa dos Artistas, um da S. B. A. T. e um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais.

Podemos entretanto revelar desde já o nome dos três demais componentes da Comissão Julgadora do Prêmio "Apolonia Pinto". São êles: Celestino Silveira, redator-secretário da REVISTA DA SEMANA, representando o nosso hebdomadário; Daniel Rocha, re-

Até o momento em que redigíamos estas notas ainda não haviam sido escolhidos os representantes da Casa dos Artistas e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.



Nova York recebeu entre flôres, aplausos e as mais estrepitosas manifestações de carinho o triunfador. Ele voltou depois de conquistada a Vitória pela qual se batiam as forças armadas do grande país, e voltou com o sorriso manso e confiante de um verdadeiro filho de Kansas, onde realmente nasceu o comandante em chefe dos soldados das Nações Unidas. E naquela manhã luminosa de junho a metrópole americana enfeitou-se, as casas comerciais cerraram suas portas e o povo comprimiu-se pelas calçadas para ver de perto o herói da atualidade. Era o general Dwight D. Eisenhower, comandante supremo das Forças Aliadas na Europa, que passava em carro

aberto, sem polícias secretas nem investigadores... A fotografia foi batida quando o general passava pela Quinta Avenida da cidade, sob tremenda ovação das multidões entusiasmadas pelos seus brilhantes feitos durante a guerra. Existe, porém, um detalhe comovente e muito grato para nós, brasileiros, no instantâneo fotográfico que ilustra esta página. Veja-se, no prédio em último plano, flutuando lado a lado, as bandeiras norte-americana e brasileira. Drapejando ao vento, elas saúdam também o homem de energia que enfrentou as "aguerridas" tropas de Hitler, levando-as de vencida. Sabia o povo estar saudando um soldado na legítima expressão do termo, des-

ses que expõem a própria pele e não apenas de seus comandados, homem de rija tempera e de ânimo erguido, que jamais se quebrantou mesmo diante dos perigos mais áperos. Quando nos preparamos, também aqui no Rio de Janeiro, para homenagear os "pracinhas" patrícios, de volta da sua gloriosa campanha na Itália, e onde também destemidos oficiais elevaram bem alto o conceito das armas nacionais, é-nos particularmente gratificante observar o grau de entusiasmo que se registrou junto à população "yankee". Entusiasmo que se repetirá, ainda este mês, aqui pela avenida Rio Branco, com o desembarque próximo dos expedicionários verde-oliva.

A VOLTA DE EISENHOWER

Por HULDINE V. BEAMISH
Copyright do B. N. S., especial
para a REVISTA DA SEMANA

EM se tratando de adextramento de cães, o principal objetivo é, por certo, alcançar a mais perfeita cooperação entre o homem e o animal.

E' bem provável que o cão domesticado tenha sido usado a princípio pelo homem primitivo como companheiro para a caça. Mais tarde, porém, quando os primeiros ruminantes foram capturados e domados, o cão já era um membro indispensável da comunidade e dava conta de diversos encargos. A guarda dos rebanhos é uma das muitas tarefas que foram confiadas aos cães e até hoje constitui verdadeira tradição na Grã Bretanha.

As Ilhas Britânicas têm produzido diversos tipos de cães pastores, mas, da mesma forma que os cães perdigueiros, nem todos são remunerados. Devido à natureza da paisagem campestre da Inglaterra, com seus pequenos campos cercados por sebes, muros ou rios, o pastoreio não é das tarefas mais difíceis, devendo-se acrescentar, outrossim, que os grandes rebanhos de ovelhas perderam muito da agilidade e selvageria de seus antepassados. Nas regiões sulinas o cão de fazenda que aí se encontra frequentemente é um tipo inferior ao velho cão pastor inglês. Os seus encargos são os mais diversos, porém não requerem atributos especiais. E' fácil para esses cães montar guarda às ovelhas enquanto o pastor as examina. Possivelmente a sua missão mais importante consista em ir procurar o rebanho na hora da ordenha e conduzi-lo através das extensas campinas. Geralmente os fazendeiros da parte sul das Ilhas Britânicas não se dão ao trabalho de treinar os seus cães e em consequência eles não desenvolvem muito a sua sagacidade.

Já nas regiões mais agrestes do País de Gales, nas charnecas de Yorkshire, e para o norte em direção à Escócia e às Ilhas, as condições não são as mesmas. Os grandes traços de terra com um ou outro regato tranquilo servindo de limite tornam o pastoreio tarefa algo mais difícil. E' neste ambiente com seus

Belo exemplar de cão pastor comumente encontrado nos grandes tratos de terra da Escóssia e do País de Gales. O animal cuja afeição pelos donos atinge o seu ponto mais alto, ele serve também para vigiar as propriedades durante a noite. E não há quem se atreva a enfrentá-lo, porque fatalmente irá sair-se mal da empresa...

O cão — nosso bom serviçal

Enquanto as ovelhas pastam despreocupadamente o cão lhes monta guarda, permitindo assim que os pastores se entreguem a outros misteres. Ele permanece no campo, de sol a sol, sem arredar-se um instante sequer. E quando alguma das ovelhas se desvia do lugar, rumando para outras terras que não pertencem ao dono, o cão as faz voltar ao aprisco, com seus latidos que elas bem conhecem. Os cães dos pastores escoceses são serviçais preciosos e contribuem para o sossego e a paz gerais.





Por um momento sequer o cão pastor descuida das ovelhas cuja guarda lhe foi confiada. Se o dono esqueceu-se de lhe deixar a refeição, ele não se perturba e fica sem se alimentar o dia inteiro, enquanto as ovelhas não fazem outra coisa. Compreendendo o grau de sua responsabilidade, o fiel companheiro do camponês ali permanece, ao sol e à chuva, tomando o lugar que seria desempenhado por um homem se ele, o cão, não existisse. Mas os pastores pagam-lhe com o melhor de sua amizade e uma lauta ceia, quando voltam...

pequenos "cottages" caiados de branco ou de pedras escuras que os cães pastores vivem e trabalham. E' muitas vezes na luta contra a fúria dos elementos que a cooperação entre o homem e o animal atinge o maior grau de compreensão.

Os cães escoceses são pequenos, magros e de corpo alongado. A cor predominante é o preto com manchas brancas, e quando em movimento esses cães são de uma graça e velocidade inexcitáveis.

O principal alimento desses fiéis companheiros do homem é aveia e leite e mesmo em tempos normais raramente comem carne.

Os concursos de cães pastores, realizados frequentemente em fins do verão ou princípios do outono, são naturalmente levados a efeito em espaços mais limitados, embora muitas vezes sejam escolhidas as colinas e encostas escarpadas onde os cães possam demonstrar todas as suas habilidades. Essas competições são muito animadas e os fazendeiros muitas vezes percorrem longas distâncias para assisti-las. Todas as pessoas que gostam de cães devem fazer o impossível para assistir uma dessas provas, seja na Inglaterra, no País de Gales ou na Escóssia. Sem exagero, é uma revelação, e acredito que será difícil encontrar espetáculo que se lhe assemelhe em qualquer outra parte do mundo.

Mr. Rolph, fazendeiro em Cumberland, deixa-se fotografar em companhia de "Meg" e "Flect", dois cães pastores por ele treinados. Esse trenó consome alguns meses, durante os quais os cães submetem-se a um aprendizado em regra. Mais tarde os próprios cães ensinam os descendentes. Existem gerações de cães pastores, cada qual mais precioso e útil.



C I N E M A M U S I C A

"Vaidosa"

Procure-se um argumento de filme onde exista, logo de entrada, um tipo de mulher em certos recalques — e dê-se esse papel a Bette Davis. Haverá desde logo a certeza do filme sair bom, ou pelo menos com noventa por cento das possibilidades nesse sentido. O essencial é que a mulher "pivot" da história, a alma feminina em aprêgo, tenha complexo e tendências anormais. Não há, no cinema destes últimos tempos, atriz que melhor adapte a essa classe de personagens senão Bette Davis. Ela conseguiu uma situação dominante e a sabe manter quando tantas outras claudicam e vêem esboroar-se por completo seus velhos foros de celebridade. O fator número um do sucesso de Bette Davis não está nem na sua beleza nem na sua elegância, mas na faculdade que possui de traduzir seus mais delicados estados d'alma. Com um modo de sorrir, o sobrílio ligeiramente repisado, ela sabe dizer-nos que por dentro seu coração anda em maré alta e revolta. Seus trejeitos de lábios, aquele rictus mais vincado, junto à comissura dos lábios, fala-nos, melhor que todas as palavras, de suas ânsias insatisfeitas, da inferioridade em que se vê junto a outra mulher. Quando é a esposa — tem a rival na secretária de marido, na mulher mais moça ou mais bela. Quando é a rival — sofre as contingências do destino que a fez ficar sendo a "outra", o pómo da discórdia conjugal. E sofre sempre, a princípio com disfarçada resignação, mal traduzindo seu drama interior, para extravasar de súbito, num jorro violento e forte que arraza céus e terras. Assistem-se a seus filmes na expectativa do inevitável: o transbordamento dos nervos. E isso também acontece em "Vaidosa". Ainda uma vez a história da mulher que não esperava envelhecer, olhando as demais com uma pontinha de piedade, ela que ainda é moça e requeira por tantos homens... E esquecia que o tempo ia passando, que a maturidade ia bater-lhe à porta, sem ligar muito à única afeição capaz de ampará-la mais tarde, a do marido. É o conflito da mulher frívola, desamparada quando o outono toma o lugar da primavera, o que nos dá esse filme. Falta a essa mulher o segredo para envelhecer com resignação, porque lhe falta um grande amor. Casou-se porque era preciso casar-se para resolver um problema econômico. Seu marido sabe ser condescendente e generoso, quer bem à esposa e até na velhice lhe perdoa os devios matrimoniais. Só então, quando a idade chegou e a revolta domina essa pobre mulher, ele compreende que se enganou por tantos anos. Jamais foi amado. E o conflito chega ao "climax" com as verdades que se trocam e as realidades pavorosas que têm ambos de enfrentar. A partir de então, o que mais podem esperar? Ele a resignação, o afastamento de casa, a companhia da filha. Ela a revolta interior, sempre mais aguçada, e o desespero de lhe faltar com a mocidade, o cortejo de outros homens.

Nesses dois papéis soube a Warner colocar um casal de esplêndidos intérpretes. Se Bette Davis é a heroína apropriada, é Claude Rains o marido correto e generoso, um ator de fibra, bem pôsto no seu tipo e mantendo, irreprochável, aquela conduta que não vem de uma longa experiência, mas acima de tudo do seu imenso talento dramático. Por sinal que o momento de maior emoção em "Vaidosa" transcorre sem a presença de Bette Davis, aquele do restaurante, jogado entre Claude Rains e a filha. O filme pertence a ambos, Bette Davis e Claude Rains. Está equilibrado, com absoluta unidade, e vale ainda ser assistido pelo curioso desfile de modelos apresentados pela "estrela", num aparato retrospectivo, que vem desde as modas de 1914, hoje pitorescas, mas não ridículas quando evocadas pela artista. "Vaidosa" é espetáculo que se recomenda, filme caracteristicamente de Bette Davis. — C.

Cotação: 3 (MUITO BOM)

A partir de hoje a REVISTA DA SEMANA publicará nesta coluna a apreciação de uma das boas estréias da semana, ou da melhor, serviço feito em combinação com a crítica cinematográfica de "Cine-Rádio Jornal", programa irradiado pela PRE-3, Rádio Globo, em todos os dias úteis, das 12.30 às 13 horas.

Bette Davis e Claude Rains, que vivem os protagonistas de "Vaidosa", uma das boas apresentações da temporada e onde os dois consagrados artistas têm oportunidade para dar largas ao seu pronunciado temperamento dramático.



Kleiber rege a Nona Sinfonia

O primeiro movimento da Nona Sinfonia nos conquista; o segundo nos encanta; o terceiro — a meu ver, momento culminante — nos arrebatava; o quarto começa bem e termina decepcionando.

Sei que estou me expondo à acusação de falta de respeito para com um gênio, mas, francamente, não vejo razão para considerar magníficos os trechos que me parecem menos perfeitos das obras de um dos maiores compositores de todos os tempos. Por outro lado, também me confesso incapaz de perceber em que o diminui o fato dele não ser consistentemente, invariavelmente — quase diria implacavelmente — grande. Não é um desmentido da sua genialidade: é uma confirmação de que, afinal, ele era um homem com qualidades extraordinárias, mas humanas, e defeitos insignificantes, porém humaníssimos. Aliás, é o próprio Beethoven quem ridiculariza os admiradores intransigentes e exclusivos. Certa vez o discípulo predileto do mestre tocava para uma condessa embevecida uma série de composições deste. Ela, porém, era insaciável e, esgotadas todas as peças de Beethoven, que conhecia de cor, Ferdinando Ries pôs-se a improvisar. A condessa não tardou em comparecer à casa do compositor para felicitá-lo pela "nova" obra. Inteirado pelo jovem do que sucedera, Beethoven exclamou: "Veja como sentenciam sobre música esses famosos entendedores. Basta o nome de seu compositor predileto para que eles se extasiem como diante de uma obra-prima".

Na Nona Sinfonia os coros parecem — como de fato são — um acréscimo posterior à concepção da obra. Beethoven tinha, havia muito tempo, a intenção de dar à "Ode à Alegria", de Schiller, uma realização musical adequada: encaixou-a na sua sinfonia. Porém, apesar de sua habilidade, o suplemento não se adaptou bem ao conjunto e dá a impressão de uma excrescência. Os coros, em si, têm trechos belíssimos, se bem que, como sempre, Beethoven maltratasse as vozes ou as tratasse mal, como queiram.

Ouvindo a interpretação de Kleiber lembrei-me da maneira de reger do compositor. A figura discreta e vigorosa de Kleiber superpôs-se o gigante com suas exuberâncias: "regia como um palhaço", escreveu certo cronista contemporâneo de Beethoven, "fazendo o público rir dos seus trejeitos". Risos que ele não ouvia, porque era surdo. Entristece-me a incompreensão: seria mais patético que ridículo o arrebatamento do compositor.

Subitamente quebrou-se o encanto, e o côro irrompeu, no quarto movimento, admiravelmente dirigido por Kleiber.

Todos se esforçaram. Seria injusto, entretanto, deixar passar sem uma menção especial a atuação muito segura de Maria Helena Martins.

Terminada a execução o côro, os solistas e os músicos prenderam o maestro, como-vi, entre suas palmas e os aplausos do público.

Novamente lembrei-me de Beethoven ao terminar a primeira audição da Nona Sinfonia, quando uma solista tomou-lhe o braço e fê-lo virar-se para que ele pudesse ao menos ver o entusiasmo do público. Conta Brockway que Beethoven ficou muito sensibilizado, mas, ao saber que ganharia tão somente 450 florins pela obra, retirou-se irritado, e naquela noite não dormiu...

★

Realizou-se sábado, às vinte e uma horas, um concerto da Sociedade Brasileira de Música de Câmara, com um programa que incluía obras de Mozart e Beethoven.

★

O pianista Tomás Teran e o quarteto Iacovino prestaram seu concurso artístico no 3.º concerto da Sociedade do Quarteto, que se realizou no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, terça-feira.

★

Também na A. B. I. o Madrigal Pax oferecerá no dia 15 de julho um recital sob os auspícios da Associação Musical Pró-Juventude.

★

Passou aqui, pelo Rio, o pianista Firkusny, que seguiu rumo à Argentina, onde já deve ter estreado. Firkusny voltará ao Brasil, ainda este ano, para uma série de concertos no Teatro Municipal.

NOS BASTIDORES — No dia em que executaram a Nona Sinfonia de Beethoven, os músicos da Orquestra do Teatro Municipal, regida pelo maestro Erich Kleiber, foram fotografados pela REVISTA DA SEMANA quando preparavam os instrumentos.



O CEGO

NOVELA DE JOHN ADAMS

O nevoeiro veio crescendo, crescendo e enguliu o cais.

Os ruídos ficaram abafados, os transeuntes, aliás raros, mais pareciam fantasmas vagando pelas proximidades. O cais, depois de algum tempo, ficou em silêncio. De vez em quando uma das tabernas se abria e lançava um jato de luz na escuridão. Umaz vozes alegres partiam, cantando, e voltava a reinar o silêncio. De repente, ouviu-se um grito abafado. O homem que estivera encostado à amurada cambaleou e caiu, contorcendo-se. Segundos após, imobilidade absoluta. Passos apressados soaram, em direção à cidade.

Pouco depois soou a melodia triste. Era o cego novamente. A menina trouxera-o, como sempre, e ele ficara de pé, à porta da taberna, tocando a sua melodia triste. A princípio a algazarra era tanta que não se ouviu. Súbito, porém, alguém gritou:

— E' o cego! E' o cego novamente.

E no silêncio que se seguiu a melodia desenhou seu arabesco lento de som.

Os marinheiros não ousavam mover-se. Só, a um canto, um policial, que estivera conversando com o dono da taberna, teve forças para levantar-se e ir ao encontro do cego.

O homem tocava placidamente.

— Onde? Onde, desta vez? — perguntou o policial, tentando conter a emoção.

O cego não respondeu. A menina fez um sinal com a mão e o guarda esperou. Quando terminou a música o homem disse, lentamente:

— Novamente, hoje, outro crime. Perto da amurada, ali em baixo, um cadáver...

O guarda afastou-se precipitadamente. Com a cessação da música a maioria dos ocupantes da taberna se aproximara e, ao ouvir as palavras do cego, correram na direção indicada.

— Um ambiente de conforto é o que é. Você não calcula o que significa isso depois do nevoeiro do cais, daqueles espectros vagando no escuro. E do cego...

Lawrence riu:

— Francamente, Abbot, eu nunca pensei que você acreditasse em fantasmas.

— Você nunca visitou o cais.

— Pelo que você me diz não é uma vizinhança muito recomendável. Por que haveria de ir lá?

— Por motivo algum. Mas, como não conheço o lugar, não me chame de supersticioso.

— Não me parece que a ciência tenha alguma coisa que ver

com os seus complexos, meu amigo.

— E' sempre fácil falar sentado numa poltrona, seguro, num apartamento luxuoso.

— Para demonstrar minha coragem seria preciso vestir uma roupa de gigolô e ir rondar o cais?

— Seria uma maneira...

— Homem, você me tenta. Eu não tenho nada de melhor a fazer esta noite...

— Espere. Antes de mais nada, é preciso que você saiba que aquele cais não é um cais como outro qualquer.

— Como?

— Há um louco homicida solto por lá.

— Oh! tem graça!

— Não acho.

— Eu dizia tem graça para exprimir meu espanto. E' uma maneira de falar.

— Bem... De qualquer forma, o que você deve saber é isso. Há lá um assassino. Todas as vezes que ele comete mais um crime aparece um cego.

— Um cego?

— Sim, com um violino e uma menina. Ele põe-se a tocar uma melodia triste. E' o sinal. Já se sabe que morreu mais um.

— Porém, espere: como é que ele sabe? Você não quer me dizer que ele descobre todos os crimes?

— Não. Diz ele que sente quando o criminoso comete mais um crime...

— Ora, francamente...

— Surpreendo-o?

— Você me tira o respeito que eu tinha pela inteligência da polícia. Afinal, meu caro Abbot, é mais do que lógico que esse cego é algum desequilibrado que mata essa gente e...

— Nada disso. Há a menina. Mas isso não prova. Por esse motivo ele é vigiado, desde que sai de sua casa até que chega ao cais. Todas as vezes. O homem que o vigia acompanha-o ajuda, mesmo, a menina a guiá-lo.

— Nesse caso...

— Ele nada tem a ver com os crimes.

— Você me interessa.

— Já sabia que havia de atrair sua curiosidade essa história.

— Muito. Como você sabe, eu só conheço os crimes pelas histórias policiais e pelos casos que você me conta...

— Pois terá oportunidade de conhecer agora de perto.

— Não a perderei.

— Uma coisa você vai notar logo de início. Nos romances, parece que os possíveis criminosos se juntam num grupo fechado, fora do qual não há possibilidade de estar o assassino. Os escritores sempre colocam os personagens em tal situação que os suspeitos são em número de X. Assim é mais fácil. Na realidade, porém, não há ilha aban-

donada, não há quarto fechado. Há milhares de possíveis suspeitos. E' como no caso que estamos investigando. Como saber quem, entre os milhares que frequentam o cais, é o responsável?

— Você já mandou vigiar o cais?

— Sim, mas o nevoeiro facilita a obra do assassino. Ele só aparece, aliás, em noites de nevoeiro.

— Vamos ao tal cais. E' curioso por conhecer essa vizinhança.

Lawrence era famoso pela maneira de tratar as crianças, todas elas o adoravam. E o Titio querido do bairro em morava. No cais, seguindo o bot, ele procurou encontrar a menina que guiava o cego.

Continua na pág.





Charles Boyer, num intervalo da filmagem de "Confidential Agent", nos estúdios da Warner, palestra com o diretor do filme, tendo, à esquerda, o nosso correspondente Luiz Serrano. O inseparável cigarro entre os dedos, o clássico chapéu de todos seus filmes, o sorriso ligeiramente esboçado, Boyer mostra-se perfeitamente à vontade. Ele é assim na tela, no palco e também na vida real. O mesmíssimo Boyer...

Entrevistando Charles Boyer — Com oito anos representava "Cyrano de Bergerac" e Shakespeare — Seu casamento com Pat Patterson — Não gostava de cinema — Outros episódios interessantes — Cansado de ser sempre o "eterno amoroso".

Por **LUIZ SERRANO**
(Correspondente da REVISTA
DA SEMANA em Hollywood)

"Charles Boyer está filmando para a Warner Bros. "Confidential Agent", com Lauren Bacall."

O bilhete acrescentava que não seria possível visitar "et", esta semana. Todos os estúdios continuam a ter um número de visitantes excessivo, com os representantes da Conferência de São Francisco a caminho das suas Pátrias, via Hollywood... Tentei assim mesmo a sorte, e fui à manhã procurar entrevistar o grande artista de "Gaslight". Tive sorte, e graças à delicadeza de Charles Boyer e tomar algumas notas no decorrer da minha interessante palestra com o galã mais querido das platéias americanas. Conversámos em francês e assim pude apreciar o grande ator em toda a sua naturalidade, bom humor e espontaneidade. Li há alguns anos que para ser artista de cinema bastava ter um físico atraente e saber beljar. Charles Boyer, sem desmerecer no que diz respeito a estes aspectos, prova que para subir os degraus da merecida fama que desfruta, contou com mais do que físico ou habilidades de amoroso. Aliás, o grande número de belidades que existem em Hollywood espalhadas pelas casas de

comércio ou restaurantes provam bem claramente a falsidade do pretendido sucesso do físico.

Charles Boyer nasceu em uma pequena aldeia de França, perto do rio Cele, ao sul de Figeac. O seu natalício é comemorado a 8 de agosto, dia em que Maurício Boyer, seu pai, anunciou aos vizinhos que tinha mais um varão na família, e que seria um filósofo. Charles Boyer sorriu de maneira saudosa, ao recordar os sonhos de sua família sobre a sua carreira doutoral. "Mas eu não tinha vocação para filósofo. Com três anos, dizem que eu sabia de cor uma longa poesia intitulada "A Paixão". É uma poesia religiosa de grande intensidade dramática, que até hoje gosto de repetir".

"Com oito anos, imagine, comeci um teatro para os meus colegas! No ano seguinte representámos "Cyrano de Bergerac" e várias comédias de Shakespeare.

"Fui considerado menino prodígio porque passava muitas horas na livreria da nossa aldeia lendo os meus autores prediletos... Não é que não gostasse de esportes. Ainda tenho várias recordações, na pele, das minhas partidas de futebol, hockey e box...

"Meu pai morreu quando eu tinha dez anos. Minha mãe teve que vender o negócio que ele dirigia. Foi então que eu pedi para ser artista. A princípio não concordou: queria que fosse doutor. Afinal prometeu não se opor se eu completasse o meu curso; se ainda quisesse continuar a representar, não diria mais nada...

"Completei minha escola primária, e entrei para a Sorbonne. Tinha então 18 anos. Comeci a frequentar a companhia de atores e autores. Meus melhores amigos foram Pierre Blancher e Phillip Herait, um escritor e o outro novelista. Éramos entusiastas de Lucien Guitry, a quem considerávamos o maior ator francês.

"Continuava estudando Filosofia, não porque quisesse ser filósofo, mas para contentar a minha mãe. Quando pude lhe entregar o diploma, entrei para o Conservatório de Drama. Custou, mas afinal consegui ser admitido..."

Boyer parou, acendeu um cigarro e sorriu.

"Sim, acrescentou, custei para entrar para o Conservatório. Mas tive sorte. Um ano depois o ator que estava representando o papel principal em "Les Jardins de Merce" adoeceu. Não havia ninguém para representar e eu fui escolhido. Tive que estudar toda a noite para tomar o seu lugar no dia seguinte. Ainda me lembro dormindo representei. Gostaram... Sempre com Blancher, quando deixámos o Conservatório, representámos juntos numa peça intitulada "La Dolores". Minha amizade com Henri Bernstein, grande autor, foi o começo de uma certa popularidade que

obtive em Paris. Durante oito anos representei as suas peças. Não pensava então no cinema. Só o teatro me interessava. Achava que representar sem falar, era como andar num túnel sem luz. Mesmo assim, levado por amigos representei em alguns filmes silenciosos, sem grande sucesso. Resolvi nesta ocasião sair um pouco de França e visitar outros países. Vi o Egito, a Turquia, a Rumania, a Síria e a Bélgica. Chegando a Paris a UFA me surpreendeu com um contrato para o filme "La Barcarolle d'Amour".

"Hollywood parece ter ouvido falar a meu respeito e afinal a convite da MGM vim para os Estados Unidos. Meu inglês era muito pobre... Apenas podia decorar meus papéis. Filmei, como talvez ainda se lembre, "The Big House", "The Trial of Mary Dugan" e mais alguns. Mas não gostei. Voltei para a França e para o palco. Aceitei aparecer em "Caravan", mas ainda uma vez fiquei muito desiludido com as minhas qualidades de ator cinematográfico. Porque quando represento no palco tenho a impressão de que encarno melhor o personagem. Encontrei então um dia Walter Wanger. Persuadiu-me a aparecer no filme "Private Worlds". Aceitei. E gostei do meu trabalho naquele filme.

"Depois..."

Charles Boyer parou, sorriu...

"Casei-me. Casei-me, você sabe, com Pat Patterson. Fomos para Paris e lá representei "Mayerling". Depois que voltei para aqui filmei vários: "Break of Hearts", com Katharine Hepburn; "Shanghai", "The Garden of Allah", com Marlene Dietrich; "History is Made at Night", com Jean Arthur; "Algiers", com Hedy Lamarr; "Conquest", com Greta Garbo, etc.

"Recentemente filmei "The Constant Nymph", "Flesh and Fantasy" e "Gaslight", onde mudei um pouco de tipo. Gostei da mudança. Já estava cansado de ser sempre o amoroso eterno..."

Falámos das suas atividades literárias. Charles Boyer é um espírito culto, tendo uma biblioteca notável de autores franceses e americanos.

"A literatura sempre foi o meu "fraco". Gosto muito de ler, e sinto quando não posso ler os livros editados pelos meus autores prediletos."

La perguntar-lhe quais os seus autores prediletos, quando a voz do diretor de cena chamou todos os artistas para mais um "take", acrescentando: "Charles Boyer, você é muito importante aqui". Charles sorriu e, apertando-me a mão, disse:

"Eu não sou importante, mas muitos dos personagens que eu encarnei, certamente o foram..."

Fato é a licença do sucesso de Charles Boyer.

**A "REVISTA" EM
HOLLYWOOD**



Humphrey Bogart é outro ator veterano que, talvez em mercê da escassez das revelações masculinas por causa da guerra, continua sendo um dos favoritos das mulheres. Ei-lo, sentado e aguardando ordens do diretor, quando na Warner se filmava "The Two Mrs. Carrolls". Em que estará pensando o galã de "Casablanca"? Alguma complicação amorosa, porventura?



Joan Fontaine submete-se, pacientemente, ao "make-up" que lhe aplica Martin Gordon. A cena passa-se nos estúdios da Paramount, onde a esposa de Brian Aherne posava "The Affairs of Susan". Ela está descalça, com os pés calcando a areia de um pedaço de praia reconstituído no "set", porque não é preciso ir a uma praia verdadeira para fazer a cena...

"Hotel Berlim" é a novela famosa que tanto sucesso marcou e que foi agora transportada para a tela, num filme que tem Faye Emerson e Kurt Kreuger no cast. Aqui os vemos, em um momento culminante, quando a lourinha alemã, cúmplice das autoridades nazistas, encontra, em seu apartamento do hotel, o rapaz a quem ficará preso diretamente seu destino. Trata-se de um filme anti-nazista mas possui grande intensidade dramática, ação forte e com intérpretes de primeira plana, segundo nos informa Luiz Serrano, de Hollywood.



DE BOM HUMOR





1 O velho Leão Carvalhais, chefe da firma que tem o seu nome — “& Cia.”, é o proprietário daquela fábrica de tecidos de lã. Homem rude, de poucas conversas, gosta de tudo em ordem e feito com presteza. Trata-se de um burguês industrial, irascível só aparentemente mas cuja bondade ressalta a todo momento. Ele gosta de gritar, de fazer barulho e ameaçar céus e terras, mas acaba sempre “entregando os pontos”...

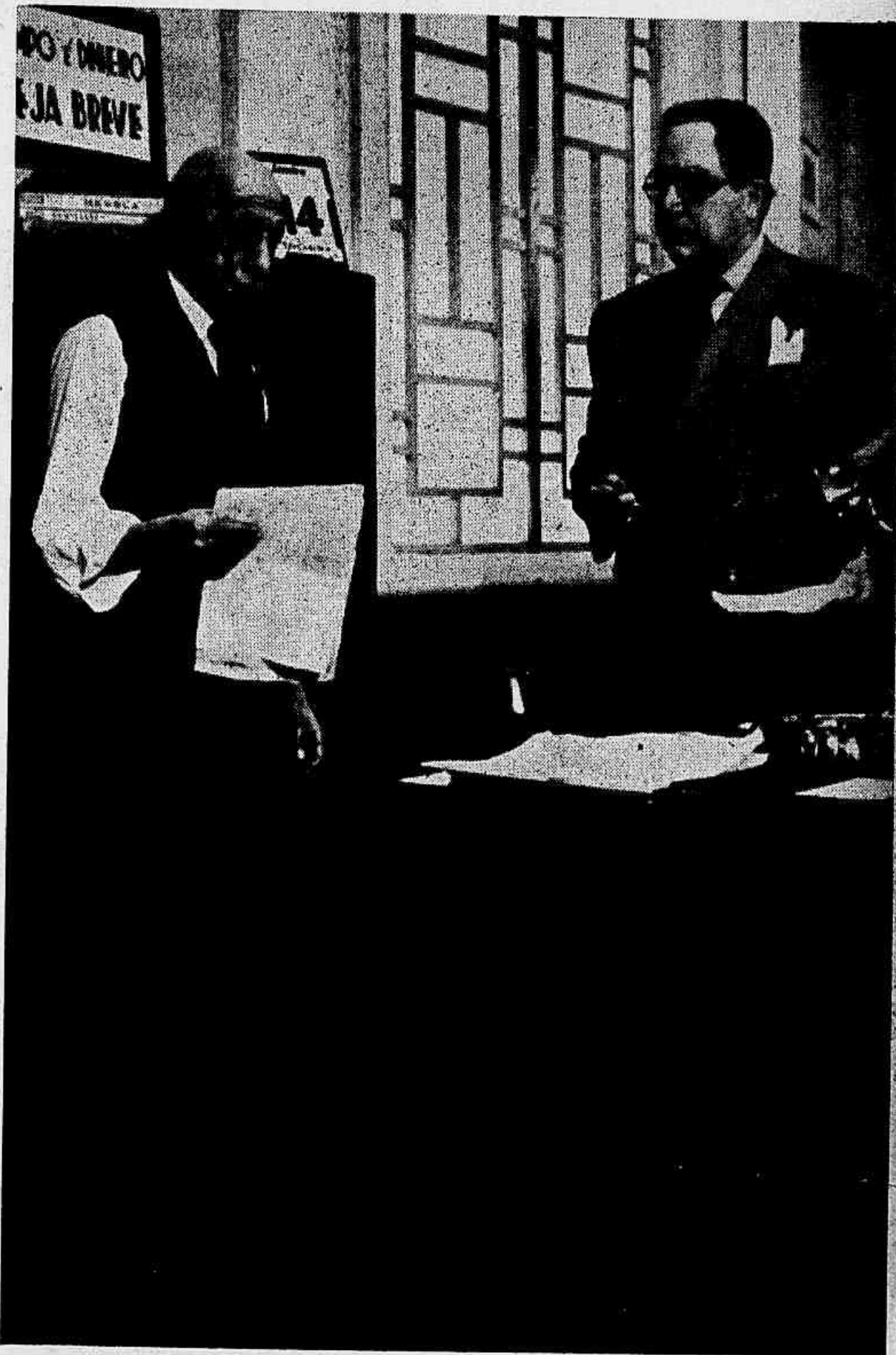
Os dois candidatos

Celestino Silva é um veterano homem de teatro, cujo nome, nestes últimos anos, vivia arredado dos cartazes, para voltar agora com a comédia que Jaime Costa apresentou nesta temporada, no Glória. Trata-se de um episódio singelo e sem maiores pretensões, de entrêcho simples e humano, por isso mesmo facilmente compreensível, gracioso e emotivo. Serve-lhe de tema um caso íntimo da vida de um burguês industrial, com um desenlace não menos natural e inevitável no qual se patenteia a vitória da juventude. A distribuição de “Os Dois Candidatos” foi a seguinte, pela ordem de entradas em cena:

Manuel	Adolar Costa
Carvalhais	Jaime Costa
Gaudencio	Aristoteles Pena
Beatriz	Grace Moema
Germana	Nelma Costa
Luiz	Francisco Dantas
Eugenia	Cora Costa
Fernanda	Aurea Rios
“Cicatriz”	José Braga

Montagem de Sandro, com cenotécnica de José Gomes.

2 Espetacularmente rude, depois de uma explosão de nervos dá para satisfazer a todos, sem reparar sequer que abdica de sua pretensa energia. Gaudencio dá-lhe todos os informes das praças: a lã subiu três pontos... Ao que Leão Carvalhais responde como legítimo homem de negócios: “Pois então aumentaremos seis aos fornecedores...” E assim, visivelmente próspero, ele finge ser mau, quando na realidade é um paz d alma.

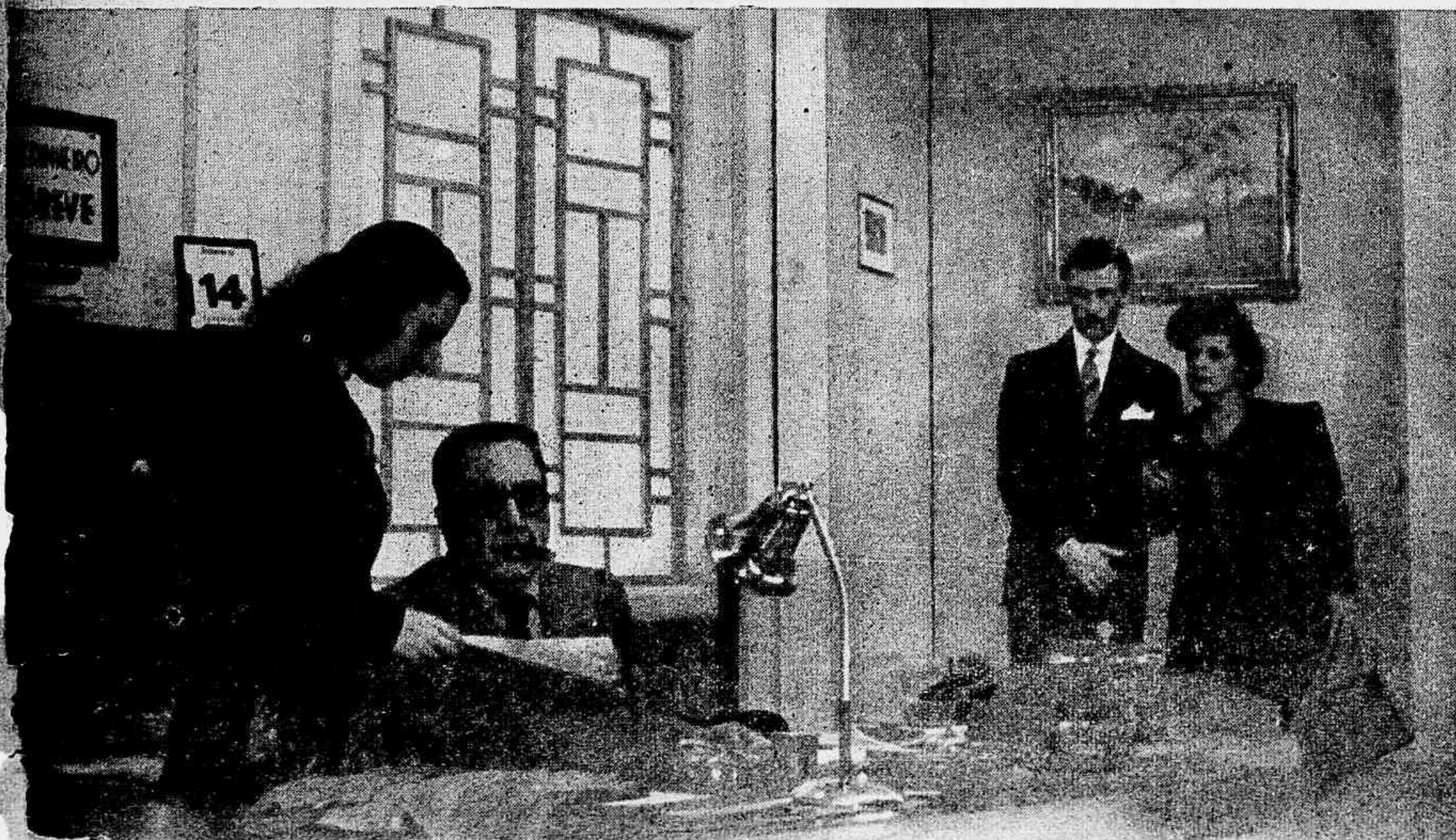




3 Um dia Carvalhais recebe em seu escritório um sujeito sem escrúpulos, que lhe propõe a colocação de uma moça, com intuits explorativos, dos quais a mesma é vítima. Indignado, expulsa o patife, diz-lhe os desaforos que ele precisa ouvir e dá, enfim, largas ao seu temperamento exaltado. A pobre moça assiste a tudo, sem compreender o motivo por que ambos se desavieram e considerando o emprego perdido. Ela que tanto precisa ganhar um salário, mesmo pequeno, para vestir e calçar, ela que não está habituada a enfrentar as adversidades da vida...



4 Mas Carvalhais, tão depressa expulsa o "Cicatriz", arrepende-se quanto à moça. E toma Germana sob seus cuidados, dando-lhe o emprego que tanto ambiciona. Extremamente simpática, a protegida logo se impõe à estima de todos, no escritório. E' a secretária ideal para o velhote, e está, enfim, livre do tutor que a perseguia, a ela, orfã de pai e mãe. Carvalhais não precisava de empregada, mas quer dar guarida e amparo à pequena. Os meses passam-se e ela é agora a melhor funcionária da firma. Os negócios progridem e Carvalhais dá uma grandiosa festa em regosijo.



5 Não tarda que um sobrinho do industrial se apaixone por Germana. E' Luiz, que se abre em confidências com Aurea, sua irmã. A festa do aniversário da fábrica coincide com a data natalícia de Germana, e o romance entre ambos seque o seu curso normal. Acontece, porém, que o nosso "espanta-leões", que é um velho solteirão, também insensivelmente vê-se atraído pelos encantos de sua funcionária. Dêsse choque de sentimentos se origina o conflito entre tio e sobrinho. Surgem os dois candidatos à mão de Germana: um velho, outro moço. A qual Germana irá preferir, afinal?



6 Não tarda que as demais empregadas descubram o conflito e, desejando obter detalhes, interpelem Germana. Ela a todas responde com uma proverbial delicadeza, mas acaba sofrendo. Sua preferência é, naturalmente, pelo jovem Luiz. E quando sabe que o velho, revoltado com o sucedido, quer afastá-la do sobrinho, mal consegue dissimular seu verdadeiro estado de alma. E as outras, certamente, divertem-se e gozam a sua desdita...

7 Os expedientes de que lançou mão o velho Carvalhais não são nada recomendáveis. São processos violentos e ásperos, para afastar o outro candidato, pois pretende ficar senhor da situação pelo resto da vida... Mas um dia vem a lucidez de espírito que o aconselha a transigir. E quando, em meio à festa, Carvalhais dá com Luiz e Germana trocando novas juras de amor, sente a imprudência de sua atitude e dá-se por vencido.



8 Dá-se por vencido porque a rigidez de seus princípios e principalmente a sua idade falam mais alto. Ele abdica em favor do sobrinho, dizendo-lhe: "Queres ou não casar com a pequena? Responde... porque se não quiseres... quero eu!" Mas voltando-se para o sócio Gaudêncio acrescenta: "Ele não sabe o que é possuir uma mulher que teve dois candidatos... O amor é como a política: nem sempre o que vence é mais feliz..."



UM OPUSCULO DE 1816

O Rio de Janeiro tem sido alvo das mais variadas e numerosas descrições por parte de nossos ou de viajantes estrangeiros de maior ou menor categoria, as cartas jesuíticas do tempo colonial de principio às descrições da terra carioca.

Deu esta assunto a um opusculo de minguadas paginas saído a publico em Lisboa de 1816. Camillo Castello Branco em obra sua reeditou o opusculo entresachando-lhe o texto com verdadeiros apartes de marca mordaz do escritor.

Constitua aqui a apresentação do opusculo de 1816 uma especie de terceira edição das *Regras Geraes*, com o seguinte frontispicio, que Camillo taxou de "laconico" e talvez alguém tenha por não despido de experiencia e filosofia.

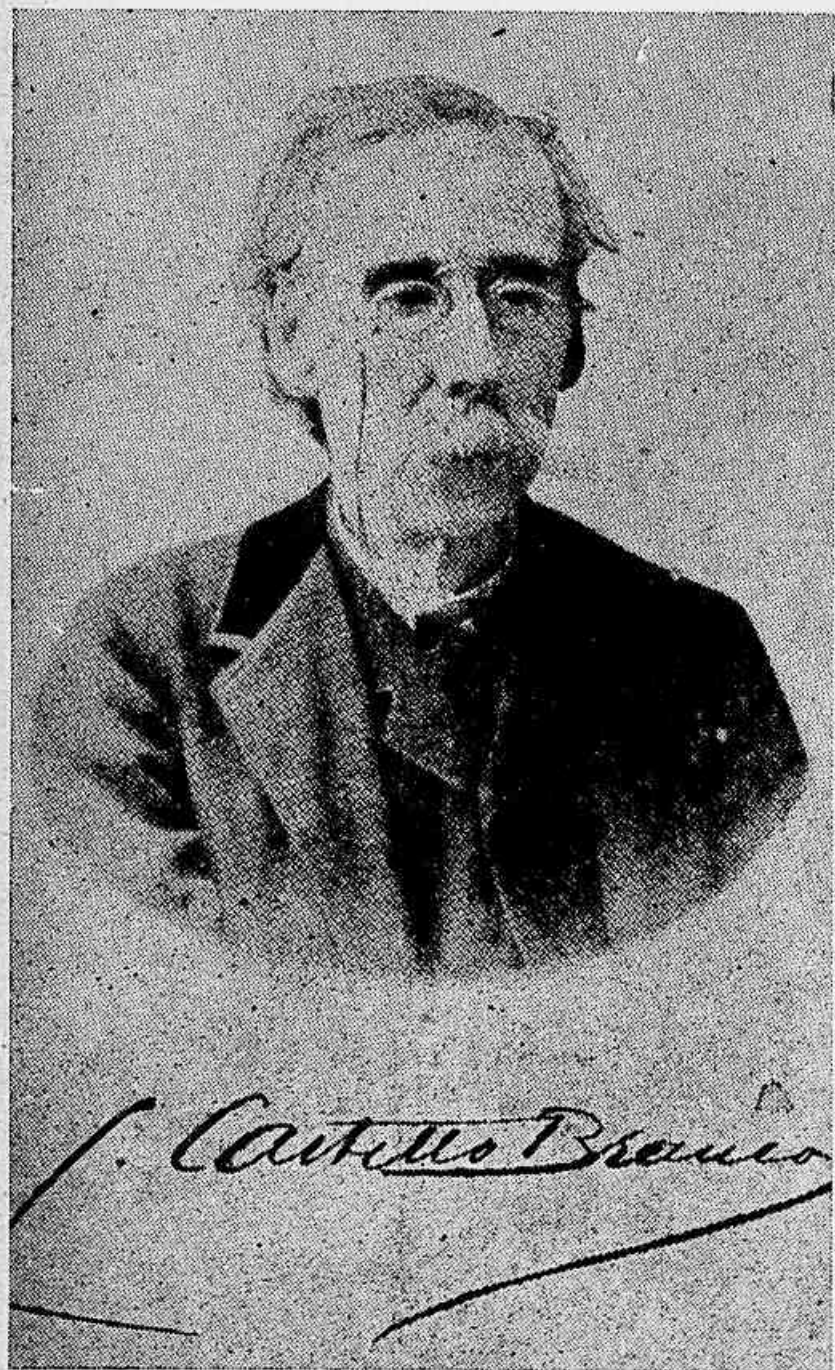
Eis o frontispicio:

"Definição da amizade, seu augmento no tempo da felicidade, e diminuição total no da desgraça. Obra muito util para a mocidade; que principia a entrar na ordem do mundo, onde lhe parece que tudo o que luz é ouro, quando tudo é falso, e só lisongeiros mostrando-se amigos para lhe comerem o que tem, e depois de os verem pobres voltarem-lhe as costas: à maneira dos pardaes, que se juntam em bando a fazerem muita festa ao Lavrador quando este traz o milho na eira; e logo que o recolhe na tulha desaparecem, e só vem um por um chamar-lhe vilão esquecido do bem recebido que pagam com tal ingratidão insultante "Composta por J. M. P. S. da cidade do Porto em 1816."

Mesmo a coevos e ainda mais a vindouros, ao autor portuense aprouve entregal-a subscrita apenas por iniciais.

Nas *Regras Geraes* — tal o título do muito centenário opusculo de 1816 — será de estranhosa o sesquipedal do frontispicio no qual os pardaes bem se aproximam de uns tantos homens. Quem deles já foi vitima considere-se "Lavrador", e verifique se são os pardaes os unicos a se regozijarem com o milho na eira e a desaparecer quando o milho na tulha, depois um por um de ingratidão insultante ao Lavrador. O Snr. J. M. P. S. do Porto, de 1816, sem duvida ao comparar desabafou, com a reserva de não "se inculcar por sabio".

Disto ficou prova concludente, pelo menos em filologia, porque J. M. P. S. derivou a palavra Prologo de Para-logo, com a vantagem de não provocar interminaveis discussões linguisticas.



CAMILLO CASTELLO BRANCO
(O reeditor do Opusculo de 1816)

Nas *Regras Geraes* o autor se diz chegado ao Brasil com oito anos de idade. No Rio de Janeiro, empregou-se numa loja onde esteve tres anos, deles a cabo passou a Goiás. Em desoito meses ali ganhou mais de cinco mil cruzados, mercadejando em fazendas por sua conta e risco. A expressão descabida, como se verá, em relação a J. M. P. S. Não ha meio de mencioná-lo senão assim, e talvez o portuense de 1816 seja um precursor quanto a iniciais.

O precursor armou tres sumacas, enclheu-as de fazendas, valendo vinte e seis mil cruzados e seguiu para o Rio Grande do Sul deixando as sumacas ainda no porto do Rio de Janeiro.

Adivinhou o negociante, pois naufragou na barra do Rio Grande, onde esperou as sumacas. Passou a Porto Alegre, a Rio Pardo, em canoas.

Em Rio Pardo negociou J. M. P. S. com exito, traficando em couros e chifres, declarando ter comprado dous bois a 1.200 reis, comendo os bovinos e vendendo-lhes os couros. Quantos bois comeria elle a dois tostões cada boi? inquire Camillo

Atochando de couros e chifres quatro sumacas, J. M. P. S. tornou ao Rio de Janeiro, abriu casa de negocio, por atacado

Outro atacado lhe sobreveio, o de sezões rebeldes. Resolveu partir para Portugal e mal se achou no mar, a bordo da corveta N. S. *Mãe dos Homens* cessaram as maleitas.

Votado a naufragios, J. M. P. S. conheceu mais um na costa bahiana, bandas de Camamú. Nove mezes permaneceu na Bahia o salvo das aguas para que sem maior medo embarcasse no navio *Trovoada* incorporado a um comboio de transportador de diamantes com a honra da escolta de 16 navios de guerra.

A entrada de J. M. P. S. em Lisboa foi portanto para ele triumphal. De Lisboa passado ao Porto onde estabeleceu casa de negocio, festejado de muitos amigos, declarando o festejado possuidor de vinte mil cruzados. Depois J. M. P. S. declararia que tarde e a más horas soube que a festa dos muitos amigos era aos vinte mil cruzados e não á sua pessoa.

Negocios e circunstancias infelizes a cabo de seis anos arruinaram J. M. P. S., tendo ele de sahir da sua loja, porta fóra, com 1.320 réis, tendo de empenhar um guarda-sol para poder levar mulher e tenra filha a Coimbra.

J. M. P. S. de negociante prospero a infeliz, teve de exercer nova profissão, a de guarda-livros que lhe deu recursos alguns para publicar as suas *Razões Geraes*.

Rematam o opusculo tres regras de grande filosofia. Duvide alguém e verifique se no seu proprio decorrer de vida não se encontrou ao menos com uma das tres regras traçadas por J. M. P. S. 1.ª regra. Não te fies em homem que sempre e para todos se ri, pois ha provas de ser fingido e é impossivel que o coraç o seja sempre igual como quer mostrar o rosto. Tambem nos templos o que reza muito alto e bate muito nos peitos não dá a melhor prova de si.

2.ª regra. — Quando algum individuo te vier propor algum negocio, não o decidas em ajuste logo, e diz-lhe que verás; porque elle quando t'o vem offerecer já o tem considerado, e tu deves tambem pensar se te convem ou não.

3.ª regra — Quando alguém te vier pedir pequena quantia de dinheiro ou fazenda até certo dia, e t'a vier pagar promptamente, espera, que logo depois te vem pedir maior quantia, que não deves emprestar para não perder a segunda; pois é este o estylo de caloteiros geralmente, e que admite pouca excepção tal regra".

A parte o que as mencionadas *Regras Geraes* possam ter de essencia ou lembrança mercantil, não ha negar que generalizadas sejam de bom conselho no mundo onde os que estão em baixo estão sempre tratando de puxar para si o dinheiro dos que estão em cima, o que explica muita ideologia enfeitada com denominação capciosa.

Camillo, trocando ironia por justiça, disse do opusculo de J. M. P. S., nas suas poucas 32 paginas, evidenciando a vileza dos que o tinham obrigado a fazer ponto; entregando elle quanto possuia.

E por isto, em 1868, escreveu Camillo: "Não ha duvidar da probidade de um homem que atirou assim á cara dos que o roubaram a sua defeza e justificação. A coragem de sahir a lume com a sua autobiographia quem lh'a deu senão o desassombro da honra infeliz, mas intrepida?"

No opusculo de 1816 ha cousa que particularmente respeita ao Rio de Janeiro onde viveu e observou o autor do folheto.

Venha aqui menção do bastante que registrou J. M. P. S. Gisando a topografia da primeira cidade do Brasil, disse-a J. M. "muito plana e regular, de ruas muito direitas, só a deste nome (ora 1.º de Março) a mais torta, fazendo as ruas um xadrez á maneira de jardim".

Menciona J. M. o nome das ruas principais e aponta o que nas mesmas havia mais característico. A primeira rua, a da Praia do Peixe, comprehendia o palacio do governo em grande largo, chafariz ao meio, caes de pedra com assento. Eis a actual Praça Quinze.

Segunda rua a entortada Direita, nela a Alfandega, com fundo tal que chegava á da Praia. Era a rua dos negociantes atacadistas, umas tambem de outros de retalho e ferragens, com lojas e residencia.

A rua da Quitanda ajuntavam-se mercadores a retalho da rua Ouvidor até Santa Rita, onde ia ter a rua dos Ourives povoada por mercadores de ouro e prata.

Na quinta rua, a da Valla (ora Uruguaiana) só morava povo de officios. Estendia-se depois o Campo de São Domingos onde até 1797 só havia casas pequenas, em muitas alojados ciganos degradados de Portugal.

De outras ruas dá noticia o opusculo de 1816, a rua do Rosario muito de tavernas de vinho e de taverneiros ilhéos. Em frente á do Rosario a rua da Carne Sêca, para mercadejo de carne sêca do Rio Grande do Sul. Ao pé da Praia do Peixe havia lojas de quinquilharias. Segundo J. M. as ruas eram tão rétas que da Praça Quinze actual e adjacencias se avistava o Campo de São Domingos tão representado pelo que resta da Avenida Passos.

As ruas tinham sido ladrilhadas de pedra miuda pelo meio, de lagedos dos lados, a rua Direita, o largo de Palacio e o cais apresentava lampiões de 12 em 12 passos, em noites de escuro acesos pelos presos galés.

Apreciando o carater e os costumes dos naturais do Rio de Janeiro, J. M. P. S. declara-os inimigos do trabalho no comercio e em officios, mofando dos negociantes portuguezes. Mas acrescenta J. M. "São comtudo os nacionais activos e aptos para tudo quanto se applicam, que é quasi geral ser para doutores em medicina e leis, frades, clerigos ou soldados".

"Chamavam-se cariocas os filhos da cidade". E' de reter o conhecimento de tal designação em 1816, embora J. M. declare o nome de carioca derivado "do chafariz *carioca*, de agua unica para o Rio de Janeiro, muita havendo no Andaraé.

O Principe Regente mandando "meter agua em abundancia" no Rio de Janeiro, muito corrigio a venda de potes d'agua a 640 reis o póte.

Não mencionou J. M. P. S. o preço dos bilhetes do Teatro situado atraz de Palacio e "com boas figuras", isto é, bons actores, tendo J. M. encontrado em Goiaz um teatro, mas sem boas figuras.

Em compensação, J. M. gabou muito "a indole liberal dos goianos", contrapondo-a "aos sovinas do Rio que nunca lhe offereceram um jantar." E devia ter necessidade de comer quem contou as suas perlustradas leguas de sertão, tresentas e vinte, percorridas por J. M. e vinte e um companheiros, alimentados a macaco assado.

"Era tal a fome, disse J. M., em nome de vinte um martyres do ventre, que os macacos muito mal assados, ainda pareciam gritar, quando cada um cortava o seu pedaço". Pois se naufragos perdidos no oceano acabam antropofagos desculpando selvícolas.

De quanto ficou exposto, já no caso pessoal de J. M. P. S., já no relativo ao Brasil e a tres regiões deste, o opusculo de 1816 tem seu merito informativo reconhecido por Camillo Castello Branco e ainda mais por nós.

Ao autor das *Regras Geraes* seja relevada a extensão do frontispicio do seu opusculo, não despiciendo. Repartindo vida entre Portugal e Brasil, com vária sorte, J. M. prestou testemunho a collocá-lo no rol dos alienigenas consideradores do que eramos ha mais de seculo.

ESCRAGNOLLE DORIA

Há bens que vêm para mal...

A AVENTURA

Conto de KEITH MARLOWE

POR que é que se discute nesse mundo? Em geral por motivos fúteis, perdendo tempo e energia com uma troca de palavras inútil e dispensável. Esta, pelo menos, era a opinião de Gilbert quando a esposa levou a mão ao seio, com um ar de sofredora e disse:

— Você é um egoísta!

Ele tirou o chapéu — simbolicamente, porque estavam dentro de casa — e agradeceu o cumprimento.

— Obrigado.

— Não tem nem um pouco de educação!

— Todas as queixas relativas a esse assunto devem ser dirigidas a meus pais. Enderêço: onde gozam bem o descanso — aos cuidados de S. Pedro.

— Pensa que é engraçado?

— Não. Penso que estou cansado e quero um chinelo, um cachimbo e uma poltrona.

— Esqueceu o jornal...

— Obrigado pelo aviso. De fato, um jornal. E é só.

— Modesta ambição, não há dúvida.

— Isso. E com muito orgulho. Afinal, ao que parece, eu sou o contrapêso na balança, sendo que o outro prato quase vai às nuvens com o pêso das extravagâncias de minha esposa.

— Extravagâncias? Essa é boa! Só porque sou moça e não quero levar a vida que a minha avó não leva, você me chama de extravagante.

— O fato de sua avó ser uma velha louca não tem valor como argumento. Além disso eu acho muita graça nas suas acusações de egoísmo.

— E por que, pode-se saber? E' concebível um egoísmo mais monstruoso do que o seu?

— Não sente que está se acusando a si mesma?

— O que?

— Quando foi que você cedeu? Uma única vez? Digam! Vamos! Hoje é cinema. Amanhã teatro. Depois festa. A seguir baile. Não, minha filha. Você fica dormindo até o meio dia e eu estou caindo de sono às oito horas no escritório. E o resultado? Trabalho mal feito. E as consequências? Repreensão do chefe. Que se tira daí? Não progrido. Não. Nada disso. Hoje é jantar, e depois cama.

— É, não é? Jantar depois cama? E eu não tenho nada a decidir? Afinal de contas parece-me que tenho mais de vinte e um anos!

— Mais de vinte e um anos e um marido!

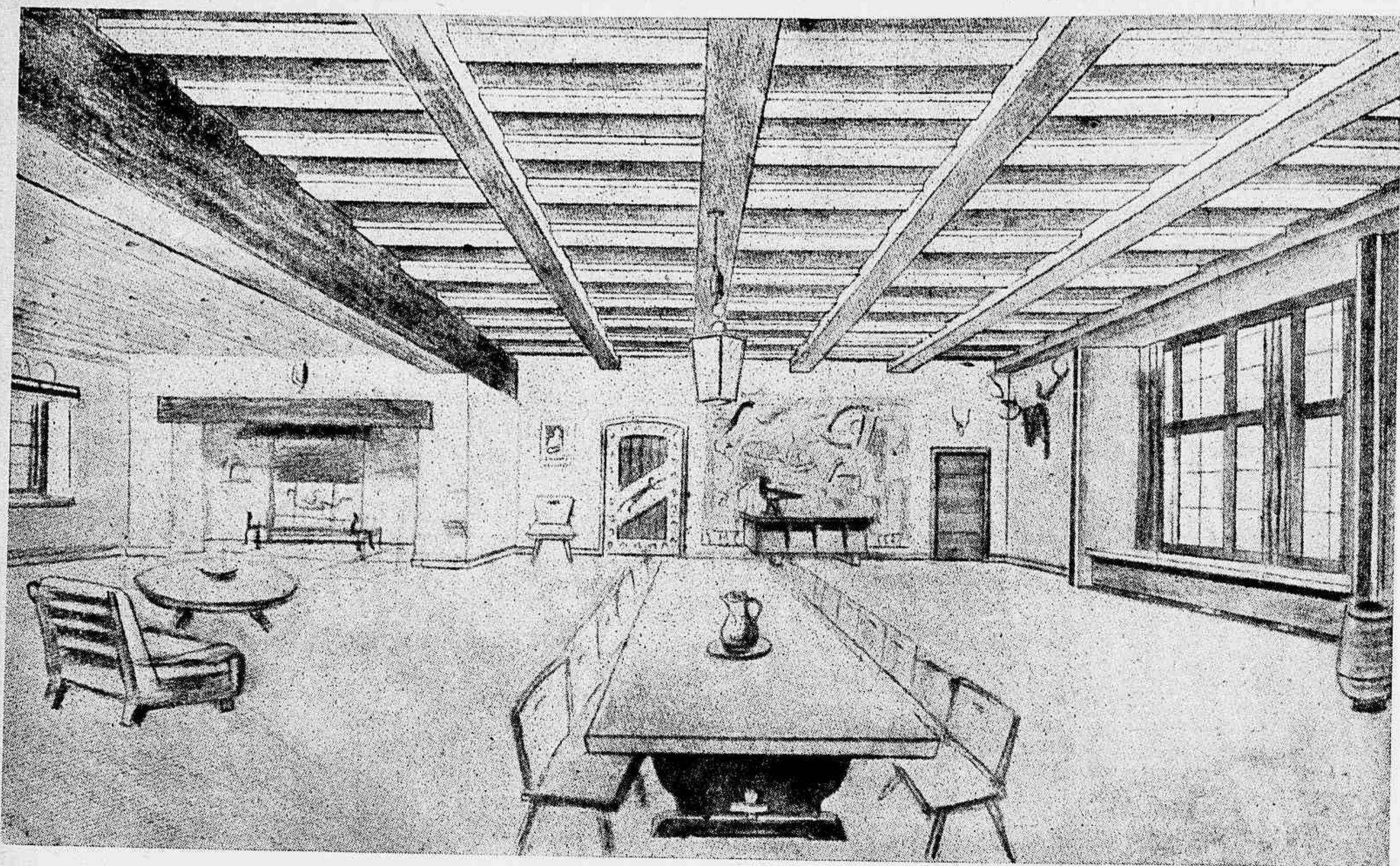
— O que anula a minha liberdade que a maioridade confere? Foi isso o que quis dizer?

— O que a obriga a ter uma certa consideração pela pessoa que lhe paga as contas astronômicas, se é que um sentimento elementar de gratidão ou — coisa naturalmente impossível — de amor não a leva a sacrificar esse capricho mínimo!

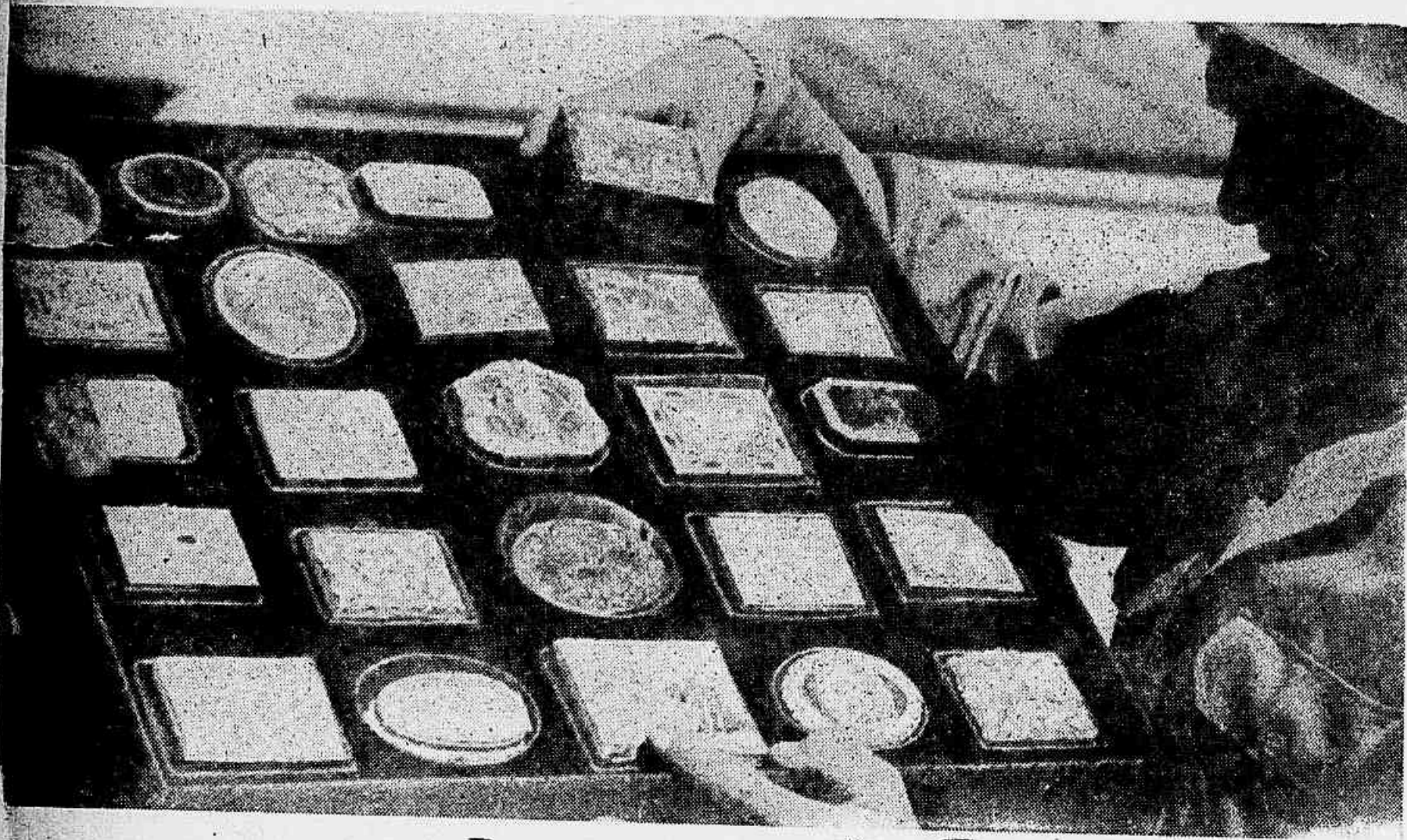
— Se você quer ficar em casa, curtindo seu mau humor, fique. Eu vou ao baile!

— Pois vá! Divirta-se.

(CONTINUA NA PÁG. 42)



Assim vivia o obeso comandante da arma aérea nazista: sempre magnificamente instalado. Na gravura um detalhe do seu imponente Pavilhão de Caça do castelo de Neuschwanstein, onde o provável substituto do Fuehrer reunia os amigos e camaradas, em exuberantes cervejadas, após uma corrida pelos campos. Se o Pavilhão de Caça é o que nos mostra o "cliché", imagine-se o luxo das demais instalações do castelo!



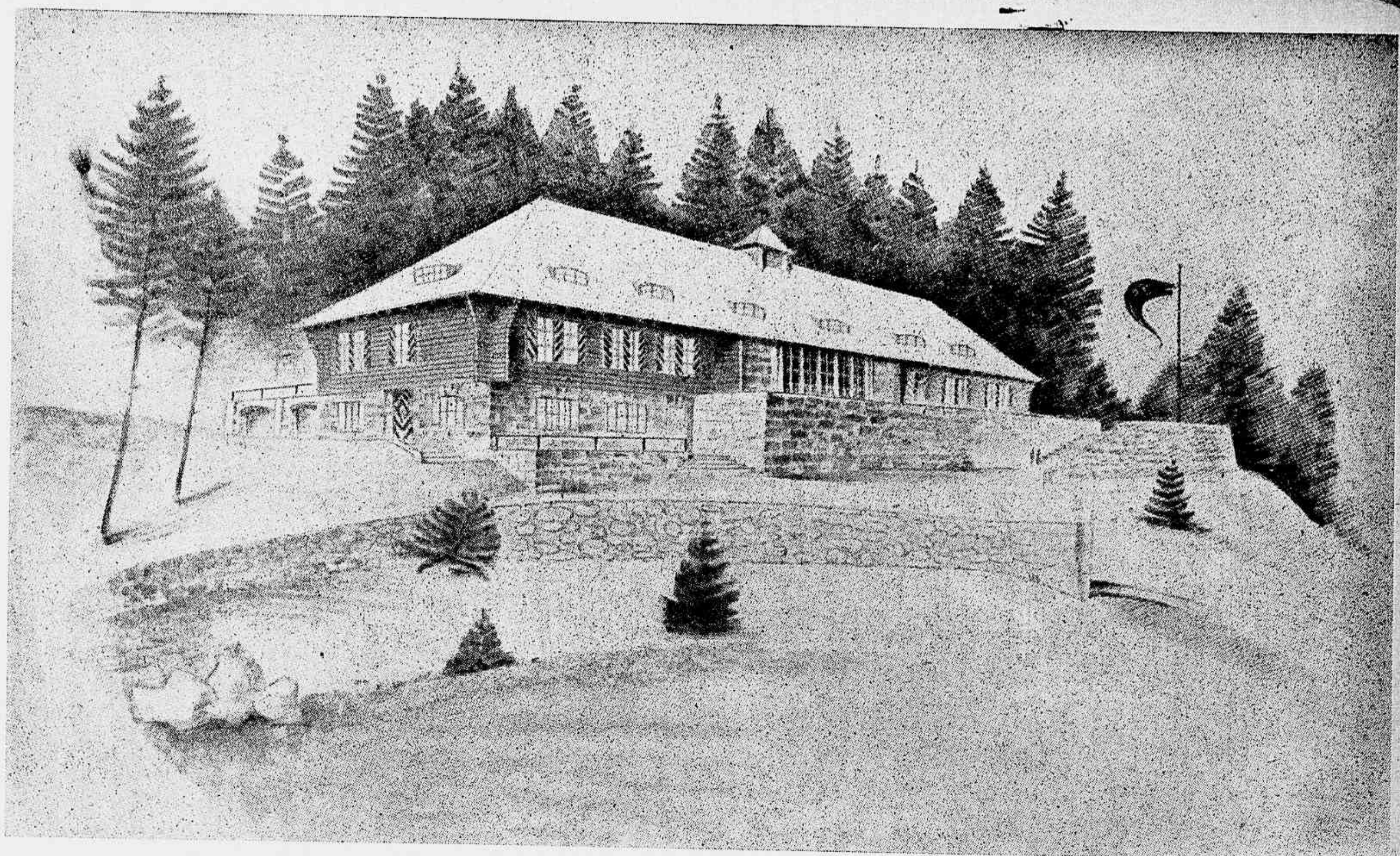
Como todo o nazista que se prezava, Goering furtava descaradamente para dar maior realce às suas propriedades. Em cima, vistosa coleção de caixas de rapé, em ouro, pintadas à mão, displicentemente "subtraídas" da coleção Rothschild, da França. Em baixo, três quadros de grande valor (o da esquerda é um Chardin), roubados à mesma coleção e agora apreendidos pelas tropas americanas.

O DESTINO

A grande roda do Tempo é caprichosa, e a mesma semana que assistiu à libertação pelos aliados de proeminentes líderes anti-nazistas como Léon Blum e o heróico pastor alemão Niemoeller, assistiu também à rendição de Kesselring e de Goering aos exércitos triunfantes anglo-americanos. Hoje todo o mundo já sabe que o gordo e bem nutrido comandante da Luftwaffe, um dos vultos proeminentes do Partido Nacional-Socialista e muitas vezes indicado como provável substituto do próprio "Fuehrer", apresentou-se aos aliados despidido de todas as suas cintilantes condecorações, que o transformavam quase numa figura de opereta, e com a fisionomia abatida chorou ao prestar as declarações que lhe foram pedidas. O mesmo homem que fez correr tantas lágrimas de mães e esposas, durante os períodos mais agudos da desapiedada "blitz" aérea contra as cidades da Grã-Bretanha, ensopou também o seu lenço na hora da desgraça pessoal, e não deixou de acompanhar vários outros dos seus correligionários no coro de acusações pseudo-reabilitadoras a alguns dos seus companheiros de Partido, inclusive o próprio "fuehrer" outrora todo poderoso e infalível.

Outras surpresas, entretanto, seguir-se-iam à captura de Goering. O obeso comandante da arma aérea nazista vivia magnificamente instalado no seu castelo de Neuschwanstein. Sucede que os soldados do Sétimo Exército norte-americano aí encontraram um verdadeiro tesouro artístico. Velhos mestres da pintura européia, joalheria e esmaltes antigos, joias de alto preço, etc. haviam sido pilhadas pelos alemães durante a ocupação de vários países europeus. Muitas dessas peças pertenciam a museus, outras a coleções privadas, inclusive a famosa Coleção Rothschild. Pinturas do mosteiro de Monte Cassino, telas raríssimas de Rembrandt, Rubens, Ticiano,





O Pavilhão de Caça, visto em conjunto e pelo seu aspecto exterior. Aqui nunca mais Goering irá repousar das suas agitadas caçadas, porque, em relação aos chefes nazistas, cumpriu-se o velho adágio: "Se um dia é da caça, o outro pertence ao caçador. E desta vez o caçado foi o tatufo, figura vulgar de "parvenú" a quem o destino político impeliu para uma situação de bem-estar, por alguns anos. Mas a roda do destino desandou..."

MELANCOLICO DE GOERING

Breughel — de tudo isso Goering se apossou com a maior desfaçatez para servir de adorno ao seu suntuoso castelo residencial e para a recreação dos seus gostos de "esteta" requintado.

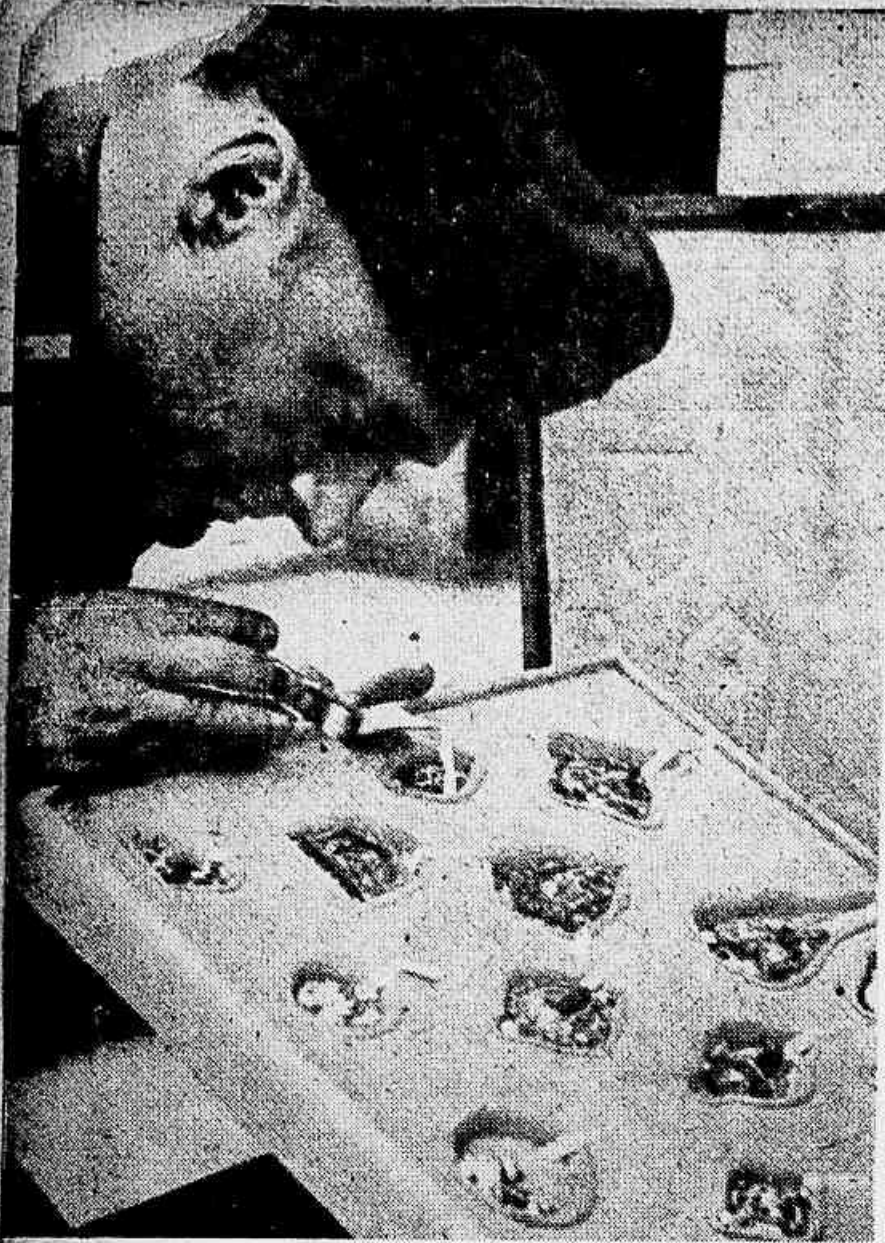
Essa atitude foi tipicamente "Goering".

Como se sabe, o chefe da Luftwaffe sempre foi o "fino" do Partido Nazista. Ao que tudo indica, esse Partido e a posição proeminente que nele ocupava, serviram-lhe principalmente para a satisfação dos seus propósitos pessoais entre os quais uma vida luxuosa. Essas tendências foram habilmente exploradas pe-

los magnatas de certas indústrias pesadas da Alemanha de 1933. Goering foi a ponte entre esses industriais e o próprio Adolf Hitler. A ele cabia, nas horas vagas, desempenhar a parte brilhante e mundana do Nacional-Socialismo. Nos bailes, nas reuniões diplomáticas, nas caçadas elegantes, nas mesas

Os mais recentes flagrantes de Goering são estes que se vêem abaixo e que muitos leitores já terão apreciado também nos jornais cinematográficos. O homem forte e mandão derrama furtivas lágrimas, mesmo sem acompanhamento de orquestra. Chora como uma criança medrosa. Sua covardia, a covardia simbólica e infalível de todos os indivíduos de tendências fascistas, retrata-se nesses humilhantes e vergonhosos aspectos.





Um membro da Secção do Arquivo de Belas Artes, adido ao 7.º Exército, examina uma coleção de joias antigas encontradas no castelo de Goering. São peças vistosas que o gorducho ostentava nas "saudosas" paradas de Hitler. Era ele o homem das medalhas e medalhinhas... furtadas aqui, acolá, ou conquistadas com os seus crimes nazistas.



Um precioso Fragonard roubado da Coleção Stern de Paris e encontrado em Neuschwanstein. Não se pode dizer que fôsse Goering um simples cleptomaniaco, mas um legítimo gatuno. Ele ajudou a usurpar o governo aos legítimos representantes do povo alemão, e roubava por instinto, por hábito, porque nazista gosta disso mesmo — roubar...



Belas caixas de rapé, em ouro e esmalte, encontradas juntamente com outras preciosidades no castelo de Goering. Cada uma dessas peças tem um valor apreciável, mas para Goering elas constituíam apenas objetos de luxo. As narinas do sensível homem público alemão não resistiam a um sôro de rapé, mas enchiam-se de cocaína.



O castelo de Neuschwanstein na Bavária, de propriedade de Goering, onde guardava os tesouros roubados e onde não entrará mais. Um laço de corda servirá de derradeira gravata para o verdugo da Europa hoje libertada, e não mais seu corpo avantajado cruzará os umbrais desse castelo. A tara de Goering o levou a êsse melancólico destino: o de ser justicado pelas mãos daqueles a quem procurava escravizar.

de "bridge", cercado de belas "partenaires" e de cavalheiros bem vestidos. Não vale a pena discutir aqui se Goering era mesmo "fino" ou uma dessas figuras vulgares de "parvenus" subitamente bafejados pela sorte. O fato é que ele provém de uma família respeitável de funcionários públicos de certa categoria. Tido como "sujeito muito agradável" nas rodas sociais, essa legenda serviu para que muitos ingênuos se enganassem quanto aos verdadeiros propósitos e a feroz mentalidade de uma camarilha de criminosos responsável pela criação da Gestapo e dos campos de concentração no estilo nazista. A guerra aérea total, inaugurada em Varsóvia e aperfeiçoada em Rotterdam, Londres, Coventry e tantas outras cidades mártires da Inglaterra, revelou a verdadeira face de Goering. Tudo indica que as suas lágrimas de agora serão inúteis. O seu julgamento está feito pelas suas vítimas diretas e indiretas.



Este retrato também foi batido agora, depois da prisão de Goering. A princípio acreditou que os aliados o poupassem e lhe dessem as honras de alta patente do exército alemão, porém Eisenhower, traduzindo os protestos de todo o mundo civilizado, ordenou que lhe fossem tiradas todas as honras e o privassem de falar. Porque ele não falava — expelia bacilos que ainda poderiam infeccionar a terceiros...

Nos bons tempos que não voltam mais, Edda, filha do famigerado Mussolini, mulher do conde Ciano, ia banhar-se no Lido de Veneza em companhia do príncipe Carl Cito. Algumas vezes Edda Ciano hospedava Goering e o punha à vontade nessa praia, colocando um cartaz com os dizeres: "Atenção! Se alguém fotografar o marechal Goering e sua esposa, terá a confiscação imediata da sua máquina. (a.) O Burgomestre". Vê-se ao fundo, à direita, as silhuetas de Goering e a mulher.

Achtung!
Das Fotografieren des Herrn
Generalobersten Göring nebst
Gattin beim Baden, zieht die sofortige
Entziehung des Apparates und des Films
nach sich. Der Bürgermeister.



Helio Elmo é um nome que ninguém conhece, embora sejam poucos no Rio de Janeiro os que ignorem quem seja o seu dono, esse garoto prodígio, desenhista nato, que vai deixando no asfalto da avenida Rio Branco a marca de sua arte, que o vento, a chuva ou os caminhões d'água da Prefeitura não deixam permanecer ali durante muito tempo.

Não faz ainda um ano que ele apareceu rabiscando no chão os seus bonecos de giz, e já é entretanto uma das figuras mais populares do Rio de Janeiro, um amigo de todos os dias de qualquer habitante da Cidade Maravilhosa. Chegamos mesmo a nos espantar se, ao passarmos pela Avenida no período compreendido entre 17 e 19 horas, não encontramos o pequeno pintor entregue ao seu trabalho, cercado por uma pequena multidão de admiradores.

Helio Elmo não vê, entretanto, quem o cerca. Quando trabalha os seus olhos são pouco para os bonecos que vai criando, muitos dos quais já se tornaram tradicionais, como é o caso daquele expedicionário brasileiro que põe o parabelo no peito de um tedesco carrancudo, gritando, numa legenda de giz branco: "Morte ao rato nazista!". Há outra figura que também aparece sempre nos desenhos do garoto. É aquela do soldado americano trazendo espetado na ponta da baioneta um japonês estrebuchante. E aquele retrato enorme de Stalin, em farda de marechal do Exército Vermelho, fumando cachimbo, já é hoje também uma figura imprescindível na Avenida.

Assim trabalha Helio Elmo. Faz os seus desenhos, desenhos rudimentares de menino nascido em bairro pobre, que nunca frequentou escola ativa. Os seus ouvidos nunca ouviram as palavras de um professor; os seus olhos jamais pousaram sobre um quadro negro. Nasceu com alma de artista dentro do corpo; os seus dedos ansiavam por um pedaço de carvão com que rabiscasse os muros.

Nunca os seus pais, notando a vocação acentuada do menino para a pintura, lhe ofereceram palhetas e pincéis. Helio Elmo porém é um artista libertário e intemerato. Começou a desenhar onde bem entendia.

Hoje ele é, talvez, o artista mais popular e mais querido do Rio. O seu atelier é a cidade; a sua tela ocupa toda a extensão da Avenida. Ali está sempre exposta a sua arte, renovada sempre pelo trabalho destruidor das intempéries e dos garis...



ACONTECEU NO RIO



Um grupo de colegas do dr. Affonso Tarantino prestou-lhe significativa homenagem. Na gravura o homenageado cercado de amigos, entre os quais o prof. W. Berardinelli, de quem o jovem fisiólogo patricio é assistente na Faculdade Nacional de Medicina.



Foram várias e animadas as comemorações de São João e São Pedro, levadas a efeito em clubes recreativos da cidade. Bailes capiras, com as características dessa festa popular, repetiram-se em vários lugares. Na gravura o baile do Orfeão Portugal.

MARTHA MARIA DE LEMOS BRITO — Flagrante apanhado no Conservatório Brasileiro de Música, numa audição infantil, em que Martha Maria, neta do prof. Lemos Brito, de quatro anos e meio (a menor do grupo), revelou sua extraordinária vocação para o piano.



Senhorita Maria Madalena de Souza, distinto ornamento da sociedade de Uberaba, Minas Gerais.

FIGURAS E FATOS



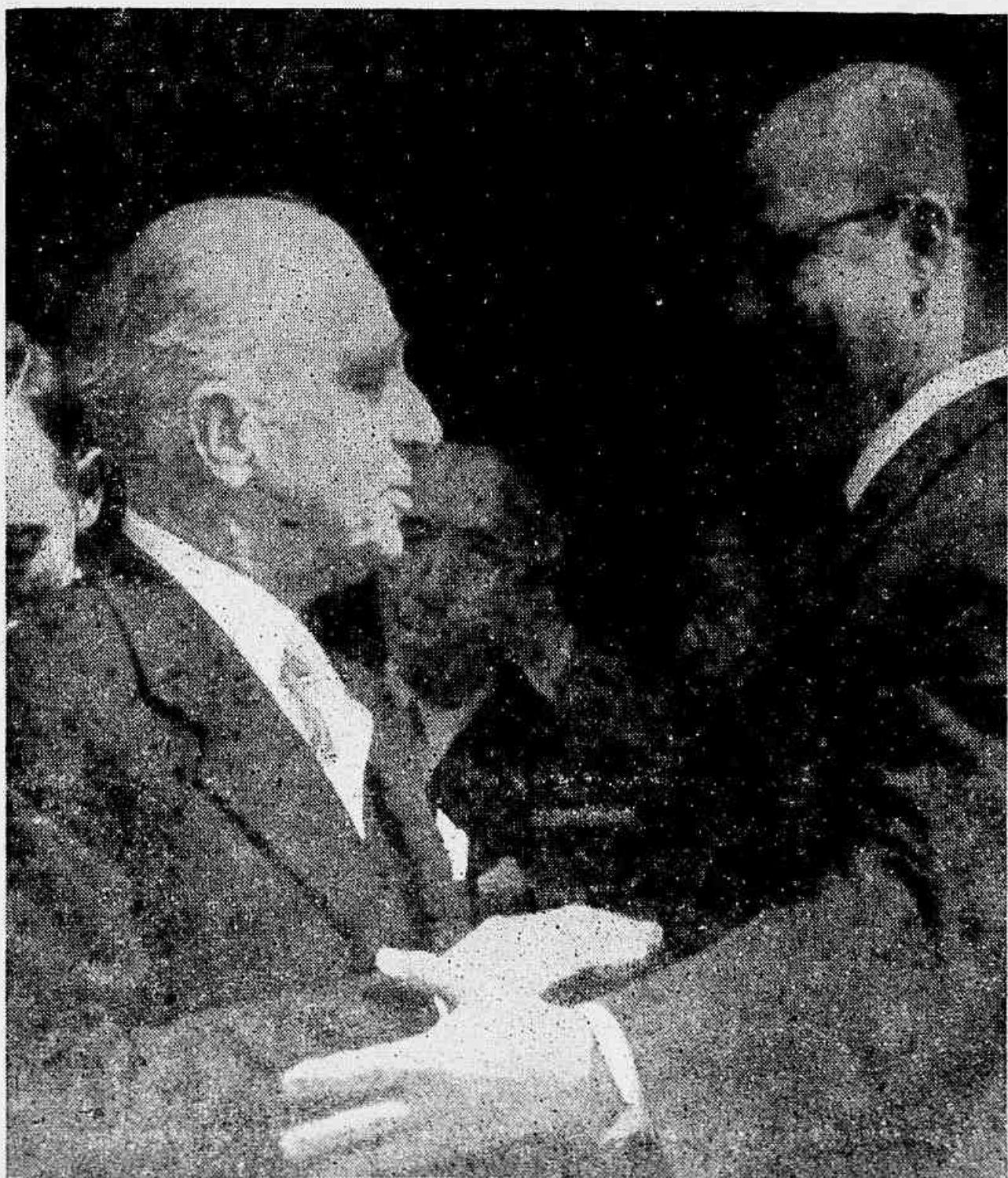
Senhorita Juracy Lucas do Rego Carvalho e seu noivo o sr. José Ferreira, alto funcionário da Sul América Capitalização S. A., num flagrante batido no dia do enlace matrimonial, quando viram-se rodeados de homenagens das pessoas de suas relações.

Por ocasião do Te-Deum da Vitória, celebrado pela Embaixada do Brasil em Lisboa, o escritor Joaquim Leitão, secretário da Academia das Ciências, cumprimentando o encarregado de negócios do Brasil, escritor Ribeiro Couto. A cerimônia deu-se em 14 de maio último.



Senhorita Ruth Macedo Pimentel, numa fotografia colhida no dia de seu enlace matrimonial com o sr. João Bastos, recentemente realizado na Igreja de S. Sebastião Capuchinhos, nesta capital, cerimônia muito concorrida e que marcou legítimo acontecimento mundano.

Na igreja de S. José realizou-se o enlace da sta. Maria Candida Romão, filha do Pericles Romão e de d. Maria da Gloria Romão, com o nosso confrade Paulo Corrêa, redator-secretário de "O Jornal", filho do sr. José Corrêa da Silveira e de d. Maria Vial Corrêa.





JOCKEY CLUB MUNDANO

A nossa reportagem fotográfica colheu no Hipódromo da Gávea, na tarde do último domingo, os sugestivos flagrantes da assistência ao notável "meeting" daquele dia. Por êles se pode ver o cunho de elegância e distinção que caracterizou esta reunião do Jockey Club Brasileiro.



NOS BASTIDORES FEMININOS

A formosura feminina tem três fases absolutamente distintas quanto ao seu esplendor. Dos dezoito aos trinta anos; dos trinta aos quarenta-e-cinco e dos quarenta-e-cinco em diante. Para cada uma dessas idades a mulher deve ter uma atitude e um gênero de beleza. Uma mocinha com um "ar" severo, senhorial, vestida com imponência, com um traje exageradamente sóbrio e sombrio é uma coisa tão imprópria como uma senhora aparentando exuberâncias juvenis, vestida de primavera, dizendo coisas frívolas num desejo ridículo de parecer a menina que já não é...

Referir a mocidade é justíssimo afã que todas nós devemos alimentar, e é justo que tudo façamos para atingir esse ideal. Mas há um limite neste nosso tão justo anseio. Um limite que jamais deveremos ultrapassar. E' quando se trata da **personalidade**. Cada um desses períodos de nossa vida obedece, principalmente, à nossa íntima evolução, e por mais juvenil que possa ser um rosto da quarenta anos, a experiência da vida lhe imprime uma certa expressão que não ilude ninguém. E é justamente a arte de ajustar sua toilette e sua atitude ao pleno desabrochar da beleza o que mais realça o encanto de uma mulher.

Nada de pinturas em excesso, de vestidinhos angélicos, de momices infantis, de penteados soltos para uma mulher na plenitude dos quarenta anos. De uma mulher bonita, com essas trajes e essas maneiras, passará a ser uma mulher ridícula. E no entanto nessa idade quanta mulher não ofusca as meninas de dezoito anos!

Lembremo-nos da duquesa de Windsor, que aos quarenta-e-cinco anos teve encanto bastante para que um homem a trocasse por um trono; saibamos receber com inteligência e com alegria o nosso outono, mantendo acima de tudo, a linha, a elegância, o bom tom. Sejamos "coquettes" mesmo na sombra do nosso crepúsculo, sem procurar artifícios impróprios, artifícios que feririam a sua luz amena e meditemos sobre esta verdade que lhes vou repetir: não é mais velha a mulher que mais anos tem, é sim aquela que põe os seus saberes a descoberto.

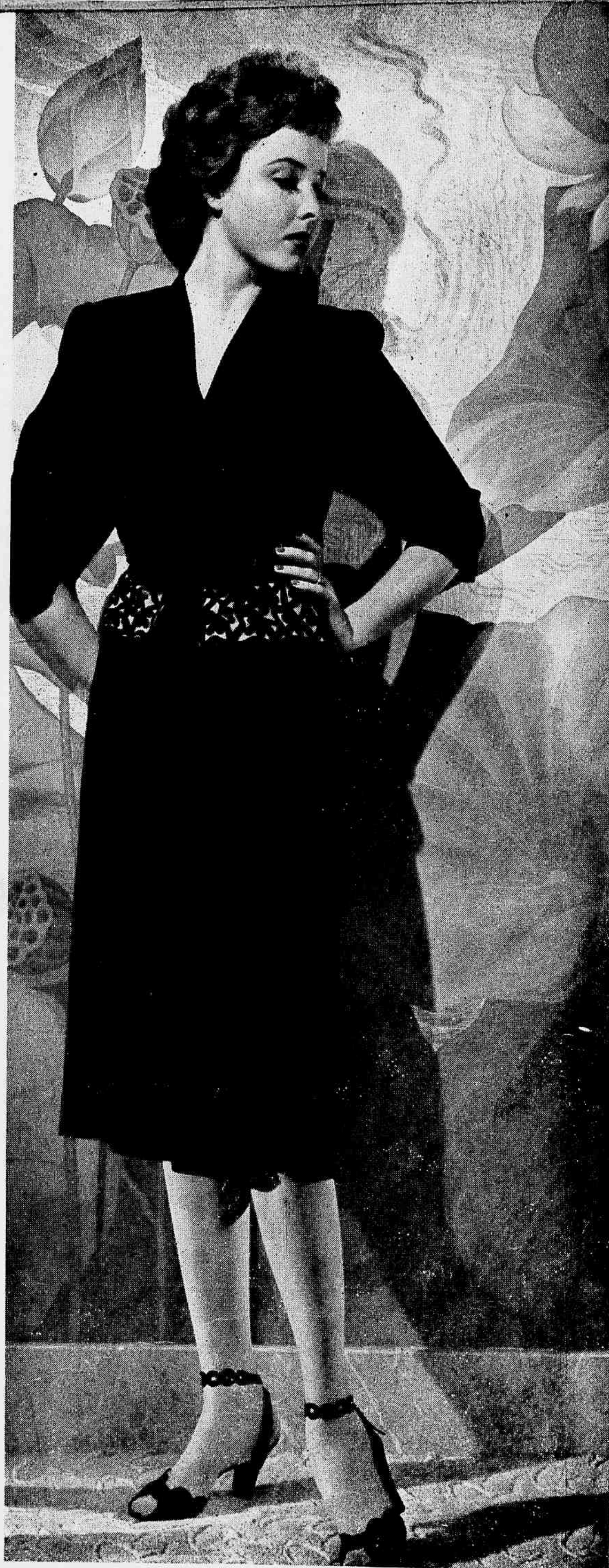
ALMA CARROLL (RKO-Radio)



HOLLYWOOD

APRESENTA

Marsha Hunt, com seu "ar" melancólico e misterioso, apresenta-nos um lindíssimo traje esportivo para as manhãs de inverno. A calça em flanela branca, e blusa verde oliva. O casaquinho, cujas mangas são brancas, tem a frente em flanela escocesa verde, branca e vermelha e botões verdes. Sapatos em camurça vermelha; cinto verde no mesmo tom da blusa,



Laraine Day apresenta-nos este vestido em veludo negro. As pequeninas abas da blusa têm o fôrro em seda rosa pálido e estão preciosamente bordadas em "Richelieu". A saia em forma, decote em "V", um leve pregueado nos ombros, e assim, com extrema simplicidade, está realizado um traje magnífico, em que se destaca a elegância da querida artista.



Eleanor Parker, da Warner, apresenta-nos um modelo onde se casam os tons branco e preto, o sim e o não das tonalidades. É surpreendente a harmonia desta "toilette" extremamente graciosa.



Lauren Bacal está magnífica no seu traje esportivo em lã cinza-chumbo. A blusa em tom "gris-perle", põe uma nota juvenil neste conjunto que valoriza, de maneira espetacular, a formosura e a mocidade esplêndida desta figurinha da Warner Bros.

A desapareição DE MARC O'BRIEN

NAS margens do Yukon, a dois mil quilômetros de toda a civilização, a justiça era primitiva. Estava simbolizada em Marc O'Brien, mineiro eleito pelos seus camaradas mineiros e que pronunciava sentenças sem apelo. Ninguém as discutia no acampamento da Vaca Vermelha, cujos habitantes não conheciam senão dois crimes: o roubo e o assassinio.

O ruído noturno, a embriaguez nunca são punidos. Ao contrário, os ladrões e os assassinos são banidos do acampamento, isto é, são abandonados numa canoa, ao sabor das ondas do Yukon que corre, em torrente, até ao mar de Behring. O ladrão recebe alimentos para duas semanas e tem algumas possibilidades de atingir o posto dos missionários, a mil quilômetros do acampamento. O homicida embarca com alimentos para três dias, o que lhe dá uma possibilidade entre cem, de escapar à horrível viagem através do deserto gelado. O assassino parte sem uma cêdea de pão, o que, para ele significa a morte sem esperança...

Marc O'Brien acabava de condenar, na sua alma e consciência, o mineiro Jack Arizona, acusado de ter morto um dos seus camaradas. Diante de todos os pesquisadores de ouro, reunidos na margem do rio, conduziram-no ao escaler que foi largado em plena corrente, com alimentos para três dias.

Executada a sentença, Marc O'Brien dirigiu-se ao bar de Jim, o Caracóis, que, justamente, recebera há pouco uma caixa de "whisky" velho.

Jim, o Caracóis, camarada astucioso. Cobiçava o filão de ouro que Marc O'Brien descobrira. Convidou o juiz a provar o seu "whisky", nas traseiras da loja e propôs-lhe a compra do terreno por 10.000 dólares. O'Brien, antes de se decidir, bebeu alguns copos do deleitoso líquido; ia ceder, quando seus dois associados. Charley e Leclair, o vieram buscar. Novas tergiversações. Novas rodas de bebida. Jim, o Caracóis, que conservava o seu sangue-frio, e que sacrificava com consciência esse "whisky" que teria vendido a um dólar o copo, obteve por fim a assinatura de O'Brien.

Então, satisfeito, expulsou os três bêbados que se afastavam titubeando para a margem do Yukon. Charley e Leclair detiveram-se à beira da água. Sustentava cada qual pelo seu braço O'Brien, perdido de bêbado. Charley avistou um barco amarrado no tronco de uma árvore e sugeriu a Leclair uma boa partida. Este achou-a admirável... De comum acordo, deitaram O'Brien no fundo do cano. desataram a corda e, com um ponta-pé, puseram o seu camarada à deriva.

Marc O'Brien acordou no dia seguinte. Seu estômago, calcinado pela enorme quantidade de álcool que ingurgitara, estava seco e ardendo como uma fôrnia. Tinha dores de cabeça, por dentro e por fora, porque, durante a noite, milhares de mosquitos se tinham alimentado com a carne do seu rosto que inchava horrivelmente. Entreabriu as pálpebras com bastante custo e julgou-se perdido. Ou pelo menos não teve consciência da sua identidade. Não reconhecia o ambiente. Esquecera o seu passado, estava doente. Estava cansado de se interrogar.

De súbito descobriu sangue extravasado sob a unha do polegar. Reconheceu-se então. Compreendeu que essas duas mãos estranhas pertenciam a Marc O'Brien, ou antes que Marc O'Brien pertencia àquelas duas mãos. Depois imaginou que estava com febre. Um ramo de árvore roçou pelo casco da canoa. Pensou que batiam à porta da cabana e gritou: "Entre!" Esperou um instante, depois resmungou: "Bem, fica aí... e que Deus te amaldiçoe!"

Passou o tempo. Suspeitou que se devia ter embriagado e pensou de súbito no seu trabalho. Sentou-se, abriu os olhos e constatou que se encontrava num barco, sobre as ondas lodosas do Yukon... Ficou desconcertado. Tomou a cabeça entre as mãos... O que lhe acontecera após a orgia da véspera? Lentamente, o pensamento horrível perseguiu o seu cérebro. Tentou expulsá-lo. Ele voltou: **matara alguém!** Era a única explicação possível da sua presença naquela barca, no meio do rio. A lei do acampamento da Vaca Vermelha fora

igual tanto para ele como para os outros... **Matara alguém!** Vários homens, talvez?... Apalpou a faca no cinto. A bainha estava vazia... Estarrecido, olhou o fundo da barca... Nenhum alimento lá fora depositado... Caiu, espantado... Matara então sem provocação, visto que lhe fora aplicado todo o rigor da lei? Durante uma meia-hora ficou imóvel, entontecido. Bebeu um pouco de água e ergueuse. Em sua volta só havia as ondas revoltas entre as duas margens desertas. Então pôs-se a amaldiçoar a bebida, o álcool e a embriaguez.

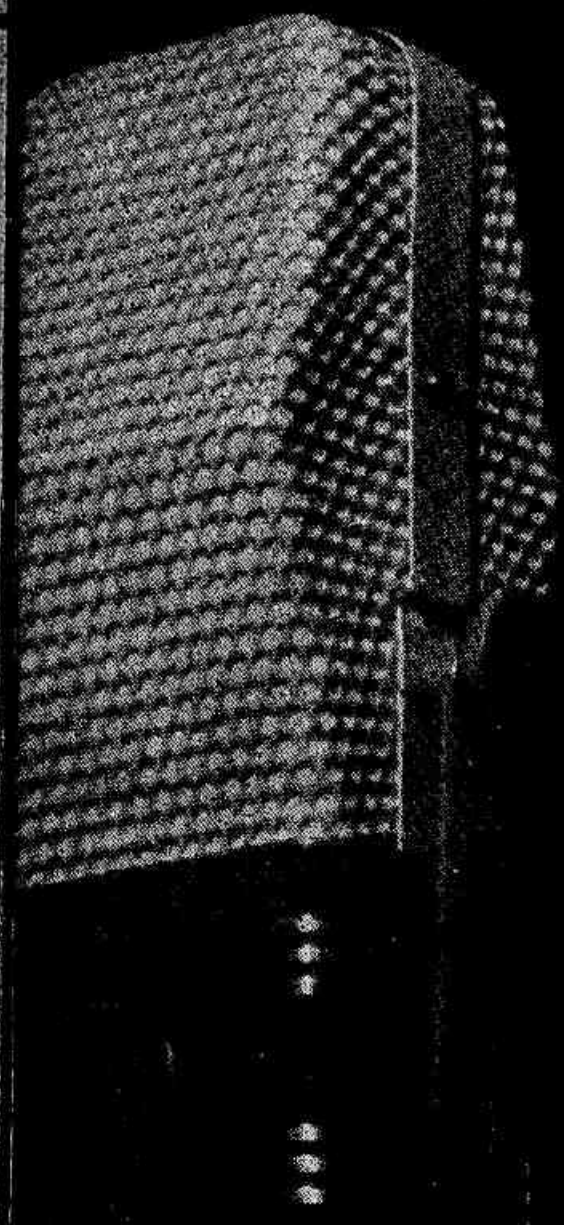
Seu barco encontrava-se a cerca de duas mil milhas do mar de Behring. Descia a corrente com a velocidade de cinco milhas por

hora. Deduzindo as horas de paragem, cobriria cem milhas por dia e atingiria a embocadura do Yukon dentro de três semanas. O essencial para O'Brien era portanto tentar as forças.

Durante dois dias não correu nada. Depois abordou os bancos de areia e procurou ovos de pato bravo. Engoliu-os crus, porque não tinha fósforos para acender lume. No dia seguinte estava à vista do posto de Hudson City Bay. As pessoas da cabana esperavam o seu abastecimento. Não tinham senão "whisky" e ovos. Recusou os ovos porque tivera uma indigestão deles e afastou a garrafa de "whisky" com a mais viva repugnância.

(Continua na pág. 42)





"EU FUI MENINO PRODIGIO" DECLARA CARLOS RAMIREZ

Em uma roda de amigos, no intervalo de suas atuações na Globo, Carlos Ramirez faz confidências. De lado, duas "fãs" que já se satisfizeram com a aquisição do autógrafo, escutam, embevecidas:

— Não posso negar que fui um menino-prodígio — vai dizendo o barítono de "Granada". Com a idade de sete e oito anos, saía de casa disposto a "cavar" uns níqueis em troca do meu trabalho. Cantava então nos "restaurants" elegantes da cidade, percorrendo de mesa em mesa e oferecendo... três canções por dez centavos!

Com o tempo a tabela de Carlos Ramirez foi aumentando. Não tardou que recebesse quinze em vez de dez centavos.

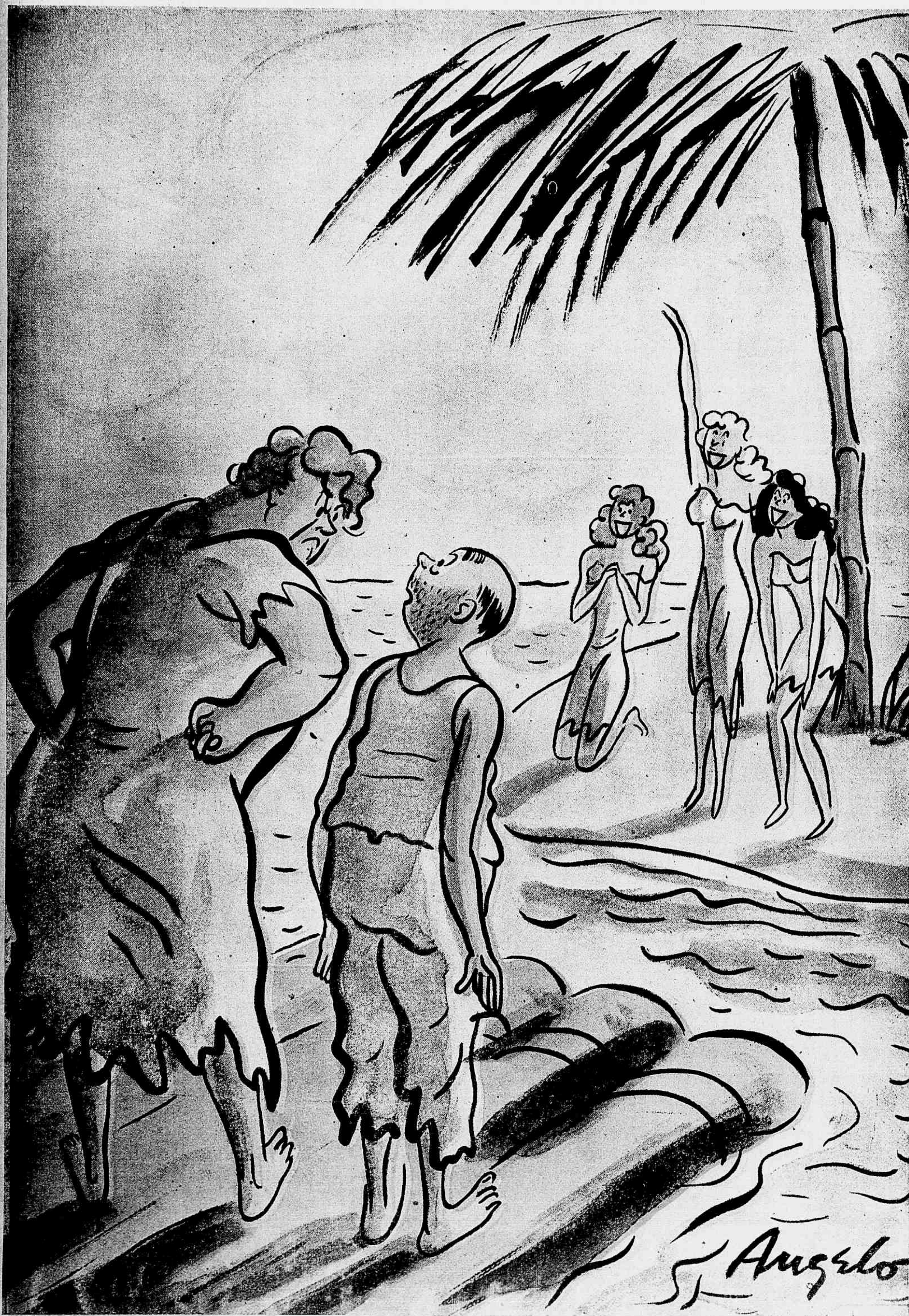
O pai do cantor colombiano é que não batia palmas à sua vocação artística e tudo fez para demovê-lo desses propósitos. Mas de nada adiantaram as impertinências paternas. O velho Ramirez não chegou a levar a melhor, pois seu filho Carlito, disposto a estudar canto, o fez por iniciativa própria. E acabou sendo esse magnífico artista que Hollywood popularizou de maneira extraordinária, só com o seu primeiro filme. Fazem alguns anos, Carlos Ramirez visitou o Rio, mas, porque nessa ocasião não tivesse ainda gravado nem fosse experimentado em cinema, embora com os mesmos e notáveis recursos de voz, registrou um sucesso menor. Agora está sendo esse êxito ímpar que todos nós acompanhamos através do rádio e do "night-club". Carlos Ramirez renovou seu contrato e ficará mais algumas semanas no Rio, desistindo de visitar São Paulo. Nas gravuras desta página, Carlos Ramirez em várias poses exclusivas para a nossa revista. Em baixo, à esquerda, o festejado cantor recebendo, de presente,



uma caixa de gravatas brasileiras, que lhe oferece o nosso confrade Henrique Tavares. Na gravura imediata, o "astro" de Hollywood faz uma demonstração do laço de gravata "à moda do cinema", e os presentes mostram-se interessados na lição. A gravata é colocada pelo avesso. À direita, ao alto, duas "fans" tomam de assalto o cantor, à porta do estúdio, intimando-o, ali mesmo, a oferecer-lhes um retrato com o devido autógrafo. As outras fotos mostram-nos flagrantes de Carlos Ramirez cantando seus aplaudidos números.

Quando regressar a Hollywood, segundo nos informou o artista da Metro, deve iniciar, sem demora, duas novas filmagens. Espera visitar-nos periodicamente, de três em três anos, se impedimentos maiores não surgirem. O aproveitamento de Carlos Ramirez será feito agora também em filmes de ação, não apenas na qualidade de cantor. Um de seus grandes ideais é o de filmar com Carmen Miranda uma película cuja história transcorresse no Rio, e espera levar, daqui mesmo, apontamentos bastantes para orientarem um "script" nesse sentido. Tivemos ocasião de conhecer alguns detalhes desse argumento, no qual Carlos Ramirez vem trabalhando nas horas de lazer, e pudemos certificar-nos de ser, realmente, um episódio cheio de interesse e ação. Acontece, porém, que os momentos de lazer são muito poucos... Carlos Ramirez tem todo seu tempo distribuído entre o rádio... o "night-club"... e as "fans"... Principalmente as "fans", depois que souberam de seu divórcio com uma artista portenha, que os jornais noticiaram um dia destes...





Amor culinário...

Conto de MARGERY REID

Ela era uma excelente cozinheira e o tempo era de crise...

NÃO conhecem, com certeza, a poesia das panelas. Nem a música da água, fervendo na chaleira. Pois bem, afianço-lhes que ela existe. Para todos os que nunca puseram os pés numa cozinha...

Podemos idealizar o que quisermos, contanto que o nosso se-

nho não inclua número excessivo de elementos com que lidamos todos os dias, porque, nesse caso, a realidade tem a tendência lamentável de vir estragar a poesia das chamadas coisas simples... Um poeta pode ver beleza num vaso quebrado no chão, abandonado, com a terra derramada, uma flor caída, perdendo aos poucos a vida... Mas a arrumadeira sabe que esse

quadro significa ir buscar uma pá, uma vassoura e apanhar os destroços, que seguirão rumo à lata de lixo. Ah, vida, vida!

Janie estava exasperada. Acontecera com ela o que frequentemente acontece com as pessoas sonhadoras. Ela criara uma realidade sua, que não tinha a menor relação com os fatos, a não ser na maneira pela qual parecia ser congruente com eles. Acontece sempre assim. A moça romântica prepara, cuidadosamente, a sua quimera, construindo-a com a aparência transfigurada e embelezada dos fatos. De repente, um deles protesta e o edifício tão belo rui. E' lamentável. E foi o que sucedeu a Janie.

A melhor cozinheira de Nova York. Não exagero. Atestam minha afirmação as opiniões de peritos de fama internacional. Uma verdadeira discípula de Brillat Savarin, sem as preocupações de fazer filosofia a respeito de coisas tão mesquinhas como estômago, paladar e — horror! — digestão. Enfim tudo vai do ponto de vista. E não garanto que ainda não surja quem extraia disso o seu conteúdo elevado e transcendental.

Mas, como lhes disse, ela era a melhor cozinheira de Nova York. O título que, em outras circunstâncias, poder-lhe-ia ter dado prazer, era a fonte e a causa de todo o seu desespero. Uma dúvida atroz atormentava-a. E não havia meio de ter certeza...

A dúvida atroz, depois de umas observações sobre filosofia, pode levar o leitor à idéia errônea de que se tratava de angústia metafísica. Não: muito material e natural até era a preocupação de nossa heroína. Tratava-se de um caso de comida.

Os homens se pescam pelo estômago, era a sábia filosofia que a mãe de Janie pregara com excelentes resultados. Resulta daí que a filha era uma perita cozinheira. Mas que não podia saber se um rapaz a amava.

Conhecera-o, precisamente, no concurso que vencera conquistando o prêmio de quinhentos dólares. Ele era um reporter e mostrou-se devidamente impressionado pelo prato que ela preparou. Duas semanas após o primeiro encontro o caso já dava para uns beijos furtados a medo e umas declarações balbuciadas. Tudo muito romântico. Eis senão quando entra em cena a dúvida. O instrumento do destino para despertar na consciência dela o que há muito a atormentava sem que ela soubesse foi uma frase dele.

— Quando nos casarmos você cozinhará jantares como esse, para mim.

Com Silvo,



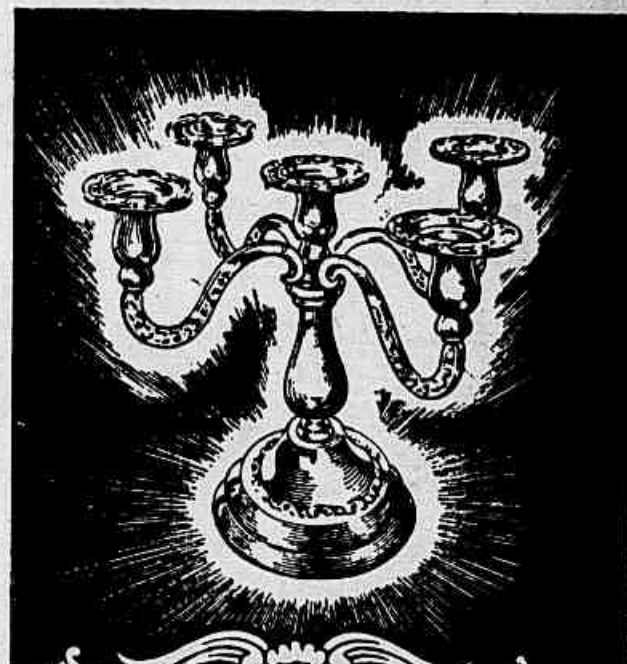
qualquer pessoa



limpa prata



sem "riscar"...



Ao mesmo tempo
LUSTRA e LIMPA
a Prataria!

Pronto. Estava formado o conflito. Tragédia tremenda! Oh! Então ele se casava com ela por causa da sua cozinha e não da sua pessoa. De nada serviria indagar, pois a negação imediata só serviria para aumentar suas suspeitas. Como, então, certificar-se daquilo? Ele demonstrava a apreciação refinada de um "gourmet". Ela ouvira falar que, naqueles tempos de crise, havia gente capaz de loucuras para arranjar uma boa cozinheira. Até de casar-se com a cozinheira eram capazes.

"Tome cuidado, hein, meu

No tanque ou na pia,
Minerva auxilia!
Pra roupa ou panelas
Minerva é "pra elas"!

Sabão MINERVA lava mais por menos dinheiro.

Sabão MINERVA torna as panelas lindas e limpas como jóias.

Sabão MINERVA garante uma higiene perfeita às roupas do bebê.

GRS. 250
TAM. 2
CLAS. 59

MINERVA
CIA. GESSY

Mas, cuidado! O Sabão Minerva está sendo imitado na cor, mas não na qualidade. Ao comprá-lo, verifique bem a marca. Minerva, agora é assim...

O SABÃO MINERVA SAI BARATO
PORQUE PROTEGE O QUE LHE É CARO!

PROVENDAS*Empresa Promotora de Vendas Ltd.***RUA ASSEMBLEA, 39-41****BICICLETAS-WESTFIELD-AMERICANAS****MODELOS W-295 E W-296****ESPECIFICAÇÕES****QUADRO**

20" e 22" nos modelos W-295 para Homens e 20" nos modelos para Senhora, de aço reforçado e ultra-leve.

ARO

26" 1½"

CÓRES

Azul e marrom brilhante com filetes marfim.

PARA-LAMA

Desenho Westfield. Ornados com belos filetes Marfim.

CORREIA

3/16" x 1" de alta qualidade.

REFLETOR

Multi-refletor no para-lama traseiro.

PUNHO

Modelo Torrington, de uma só peça, pretos.

PEDAIS

Torrington, de alta qualidade.

GUIDON

Westfield. Desenho elegante e exclusivo.

FREIO

New-Departure — Contra-pedal.

Altruístico gesto de uma dama paulista

**D. ANITA PASTORE D'ANGELO DÔA IMENSA
FORTUNA A UMA FUNDAÇÃO**



SRA. ANITA PASTORE D'ANGELO

amor", dissera uma amiga brincando, "um dia um rapaz casa com você só por causa da sua habilidade. Vale mais do que uma fortuna hoje em dia."

— Que há, Janie?

Por que êle fez aquela pergunta imprudente? Ela revoltou-se.

— Não quero mais vê-lo. Suma-se.

— Janie! Você enlouqueceu?

— Eu sei! Eu sei de tudo, ouviu?

— Sabe de que, meu amor?

— De tudo!

Êle procurou na lista de seus pecadilhos o nome da loura que ela poderia ter visto com êle na rua... Não. Havia dois meses

que êle não cometia uma daquelas desculpáveis indiscreções.

— Mas...

Ela, porém, não lhe deu tempo de falar. Fugiu, correndo, a chorar...

Quando soube que a tinham colocado ao lado dêle, na mesa, quase disse a verdade. A dona da casa não sabia que êles tinham brigado e quisera, assim, favorecer um "tête-à-tête". Havia duas semanas que ela não o via, nem tinha intenções de voltar a vê-lo, mas, de forma alguma, ia dar assunto para os exercícios das amigas. Por isso,

Nos tempos que passam, quando o egoísmo dos homens fez desencadear sobre a humanidade o tremendo cataclisma de uma guerra sem precedentes na história do mundo, os gestos de renúncias pelos bens terrenos são como que inesperados clarões rasgando a tenebriedade das trevas, motivo pelo qual devem, êles, ser registrados carinhosamente pelos que ainda acreditam na regeneração dos costumes e na felicidade tão ansiosamente buscada quanto persistentemente fugida. E' o caso da generosa dama paulista sra. Anita Pastore D'Angelo que, revelando rara formação moral, doou imensa fortuna para uma fundação que tem o seu nome, e onde os pobres, os que sentem, em tôda sua intensidade, as vicissitudes da vida, encontrarão um lenitivo para seus males, um consôlo para seus padecimentos e uma palavra de ânimo para suas desilusões.

Trata-se da Fundação Anita Pastore D'Angelo, instituída e organizada por essa generosa dama domiciliada na capital paulista, onde superintende as atividades da Fábrica de Cigarros "Sudan" S. A., continuando o ciclo de trabalho de seu saudoso marido. Nada menos de 1.600 ações da Fábrica de Cigarros "Sudan" S. A. no valor de Cr\$ 8.000.000,00 e do imóvel denominado "Chácara Sudan" constituem os bens iniciais doados por D. Anita, para ereção dêsse monumento de bondade. Por morte da instituidora, segundo testamento público já feito, a Fundação será herdeira universal de todos os seus remanescentes bens.

Gestos como êste precisam ter a mais larga divulgação, nunca para que a popularidade dos mesmos se transforme em orgulho, ou vaidade, para os que os praticaram inspirados pelo que de melhor se aninha no fundo do coração, mas tão somente para que perdurem como a seta do amor e da caridade, indicando o rumo que todos devem seguir.

CARVÃO ESPECIAL PARA GASOGÊNIO**CARVOARIA BOM JARDIM**

CARVÃO E LENHA RECEBIDO DIRETAMENTE — ARTIGOS DE 1.ª QUALIDADE

Êste bem montado Depósito continua a servir os seus fregueses por preços mais baratos que em outras casas.

Especialidade em carvão para feito de angamar e cozinha.

LENHA EM TOCOS, FEIXES E EM TALHAS

Compras e vendas a dinheiro — Entregas grátis a domicílio

ANTONIO FERREIRA DE ALMEIDA

Rua Marquês de Sapucaí, 369 — Telefone 22-9566

Rio de Janeiro



O CORAL LUTÉCIA CANTANDO GABRIEL FAURÉ — O coral Lutécia, o conjunto de alunas do Colégio Lutécia, que com tanto sucesso tem se exibido em várias ocasiões, comemorou o centenário de Gabriel Fauré em uma bela audição na Escola Nacional de Música, com um programa composto exclusivamente de músicas do célebre compositor francês. A gravura mostra um aspecto do interessante conjunto do Colégio Lutécia no palco da Escola Nacional de Música.

nada disse. Ele cumprimentou-a friamente:

— Boa noite.

E ela, também:

— Boa noite.

Quando veio o primeiro prato a dona da casa pediu desculpas.

Janie, você me desculpe. O jantar não está muito bom...

— Ora, como é que você pode dizer uma coisa dessas?

— Eu sei. Você é muito amável, mas para uma perita...

Intimamente, Janie pensou: uma perita? Nem para um carregador êsse jantar servia! Que coisa horrível.

De repente, porém, saiu do seu alheamento, surpreendida ao ouvir a voz dêle, ao seu lado.

— Pelo menos sua amiga é amável. E sabe cozinhar tão bem quanto você. Pena que seja casada.

Janie olhou-o fixamente:

— Cozinha tão bem quanto eu? Você acha êsse jantar bom? Gosta?

— Claro. Está formidável.

Ela não se conteve. Ali mesmo, na frente de todos, beijou-o:

— Então você me amava! Gostava dos jantares porque eram feitos por mim. Coitadinho, êle não tem paladar nem para distinguir entre o China e os quitutes de Barthelemy! Meu amor!

A tirada causou sensação! Todos quiseram saber do que se tratava e ela foi forçada a explicar. Houve risos e brincadeiras.

A noite, após a festa, êle levou-a em casa.

— Até amanhã.

— Até amanhã, meu amor.

Êle desceu a rua assobiando baixinho. Na esquina, perto de um poste, tirou do bolso um caderno de notas onde escrevera:

— Arranjar cozinheira. Passar agência.

Riscou a nota com um traço enérgico. Feito isso guardou o caderno e seguiu, assobiando ainda.

Em seu quarto, já deitada, Janie sonhava com êle.

Oh, amor, amor!

Dr. Jardel Cruz

Consultor Jurídico das Indústrias de Calçados GANDHI

Advogado

Rua Primeiro de Março, 7 — 9.º andar — Sala 901

(Entrada pela Travessa dos Barbeiros, 6)

Expediente: das 9 às 18 horas. Sábados, das 9 às 12 horas

Tel.: 23-2857

SEU MEDICO poderá hesitar entre dois medicamentos para a sua saúde. — Mas SEU AMIGO não hesitará em aconselhar o melhor emprego de sua economia.

— Um título de

ALIANÇA DO LAR LTDA.

terá assegurado o seu futuro.

AVENIDA RIO BRANCO N.º 91
5.º ANDAR — RIO DE JANEIRO

União Industrial de Pinceis Lda.

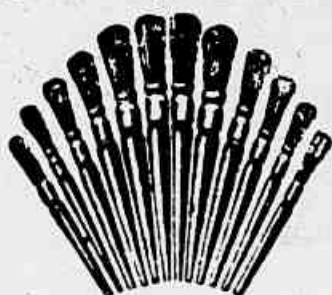
Fundada no Brasil em 1925

Fábrica especialista em tôdas as qualidades de pinceis



Telefone 22-4620
Telegramas UNITRIAL

Códigos:
BENTLEY'S 5th.
PETERSON'S 1st, 2nd, 3rd.
RIBEIRO E MASCOTE



AVENIDA SALVADOR DE SÁ, 181 e 183
RIO DE JANEIRO

Jóias, Relógios,
Bijouterias
e Cristais.

Pratarias, Fa-
queiros e Lou-
ças Finas.

OBJETOS PARA PRESENTES

S. PENNA & CIA.

Rua do Rosario, 113-A-1.º Andar-Rio

TELEFONE 43-9735

A AVENTURA

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 23)

Ela ficou surpreendida com a reação brusca.

— Vá — repetiu ele. — Quer que arranje um cavalheiro para acompanhá-la, ou já tem alguém em vista?

Ela ofendeu-se:

— Não é preciso fazer grosseria.

— Desculpa-me, gentil dama. Quereis dar-me a honra de gozar vossa deliciosa ausência? Ide e diverti-vos. Mas não reclameis se fizerdes "besteira".

— Você pensa que eu não posso sair sozinha?

Mas ele já enterrara o nariz no jornal. Disse ainda, com ar decidido:

— Senhora minha, a questão está encerrada. Sumi-vos!

Ela saiu de casa com um leve remorso. Ao mesmo tempo, a sensação de independência era magnífica. Independência não sem um pouco de apreensão — que estará Gilbert maquinando? — mas liberdade enfim! Oh, liberdade!

CASA DO ANZOL LOPES GOMES & CIA.

Ferragens - Tintas - Artigos para pesca e lavoura
- Louças - Porcelanas - Cristais
FABRICANTES DE CORDOALHAS
RUA CLAPP 15-17 RIO DE JANEIRO 42-0245

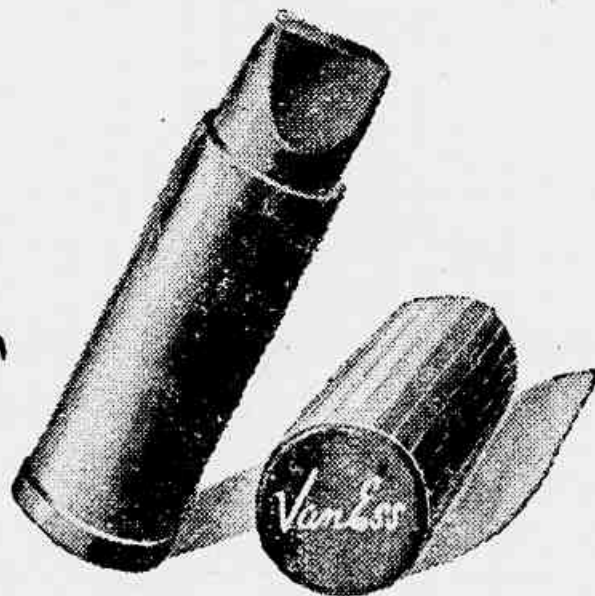


*Para convidar ao beijo
daquele a quem se ama
e para que o beijo seja eternamente
recordado...*

Tonalidades de última moda em uma
base exclusiva de "creme veludo" que suaviza,
protege e embeleza os lábios.

Baton para os lábios

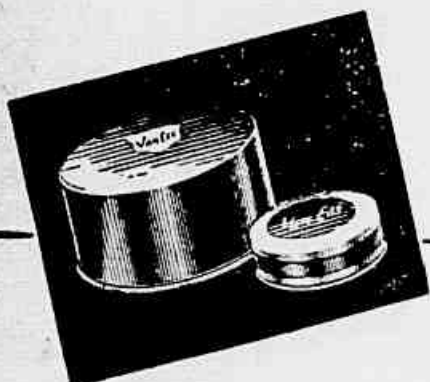
Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS,
que tornarão irresistível a sua cutis.



Quando saía com ele evitava encarar os homens que passavam, para não ter que passar meia hora explicando que olhara casualmente e não com a intenção de flirter nas barbas do digníssimo espôso. Livre! Eis-me livre, pensou. E seu passo ganhou segurança.

Quem seria aquele rapaz moreno que a olhava com tanta insistência?

— Perdão, senhorita! — disse ele.

— ...senhora.

— Perdão, senhora. Não a conheço?

— Não, senhor.

— Ora vejá! Seria capaz de jurar. Não esteve presente ao baile dos Grahams?

— Sim...

— Ah! Agora me lembro. Mas é claro que nos conhecemos. Mrs. Graham nos apresentou. Não se lembra?

— Confesso que não. Mas é possível, porque minha memória não é muito boa.

— Aqui tem o meu cartão. Não torne a esquecer... Posso acompanhá-la? Vai na mesma direção?

— Vou ao baile dos Crossways...

— Ora veja, que coincidência. Eu também.

— Bom, nesse caso.

— Poderemos ir juntos, não é verdade?

Hilda Crossways olhou curiosa para o rapaz que a acompanhava e disse:

— Onde está Gilbert?

Catherine inventou, depressa, uma mentira:

— Gilbert estava com muita dor de cabeça e por isso ficou em casa.

(CONTINUA NA PÁG. 60)

A desapareição de Marc O'Brien

(Continuação da pag. 35)

Tornou a partir. Durante quinze dias só comeu ovos... Permitiram-lhe que não morresse de fome e atingisse o mar de Behring após vinte e quatro dias de viagem. Encalhou na baía e pôde substituir os ovos de pato pela carne de foca. Nos fins do ano teve a sorte de ser apanhado por um veleiro do serviço das alfândegas americanas e ser desembarcado em São Francisco. Tornou-se conferencista. Pregou a temperança. Seu grito de guerra foi: "Fuja da garrafa!" No decurso dos seus sermões deu aos seus ouvintes a impressão de que o álcool fôra a causa do mais terrível drama do seu passado.

Tendo o bom êxito coroado os seus esforços, perseverou. Quando arenga às massas declara em termos ambíguos que o álcool lhe fez perder a fortuna. Todavia aqueles que o escutam sentem bem que ele lhes oculta a verdade e que lhes não fala de acontecimentos inenarráveis.

Embranqueceu, fiel ao seu apostolado, na sua perseverante cruzada contra o alcoolismo. Mas lá longe, nas margens do Yukon, no acampamento da Vaca Vermelha, ninguém esqueceu a desapareição de Marc O'Brien. Os pesquisadores de ouro falam nele ainda como de um mistério insondável...

Jack London

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



DIABETE — OBESIDADE — MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna. METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL. CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

PÓ DE ARROZ RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Cabelos Brancos??? Escurecedor Discreto

Informações:
Rua Flach, 163-Blo. T. 23-2940
OLEO — LOÇÃO



A HARMONIA DOS CONJUNTOS

Esplêndido "manteau" em lã bordeaux, que acompanha um "deux-pièces" confeccionado no mesmo tecido e na mesma tonalidade. Ao lado, outro conjunto elegantíssimo, que se compõe de um "tailleur" marron guarnecido de botões e com pequenas pregas na saia, e um "manteau" também marron ornamentado com franjas de lã brique e bege.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

• UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO • RIO

Hidrex O CHUVEIRO ELETRICO QUE NÃO FALHA!

Elegante, prático, econômico

Garantido por 5 anos

Instalações rápidas e perfeitas pela casa

PAN • LUX
RUA MONTE ALEGRE, 43
FONE 42-4191

ATENDEMOS COM PRAZER A QUALQUER CHAMADO OU PEDIDO TELEFÔNICO DE INFORMAÇÕES

QUE BANHO DELICIOSO!

VENDAS À VISTA E A LONGO PRAZO PELO SISTEMA S. E. R. V. E. LTDA.
Largo da Carioca, 5 — S. 503 — Fone 42-8391

Livros

ROTEIRO PERDIDO, de Dirceu Quintanilha — Irmãos Pengetti, editores — Rio de Janeiro, 1945.

O autor das *Canções dos mares do Sul* mantém neste segundo livro a sua maneira de fazer versos — ou, no sentido puro, exclusivo do termo técnico, de os não fazer. É um poeta rebelado, como tantos outros, contra as normas dentro das quais se imortalizaram os gênios da poesia. Um poeta que escreve em prosa, fragmentando-a em linhas irregulares, talvez à toa, talvez segundo o capricho do momento — se é que as duas expressões não vêm a dar no mesmo... Sejam, porém, em verso, como é de certo pretende, sejam em prosa como toda a gente verá, as obras do Sr. Dirceu Quintanilha não deixam nunca de impressionar por alguma feição ou particularidade, alguma coisa por ele encontrada e a que, portanto, pode chamar sua. Assim nas páginas de amor como nas de meditação ou nas que visam o efeito descritivo, pitoresco, o Sr. Quintanilha, por via de regra, nos fere vivamente a atenção. No transporte dum instante, numa passagem, numa palavra, o seu espírito ou a sua maneira de sentir ditosamente nos surpreende. E não raro certa ironia melancólica encerra a página, como nesta impressão de cassino ou dancing:

Roteiro perdido

A canção francesa enchia o ar,
Enchia o salão imerso na semi-obscuridade estranha.
De fracas luzes azuladas.

Tocamos as nossas taças,
Embragados no turbilhão daquela noite.

Na saudação um juramento inocente
Cresceu de ti:
— Para sempre?
Seria,
Seria para sempre

Quebramos as taças à moda do Velho Mundo.
Quebramos depois o juramento
À moda de toda gente...

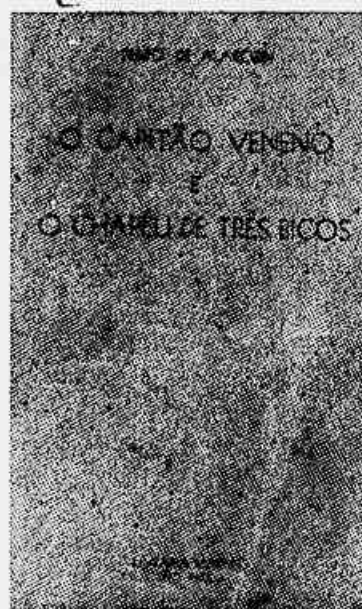
O PAGEM DE MARIA STUART, romance de Walter Scott, tradução de Corália Rego Lins — Editora Vecchi — Rio de Janeiro, 1945.



A Editora Vecchi incluiu na sua série "Os audazes" esta obra do admirável romancista escocês que, já célebre na livraria, continuava, pelo verdadeiro nome, ignorado. Tendo dado a público sem assinatura o seu primeiro livro em prosa, *Waverley*, e em vista do magnífico êxito que êle obtivera, Walter Scott pôz na capa dos romances seguintes a indicação "pelo autor de *Waverley*". Assim foram publicados *O antiquário*, *O anão negro*, *A noiva de Lammemoor* e outros, dos mais famosos. Os noveleiros, que de livro em livro iam crescendo, valeram-lhe o cognome "O grande desconhecido". E aquele que, até à definitiva revelação de Byron, se fizera considerar o primeiro poeta de Inglaterra, ficou sendo, depois de *Ivanhoe*, o seu primeiro romancista.

Este *Pagem de Maria Stuart* não figura entre as suas produções mais conhecidas. Nem por isso deixa de constituir uma leitura empolgante, pelo engenho do entrecho como pela elevação do estilo, que se enriquece de belas imagens e réplicas sensacionais. Situa-se no momento histórico em que a implacável Isabel da Inglaterra tramava a perda da rainha dos escoceses, a bela e suave Maria Stuart. E há, como em outros romances do autor, um defensor, um paladino, que, operando altas proezas, se cobre de glória cavaleiresca. É o jovem Rolando, o pagem que à sua ama e senhora se dedica de corpo e alma, e por ela se bate denodadamente até à sua partida para a Inglaterra. A par dessas aventuras e combates desenvolvem-se os amores de Rolando e uma jovem e formosa donzela de honor. E assim os capítulos da obra se sucedem, entremeados do amor e dos feitos dum moço apaixonado que é ao mesmo tempo um herói.

O CAPITÃO VENENO e O CHAPÉU DE TRÊS BICOS, novelas de Pedro de Alarcon, tradução de A. Rolmes Barbosa — Livraria Martins, editora — São Paulo, 1945.



Pedro de Alarcon, político e agitador que chegou a ser deputado e sofreu o exílio, nunca deixou de cultivar em nas fases vitoriosas nem nas épocas de adversidade, as belas letras. Por esta paixão essencial resistiu à vontade da família que o quizera formar em direito ou, se não, fazê-lo entrar na vida eclesiástica. A sua mocidade se debateu, assim, entre as imposições domésticas e a ânsia de se libertar, ganhar a emancipação, para se entregar de corpo e alma a carreira que supremamente o chamava e seduzia. Antes outros adversários, teve que vencer seus próprios pais. Com efeito os derrotou, mostrando-lhes como era o ofício de escrever aquele em que lograria maiores êxitos e alcançaria o triunfo mais duradouro.

O temperamento aventureiro levou-o às incertezas e riscos do partidário combatente na Espanha de meados do século XIX. Andou, em viagens românticas, pela África, pela Itália. Os biógrafos atribuem-lhe, durante longo período, uma existência frenética. Amores, duelos, rasgos sentimentais e temerários e, sem dúvida, dando prestígio a tudo, isso, a contribuição da lenda... Através, porém, de todos os episódios e todas as crises, Pedro de Alarcon consagrava algum tempo, o melhor do seu tempo, à obra literária; e assim compoz uma bagagem em que entram, além dos trabalhos de feição política, novelas históricas, contos, peças de teatro. As suas produções hoje mais famosas, especialmente no estrangeiro, são o *Capitão Veneno*, de que se fez um filme, e o *Chapéu de três bicos*, que Martinez Sierra arranhou em bailado e, com música de Manoel de Falla, foi posto em cena pelo famoso director russo Sérgio Diaghileff. A primeira conta bravuras e violências e por fim a conversão às doçuras domésticas do capitão D. Jorge de Córdoba; a segunda desenvolve a anedota do moleiro Lucas e de sua esposa atraentíssima. E aqui estão elas em um só volume e em edição módicada da Livraria Martins.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

HEMORRHOIDAS? tome

LIC. 3518-14-3 925 D.M.S.P.

ENCONTRA-SE EM TODAS AS

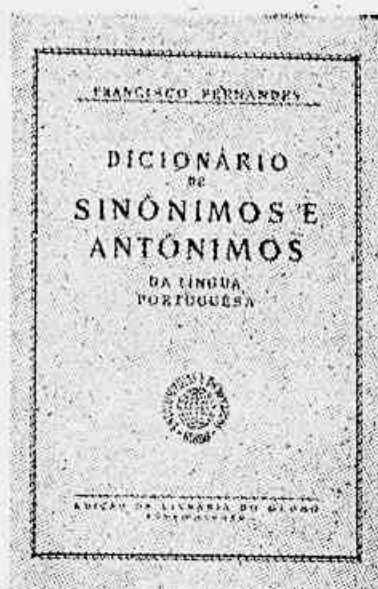
Pílulas de Herva de Bicho

Garantimos! Óptimas!

INFALIVEL!

Novos

DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS E ANTÔNIMOS DA LINGUA PORTUGUESA, por Francisco Fernandes — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.



O autor do *Dicionário de verbos e regimes* que nobremente atestou da sua orientação de gramático e filólogo como da sua capacidade laboriosa, agora nos oferece obra não menos necessária do que a primeira. O Sr. Francisco Fernandes alia assim à condição da sabedoria o título de benemerência. Presta serviços de inestimável valia a todos os que escrevem e até se pode dizer a todos os que leem. Aos primeiros pode o presente dicionário acudir em dificuldades de momento, lapsos da memória, recusas da imaginação, falhas da cultura que se adquiriu e que, em dado momento, caprichosamente se nega a cumprir o mais simples dos seus deveres; aos meros leitores ensina a aproximar ou a distinguir os termos cujo emprego se lhes depare em condições diversas e na aparência antagônicas.

Entre as obras francesas do gênero está o *Dictionnaire des idées suggérées par les mots*, de Paul Rouaix, do qual possuímos a décima primeira edição. E', antes que um dicionário, um vocabulário, uma relação de termos e seus similares ou designações com eles mais directamente relacionadas. Não traz definições, nada indica da natureza

dos vocábulos; mas só pela condição das analogias a sua posse representa para os homens de letras e especialmente para os de produção periódica e inadiável, preciosíssima vantagem. No Brasil temos o *Dicionário analógico da língua portuguesa*, do Padre Carlos Spitzer, edição de 1936, sem definições também e composto por uma sistema que ainda, no nosso idioma, desconhecíamos. Além do mais, apresenta a circunstância, até então só referida como epigrama ou anedota, de ser um dicionário com índice. Não valeria de certo a pena citar outros livros do gênero, pois aqueles dois devem ser, o primeiro no sentido prático e o segundo pela virtude quantitativa, as melhores. E a verdade é que a ambos o dicionário do Sr. Francisco Fernandes sucede honrosamente. Não reuniu, como tantos outros, principalmente obra já feita. Tanto quanto se pode avaliar pelo exame de alguns minutos, vem rico de novidades. Multiplica pelas suas páginas as chamadas "abonações" que permitem o uso do termo em diversos casos e em toda sorte de sentidos. E, da sua opulência verbal se fica sabendo logo pelo prefácio, onde o grande pesquisador e grande realizador nos diz:

"O livro que ora apresento ao público do Brasil é uma tentativa no sentido de remediar, pelo menos em parte, a necessidade, que há muito se vem notando entre nós, de um dicionário de sinônimos atualizados e que corresponda realmente à sua finalidade. Para se avaliar a deficiência das obras congêneres até agora editadas em português, basta dizer que a mais copiosa delas não registra mais de 15.000 verbetes, computado grande número de palavras caídas em desuso. No presente trabalho estão consignados sinônimos de 30.000 palavras, incluindo neologismos, brasileirismos e certos estrangeirismos já consagrados pelo uso."

Não há louvores excessivos diante deste esforço e deste resultado. E, cumprindo a mais meritória das missões, o dicionário do Sr. Francisco Fernandes se destina, conforme outra passagem do antelóquio, "menos aos mestres e letrados que àqueles que se estão iniciando agora nos segredos desta língua tão grandiosa, tão opulenta, mas ao mesmo tempo e infelizmente tão esquecida e maltratada".



VIDA DOS GRANDES MÚSICOS, biografias por Chiquinha Neves Lobo. — São Paulo, 1945.



Os livros da Sra. Chiquinha Neves Lobo obedecem à tendência generosa do panegírico. Quando tantos autores e ocupam especialmente ou até exclusivamente de si mesmos, trata ela de contribuir, na medida do seu engenho, as suas forças, para a glória alheia. Esta virtude sem dúvida constitui a melhor forma de altruísmo. Repartir os bens de fortuna representa — pelo menos naqueles que não são forçados a isso — além de nobre desprendimento, ouável amor ao próximo; aplicar, porém, a inteligência ao sentimento à exaltação, à sublimação das criações dourem vai além de toda liberalidade. E' um sacrifício que os homens — sem já falar das mulheres — sabem dignamente fazer. Por isso, em relação ao número de novelistas, poetas, comediantes e outros escritores, há tão poucos biografias. E ainda a maior parte destes pensam antes em salientar a própria individualidade que em servir e aumentar a nomeada alheia.

Na tarefa magnânima a que votou a sua carreira literária já a Sra. Neves Lobo nos deu duas séries de *Glórias brasileiras*, compreendendo homens de pensamento e de acção, sacerdotes, poetas, militares, artistas, estadistas, industriais, políticos, inventores — de José de Anchieta e José Bonifácio a Carlos Gomes e Santos Dumont. Dá-nos agora, em duzentas páginas minuciosamente documentadas, a *Vida dos grandes compositores*. E tem em preparo ou já no prelo a 3.ª série das *Glórias Brasileiras*, a 2.ª da *Vida dos grandes músicos*, *Os melhores poetas brasileiros*, *Mestres da pintura* e *Vultos mundialmente célebres*. E', como se vê uma bagagem já considerável. E toda ela encanagrada à admiração, ao louvor.

Acresce ainda que a Sra. Neves Lobo pratica o elogio, como certos propagandistas divulgam as idéias revolucionárias — pelo fato. Geralmente se abstém de insistir num conceito, dar desenvolvimento a uma concepção ou uma teoria crítica de natureza individual. Não lhe interessa, por assim dizer, o efeito que o seu juízo pessoal possa exercer no ânimo, na orientação dos leitores. Recorre, sim, e com infatigável energia, a registros, arquivos e bibliotecas, em busca de dados informativos, provas circunstanciais, todos os elementos capazes de indicar como tal existência se desenvolveu, os empreendimentos a que se lançou, os sucessos de qualquer natureza que a envolveram ou com ela correram paralelamente e ainda as aproximações ou relações possíveis entre ela e o resto da humanidade. E' com esse rigor de exatidão e de meticulosidade que a autora da *Vida dos grandes músicos* nos fala de quinze celebridades, começando por Bach e terminando em Wagner.

J. L.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCIPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA

TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 48 - São Paulo

Nome
Rua
Cidade Estado

R.S.



Brilhe com o brilho dos seus metais!

Brasso
— DÁ BRILHO AOS METAIS!



MÁ DIGESTÃO, DISPEPSIA, DORES NO ESTÔMAGO

BIOGASTRINA

O DIGESTIVO IDEAL QUE GARANTE UMA DIGESTÃO NORMAL



**Quanto
mais cedo
melhor!**

Proteja seu filho contra as afeções do couro cabeludo. Após o banho, fricção-lhe a cabeça com **Tônico Oriental**. Ele ficará imune à ação de germens nocivos e terá cabelos fortes e belos para o resto da vida.

**Tônico
ORIENTAL**

DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES

2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1776

**ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA**

De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Os distúrbios sexuais na mulher e o seu tratamento moderno

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher.

Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é **PANSEXOL "F"**. Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral.

"PANSEXOL" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo

Remetemos pelo reembolso Postal

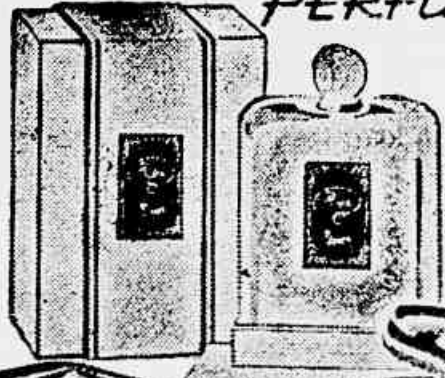
Cr\$ 25,00 o vidro

Produtos PANVITAL - Rua da Estréla, 6
RIO DE JANEIRO

Um "tailleur" alta costura, com um talho esbelto e abotoado de maneira original. A seguir, outro elegantíssimo "tailleur" cuja nota interessante está na gola com fecho bastante imprevisito. E, finalmente, o último modelo em lãzinha "toncé", casquinho talhado com muita graça; pequenos bolsos de astrakan, e a saia em pregas.



UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES

Rosa



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

MECANICA MIRIM

Consertos de maquinas em geral, reparos de motores eletricos maritimos e terrestres. Construções de maquinas ou peças sob desenho

RENATO ALVES DE ABREU

RUA DO SENADO, 283

Tel. 22-3939

Rio de Janeiro

O Cego

Continuação da pág. 15.

— Não está aqui hoje — disse Abbot. — Ela só aparece em dias de crime.

— Tinha vontade de falar com ela. Eu tenho um palpite que ela pode esclarecer muitas coisas.

— Talvez. Mas não queira encontrá-la hoje ou será sinal de mais uma morte...

— Nesse caso desisto.

— Vamos à taberna.

O dono recebeu-os, com ar ansioso.

— Alguma novidade?

— Nada.

— Oh! Quando acabará isso? Já ninguém ousa sair à noite. Os marinheiros evitam sobretudo esse lugar. Dentro em breve terei que abrir falência se isso continua.

Lawrence não gostou da maneira do taberneiro e disse:

— Console-se que outros perderam mais do que o senhor: perderam a vida.

O taberneiro abaixou a cabeça.

— E' verdade.

— A visita foi curta, hein?

— Que mais restava para ver?

— Bem, a verdade é que nada...

— Então...

— É. Mas eu ainda não satisfiz a curiosidade de falar com essa menina. Você acha que poderíamos procurar esse cego em casa dele e...

Nesse instante alguma coisa fez com que Abbot estacasse.

— Está ouvindo?

— O que?

— Será que meus ouvidos estão me traindo. Preste bem atenção.

— Espere! Estou! Estou ouvindo!

— Nesse caso...

— Ele está aí novamente.

— E' o cego.

— ...e a menina...

— ...e um novo crime...

— Meu Deus!

— Vamos. Ele deve estar à porta da taberna, como sempre...

— Quando terminou a música o cego disse:

— Mais um.

Lawrence estremeceu. O tom de voz do homem era triste, como a melodia que ele acabava de executar e tinha uma expressão indefinível de terror.

Abbot avançou:

— Como foi, dessa vez?

— Eu estava, como sempre, conversando com minha neta quando me veio a certeza. A voz tornou a sussurrar no meu ouvido: "Volta! Volta!"

— E você veio.

— Sim. E... como das outras vezes, toquei. Enquanto tocava a voz me dizia: "Ali, ali" — e eu sentia como que uma mão apontando para a amurada. No mesmo lugar...

— No mesmo lugar da outra vez.

— Sim.

— Escute. Não se vá embora. Espere aqui que eu quero falar com você.

— Muito bem.

— E com a menina também. Pela primeira vez Abbot observou a menina com atenção. Era pequena, magra, muito pálida e tinha uns olhos grandes e pretos que se arregalavam de medo. Encostara-se ao velho e tremia, agarrando-se a ele.

Estava bem perto da amurada, estendido. Uma poça de sangue o circundava.

— Como?

— A arma foi a mesma de sempre. Pequena, silenciosa e fatal: um canivete.

— Requer força.

— Nem sempre. Foi bem no coração. Quem o matou sabia onde enterrar a arma.

— Ugh!

— Precisamente — atalhou Abbot com a frieza que a longa prática de presenciar cenas semelhantes lhe tinha dado.

— Horrível.

— Como você disse.

— Mas que vão fazer agora?

— Continuar a busca. Continuar a investigação que provavelmente será infrutífera. Como tem sido até agora. E...

— E...?

— E esperar o próximo.

Lawrence explodiu:

— Mas isso é inconcebível. Você não pode fazer uma coisa dessas! E' preciso agir, fazer alguma coisa...

Abbot encara-o indiferente e diz:

— O que?

Lawrence não soube responder.

— Asseguro-lhe, meu amigo, que fizemos e faremos tudo. Mas não há muitas esperanças.

Foi quando conversaram com o cego e a menina que Lawrence teve a idéia. Mas a princípio não quis dar crédito à sua intuição. Imaginou logo que se tratava de uma fantasia de romancista, que não poderia ser... Entretanto.

— Quando eu ouço as vozes saio imediatamente, talvez numa esperança louca de que se eu tocar depressa acabarei antes do crime consumado. Nesse caso terei salvo alguém, porque ficarão avisados cedo. Mas uma

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto? O que lhe falta é um bom Tônico reconstituinte.

Tome **NUTROFOSFAN** e ficará satisfeito. **NUTROFOSFAN** nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAUDE.

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME RUGOL
Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

força invisível parece deter meu braço, uma voz me sussurra: mais devagar, mais devagar para não terminar antes que o crime esteja cometido... E' impossível.

De repente, ouvindo-o, Lawrence teve certeza. Era a única possibilidade. Era a hipótese lógica para quem não aceitasse nenhuma idéia de sobrenatural.

Quando o cego se afastou com a menina, Lawrence disse a Abbot:

— Escute: de hoje em diante, toda noite, você vai fazer uma visita, amigo...

Abbot olhou-o surpreso:

— O que?

— Vamos fazer uma visita sem que o dono da casa saiba que o visitamos.

Quando o mistério foi desvendado Abbot disse:

— Como é que você desconfiou?

Continua na pág. 50.

CÊRA SARDINHA

Extermina insetos e dá brilho permanente com pouco trabalho.

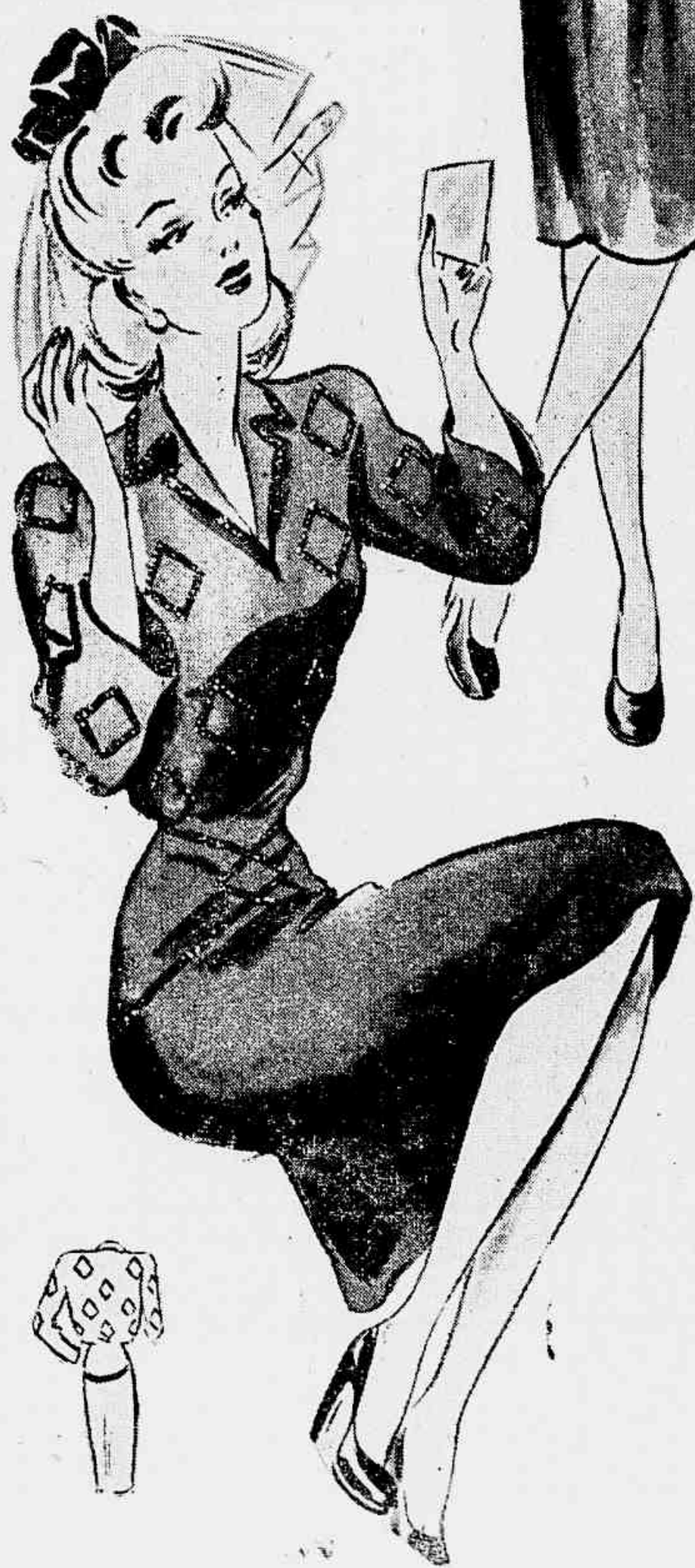
E' um produto da

EMPRESA INDUSTRIAL DE TINTA SARDINHA.

Para a sua elegancia no inverno

Originalíssimo casaco de lã, sublinhado com pespontos e a gola em "feurrure". Ao centro um esplêndido "manteau" de corte amplo, luxuosamente ornamentado com pele de lontra ou pelúcia, cujo fêcho é tudo o que pode haver de moderno e gracioso. E, finalmente, o último, também amplo e ornamentado com pele na gola, cujos bolsos lhe dão uma nota bastante original.





O BORDADO ESTÁ EM VOGA

Aqui estão algumas sugestões para o seu vestido bordado. Lantejoulas, contas multicores, vidrilhos coloridos, galões recamados, tudo isto servirá para emprestar ao seu porte um quer que seja de princesa oriental.



"CASA MIRANDA"

VIDROS E PAPEIS LTDA.

GRANDE STOCK DE VIDRO
PLANO NACIONAL DA "COVIBRA"

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

FABRICA DE BISEAUTAR,
ESPELHAR E GRAVAR

22 - RUA EVARISTO DA VEIGA - 22

PAPELARIA

Quadros — Molduras — Espelhos

Tels.: 22-5527 e 22-5908

49 - RUA EVARISTO DA VEIGA - 49

VIDRAÇARIA

Telhas — Ladrilhos — Cristais

Tels.: 22-8226 e 42-6567

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: MIRACOR — RIO

Código: RIBEIRO

FORNECIMENTO E COLOCAÇÃO EM CONSTRUÇÕES

[RIO DE] JANEIRO

Dr. J. Virgilio Mineiro

MÉDICO—RADIOLOGISTA

Raios X - Exames completos

Tratamento do "MAL DE ENGASGO"
mais de mil curas

Uberlandia - Av. João Pinheiro, 194

TELEFONE - 1088

FABRICA DE ARTEFATOS DE COURO

"HELIO"

Pastas, Carteiras, Cintos etc., para Homens,
Senhoras e Crianças.

Especialidade em Artigos de Crocodilo,
Lagarto e Cobra.

Faz-se também, Consertos em Geral.

FONE 43-7448

Manoel Joaquim de Faria

RUA URUGUAIANA, 154-1.º

RIO DE JANEIRO

Chapéus?

só

JULIMA

O Cego

C ntinuação da pág. 47.

— Quando eu soube, por um guarda, que ele vigiava o velho mas não a menina. A idéia a princípio pareceu-me absurda, mas desde que não havia outra hipótese.

— Explique-me como se dava o caso...

— Ninguém desconfiava da menina. Ela poderia desaparecer e aparecer no nevoeiro. Como de fato acontecia, o homem encarregado de vigiar o cego me disse que isso acontecia frequentemente, mas seu trabalho era vigiar o cego, e o trabalho do cego era chamar as suspeitas para si e inventar uma perturbadora história de sobrenatural.

— Mas então era a menina quem cometia os crimes?

— Sim. Não há dúvida disso. Ela ia e matava. O velho, por sua vez, ficava vigiado e fazia

o seu trabalho de tocar música fúnebre e assustar os outros.

— Mas e a razão daqueles crimes loucos?

— Loucos é bem o termo. Ele é louco.

— E a menina?

— A pobrezinha quase morre de medo...

— Entretanto era ela quem cometia os crimes. Não se esqueça disso.

— Escute. Você já reparou os olhos dela?

— Arregalados, cheios de terror?

— Sim. Você viu como o velho a obrigava a fazer aquilo. Desde pequenina a criou para aquêle fim. Quase matava-a de medo. Não se esqueça do que presenciámos em casa dêle.

— Francamente, eu estou com saudades do seu apartamento, confortável e... longe de toda essa loucura.

— Pois vamos para lá, meu amigo.

ANUNCIAI NO

"CORREIO DE UBERLANDIA"

diario de grande circulação
em todo o

BRASIL CENTRAL

Uberlandia -- Minas Gerais

MAQUINA "FABRI" DE BENEFICIAR ARROZ A ESMERIL

Descascador e brunidores, a esmeril, são as peças vitais em todas as máquinas de arroz, atingindo, na Máquina "FABRI", a máxima perfeição, mercê do processo químico especial a que são submetidos, para sua fabricação.

Máquinas para todas as capacidades e fornecidas sob absoluta garantia do fabricante.

Catálogos e demais informações, sem compromisso de compra:
JOSÉ FABRI — CAIXA 33 — LIMEIRA — ESTADO DE SÃO PAULO
ou com os

REPRESENTANTES NO RIO:

Vargas & Elmôr

Rua Sete de Setembro 75 — 3.º andar — S. 7

CASA PINHEIRO BRAGA - SOC. DE REFRIGERAÇÃO E PRODUTOS QUÍMICOS LTDA.

Importadores: Av. Salvador de Sá, 88 — Rio de Janeiro — Tel. 22-4817 - 42-7919 - Tel.: "METHYLA"



REFRIGERAÇÃO: Amônia anidrica, gás sulfuroso, cloro de metila, Freon, Oleo incongélavel, cloro de cálcio para salmoura e puro para secadores, Válvulas, Contrôles, Registros, Condensadores, Conexões, Ferramentas, Tubo de cobre, Rotary Seal, Motores elétricos, Acessórios em geral.



Única casa especializada no ramo de refrigeração
PRODUTOS QUÍMICOS

Cobalto — Goma adragante — Ácido sulfúrico — Ácido muriático — Essência de mirbane — Litopônio Fosfórico — AMONIA LÍQUIDA.

MATERIAL ELÉTRICO E HIDRÁULICO EM S/FILIAL**A RUA FREI CANECA N.º 88 — TEL. 22-4458**

Depósito: Av. Salvador de Sá, 6/10

Tels. 42-5304 — 42-9535

**MENAGOL**

REGULA!

franzir em volta dessa táboa, em cuja haste de metal devem estar prêsas algumas argolinhas de metal ou de osso para que a cortina possa, prêsas a essas argolas, correr livremente. Fechemos essa cortina com alguns colchetes de pressão. Penduremos cabides na prateleira que ficou sendo o teto desse armário improvisado, e aí teremos um guar-

(Continua na pág. 53)

Consultorio da Mulher

SUA amiga telefonou avisando-a que, dentro de poucos dias, virá passar uns dias em sua casa. E você está alegre e preocupada ao mesmo tempo. Alegre porque estima a companhia de sua amiga, e preocupada porque, na fase de economia forçada que atravessamos, não lhe pode preparar um quarto como gostaria que ela encontrasse. Vamos, porém, dar um "jeitinho" em tudo isso.

No quarto disponível onde terá que hospedá-la há apenas uma cama de madeira e uma mesa tósca. Pois bem: vamos fazer desse quarto um aposento "catita", sem dispendir muito dinheiro. Compremos uma ou duas latas de laqué e lavemos com álcool o verniz velho da cama; em seguida esfreguemo-la com lixa fina até que desapareça todo o verniz; depois de senti-la absolutamente lisa passemos sobre ela o laqué e deixemo-la secar e a teremos nova e colorida na cor que lhe agrada. Recorramos agora a uma chita ou uma cassa florida que esteja em harmonia com a tonalidade em que foi pintada a cama, e vistamos com babadões graciosos a mesinha, que de feia e velha se transformará na mais alegre das penteadeiras. Ao centro dessa mesa coloquemos um espelho grande, de pé, umas jarinhas mimosas, umas caixinhas bonitas.

Sacrifiquemos uma cadeira, a mais velha que tenhamos em casa, diminuindo-lhe os pés, e deixemos que também ela desapareça sob os florões da chita ou da cassa de que nos estejamos utilizando, transformando-a numa banquetta risonha ao lado da penteadeira.

Deixemos que as janelas desse quarto se alegrem também com umas sanefas da fazendinha rústica de cuja peça barata está adornando o quarto de hóspede, e atiremo-nos à tarefa mais difícil: a confecção de um armário

onde serão guardados os vestidos de sua amiga, que pode ser feito da seguinte maneira: arma-se na parede uma prateleira lar-

ga para formar uma espécie de teto com uns dois palmos de largura. Em volta desse teto ou dessa táboa fixamos uma haste de metal. Corta-se então, da mesma fazenda que enfeita o quarto, a cortina, que devemos

Quina Petroleo ORIENTAL, finamente perfumada, fixa o penteado, evita o embranquecimento prematuro, extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.



Quina Petroleo
ORIENTAL

A VIDA DO CABELO!

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

À VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



O Rádio Club do Brasil completou recentemente a sua maioridade, isto é, 21 anos de trabalhos ininterruptos em prol da radiodifusão nacional. Já disse alguém que o "rádio, destinado ao mundo, parecia ter sido predestinado ao Brasil". De fato, pela imensidão do nosso território, pelas dificuldades dos nossos transportes, pelo elevado índice de analfabetos, o "broadcasting" é o veículo mais indicado para desenvolver a cultura de nosso povo. A veterana PRA-3 apresenta sempre programas de real valor, uma linha alta na sua programação, quer diurna quer noturna. Sempre equilibrada, não atinge jamais aos extremos. Renato Murce é o diretor artístico da emissora, há vários anos, e muito tem realizado.

Agora o Rádio Club do Brasil, com a sua nova administração, encontra-se numa fase de febril atividade. Novos programas serão apresentados, novos elementos aparecerão através daquele microfone. O público terá oportunidade de sentir, gradativamente, a evolução constante da emissora do Cineac. Nelson Muniz e Armando Dantas, atuais dirigentes, prometem um rádio de alta linhagem, de padrão seguro, reunindo o útil ao agradável e interessando a todas as camadas sociais.

O aniversário do Rádio Club do Brasil foi apenas o pretexto para a arrancada que já começou, beneficiando não somente à sua equipe, como principalmente ao público ouvinte e ao anunciante em geral.



VOLLEY-BALL

e todos os ESPORTES

OS MELHORES ARTIGOS

Vendas pelo *Crédito* - MESBLA

RUA DO PASSEIO, 48/54

MESBLARIO - S. PAULO - NITERÓI - RECIFE
B. HORIZ. PELOTAS - P. ALEGRE**Consultorio da Mulher**

(Continuação da pág. 51)

da-vestidos original para a sua hóspede. Uns quadrinhos alegres nas paredes, um tapete aos pés da cama, e a sua amiga ficará satisfeita com esse quarto primaveril.

CONSERVAÇÃO DA PELE

Uma das coisas indispensáveis para a conservação da cutis são as noites bem dormidas. É preciso dormir oito horas por noite. Um bom sono é uma fonte de Juventa. Toda mulher que quer defender a sua mocidade e o seu bom humor deve dormir bem.

A laranja lima, minhas amigas, esse pomo dourado que é uma riqueza do nosso Brasil, pode ser um ótimo fator em nosso tratamento de beleza. Tomar muitos copos do caldo de laranja lima é um excelente tratamento para a conservação da pele. É um remédio delicioso. Infelizmente, porém, só o podemos usar no inverno. A laranja lima, lamentavelmente, só aparece nessa estação. Como tratamento externo, é muito aconselhável a aplicação do caldo de pepino. Beber água, bastante água, água pura, água fresca, também é ótimo para a cutis.

Alegria, paz de espírito, bons pensamentos, nervos serenos são o corolário indispensável na perfeição de uma mulher.

PARA AS NOIVAS

Você que é noiva e que viveu os seus dias de noivado ensombrados pela nuvem negra da guerra; você que teve o seu noivo distante afrontando o inimigo, longe, nas terras frias da Europa, e agora o vê regressar;

**Numeros atrasados desta
Revista em Pernambuco**

PEDIR A

A. MADALENA

RUA 7 DE SETEMBRO 138

você deve ter aprendido nos longos dias de saudade e de aflição a dar um valor imenso à presença desse homem, que poderia ter ficado para sempre no fundo de uma trincheira, mas que Deus consentiu que voltasse para o seu amor e seu carinho. Procure ser cada vez mais encantadora e

mais dócil para com seu noivo; não descansa no anseio de perfeição. Seja uma incansável tecedora de atrativos para que o seu noivo cada vez mais se emaranhe na teia de encantos em que você o há de embalar e prender.

E você, que talvez tenha perdido o seu noivo nessa luta em que tantos pereceram, levante os seus olhos para o céu e procure encontrar a sua alma gloriosa lá longe nas alturas onde Deus habita e prometa-lhe continuar, aqui na terra, colaborando com ele.

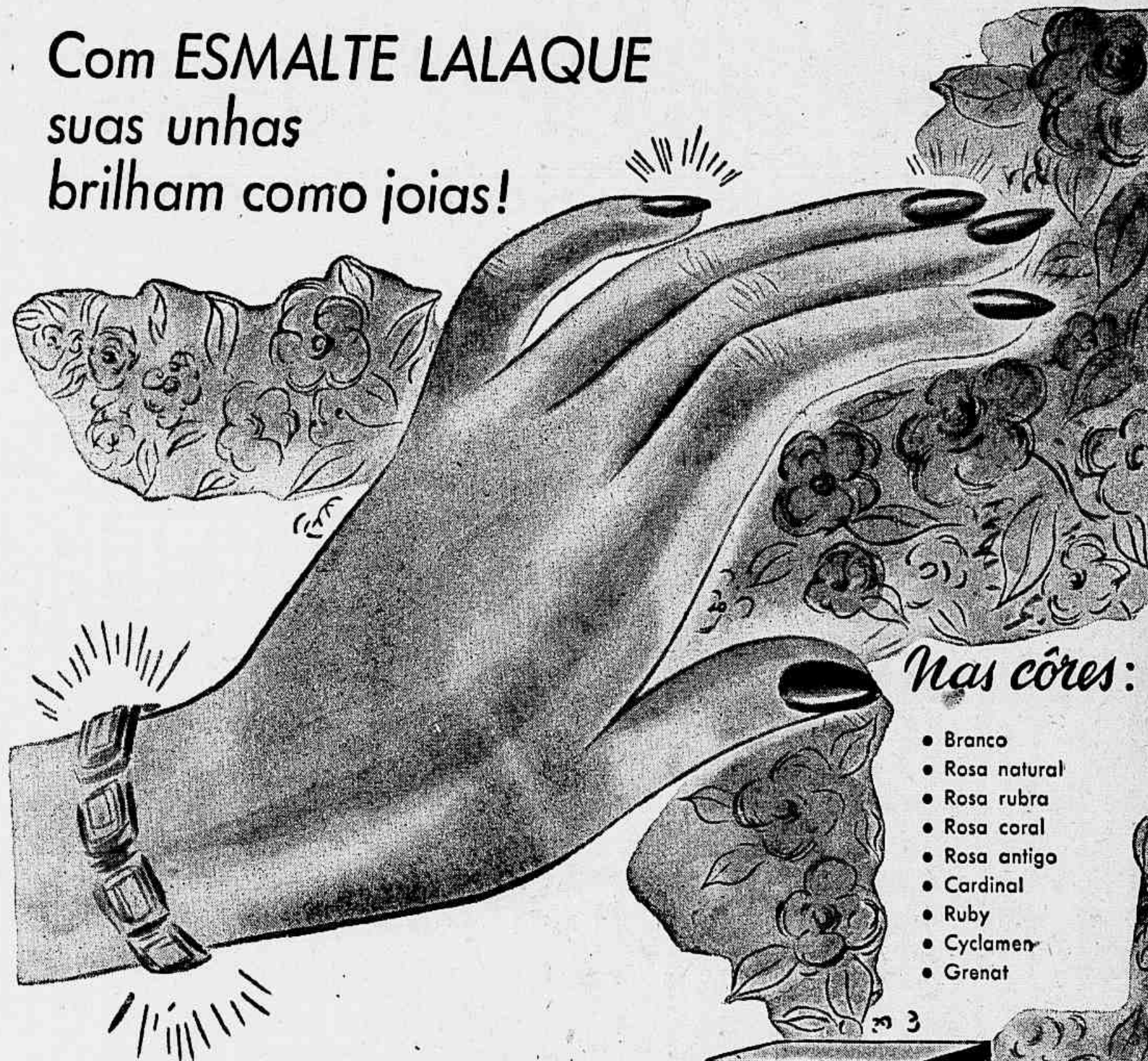
E você que ficou e é ainda jovem, deve prometer a seu noivo

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉ

que morreu na guerra a sua colaboração na construção desta nova era cujos alicerces foram cimentados com o seu sangue heroico. Não lhe faltarão deveres a cumprir. E esses deveres serão uma espécie de elo entre sua alma e a alma heroica do homem amigo que você perdeu. Ânimo, pois; a luta agora se faz outra. Uma luta espiritual, mais branda porém mais profunda.

Jesy Barbosa

Com **ESMALTE LALAUQUE**
suas unhas
brilham como joias!



Nas cores:

- Branco
- Rosa natural
- Rosa rubra
- Rosa coral
- Rosa antigo
- Cardinal
- Ruby
- Cyclamen
- Grenat

ESMALTE
Lalauque

Protege e embeleza as unhas!
É econômico, de fácil
aplicação e muito duradouro.



A VENDA
EM TODO O BRASIL

J. Ferraz



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCÊNCIAS

T. TARQUINO

Desperte a Bilis do seu Fígado!

e saltará da cama disposto para tudo. Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se descoloca

A sua dentadura postíca cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a isto aborrecimento e a esta vergonha. **FIXODENT** é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras postícas. Conserva-as mais firmes na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa.

Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

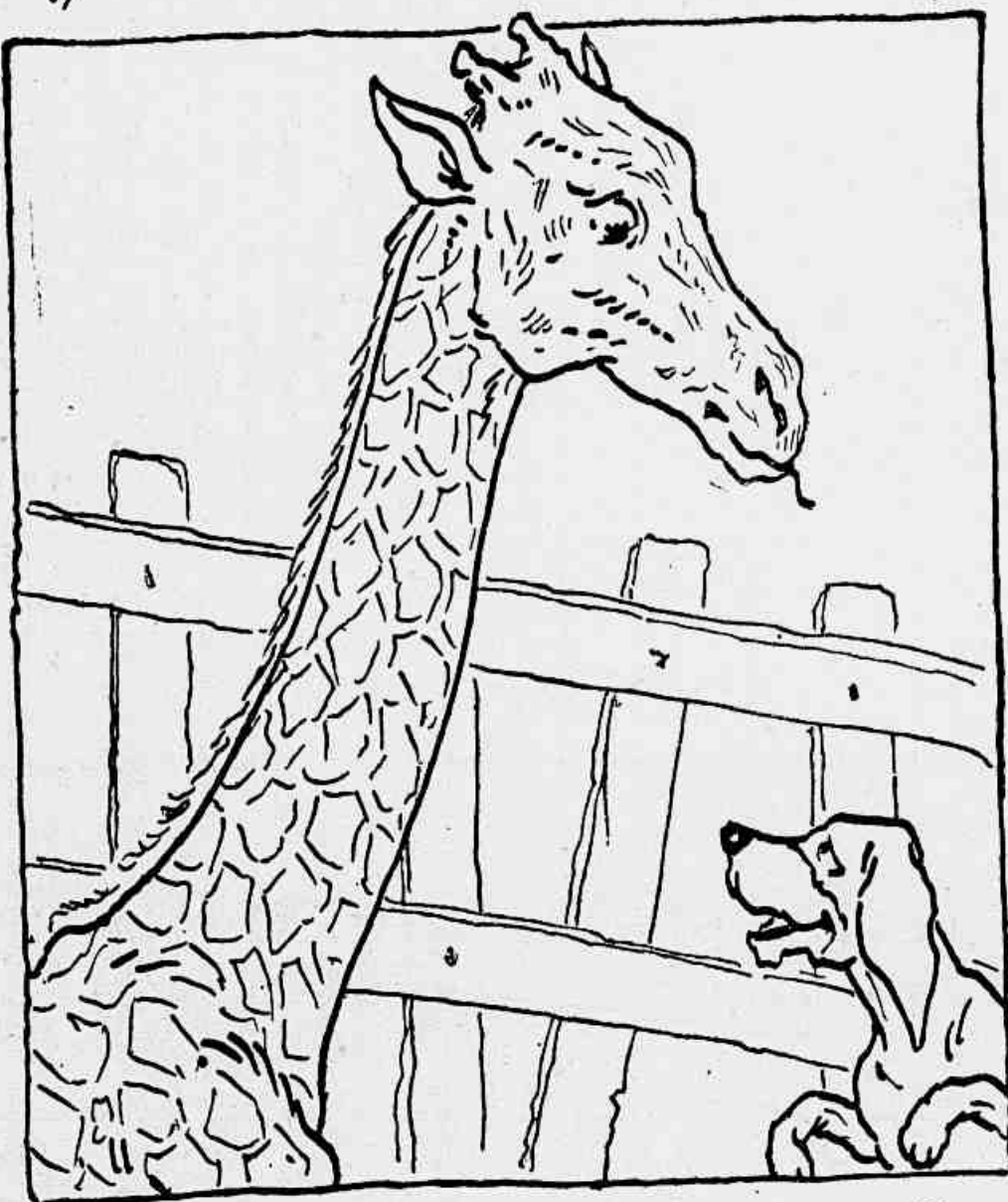
Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

90-B

A busca da felicidade

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira indicação da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O renal, fórmula do prof. Austregesilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às perturbações que perturbam a vida e ao homem o mais precioso dos bens que é o seu ego do espírito. Encontra-se em todas as Farmácias.

Falam os animais



-Vamos apostar uma corrida?
-Boas! Você ganha por pescôço...



-Que é bom contra galopante?
-Tome Hipicaquãha.



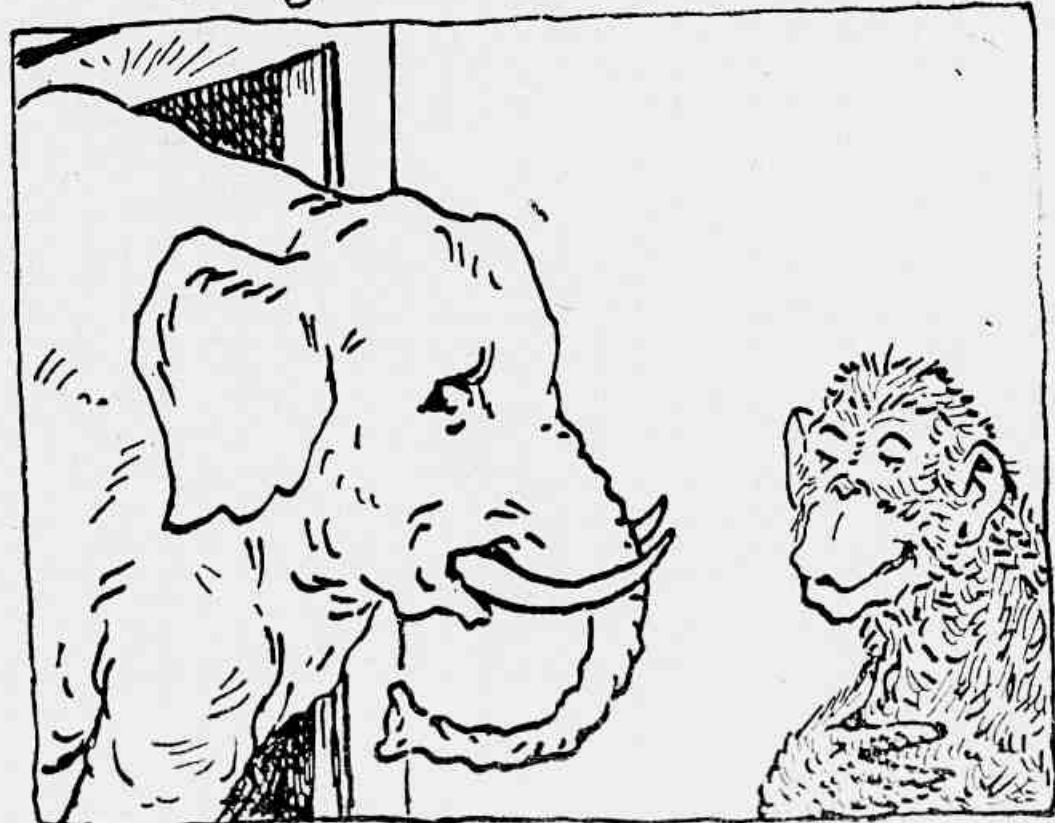
-Que vem a ser mocotô?
-Simples pata coada



-Que queria aqui?
-Pergunta de cacaracá...



-Duvido que este traste
seja mais fiél do que eu.



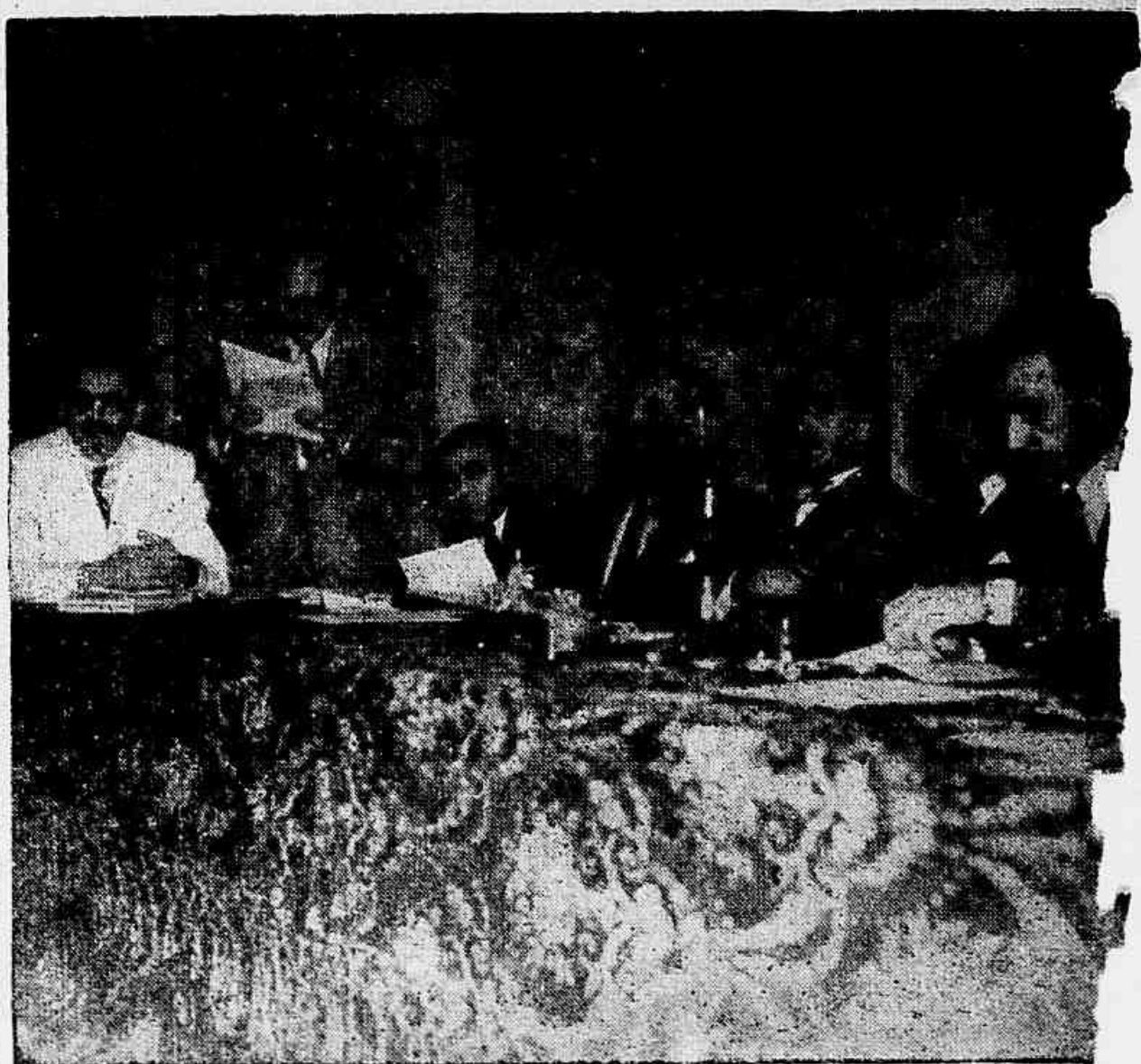
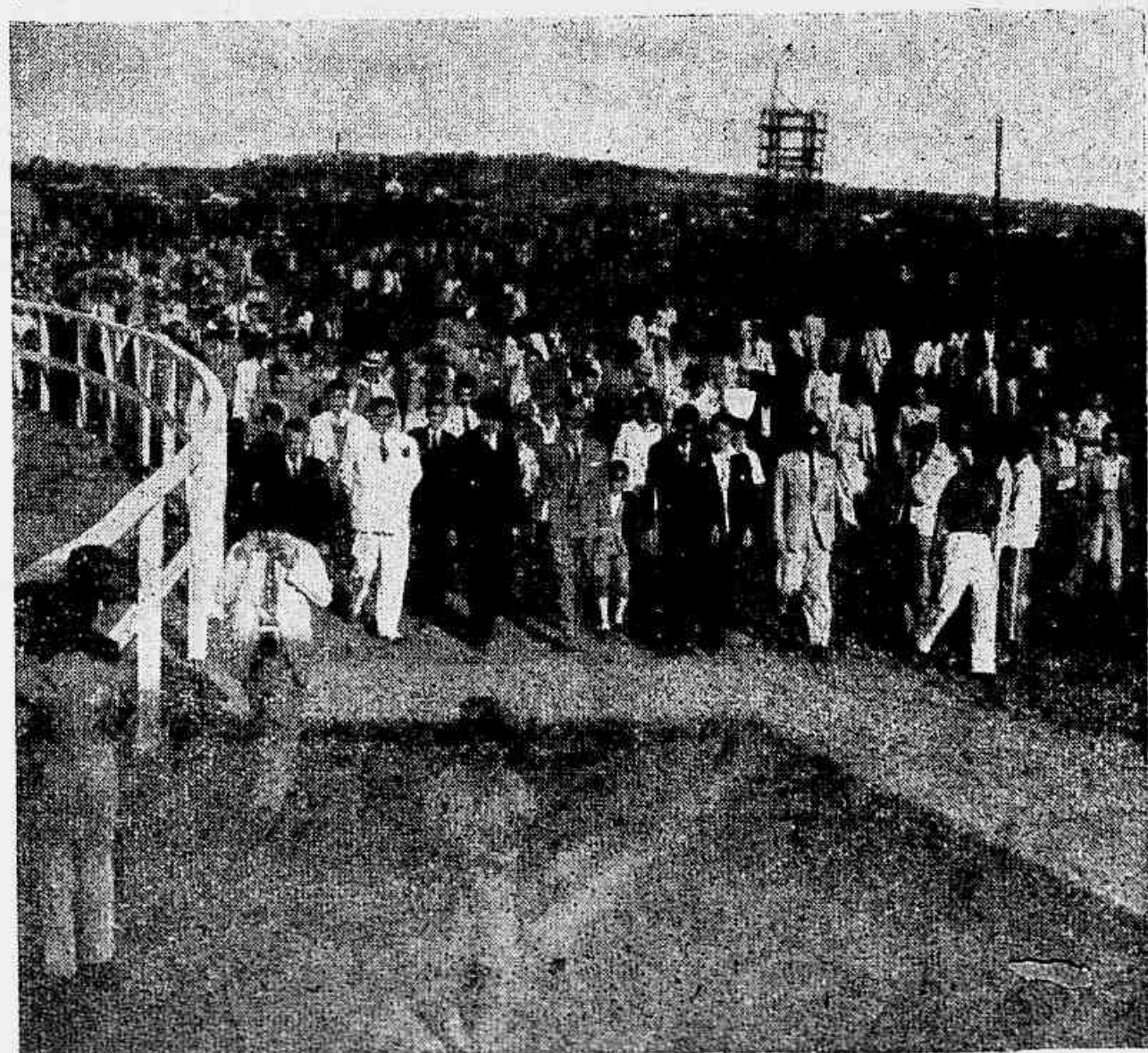
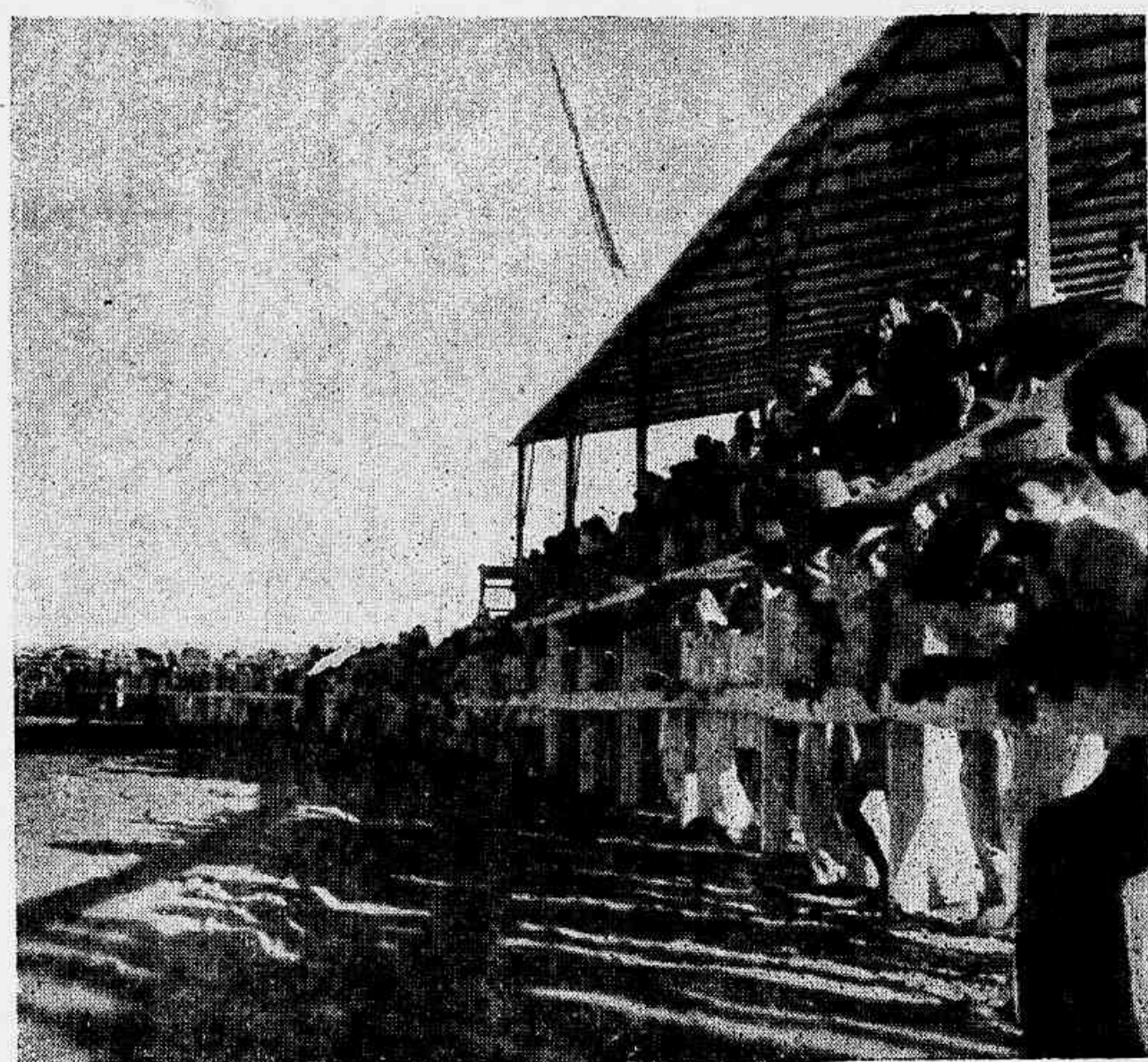
-Não pôsso entrar. Faltta de espaço.
A pulga está me apertando...



O III CONGRESSO PECUARIO DO BRASIL CENTRAL E A II EXPOSIÇÃO FEIRA DE GOIANIA

MAIS DE 400 ANIMAIS EXPOSTOS

Reportagem de J. L. da Costa Meir





O III Congresso Pecuário do Brasil esteve reunido até o dia 31 de maio, quando encerraram-se os seus trabalhos, que se revestiram de grande significação.

Durante a realização do conclave teve lugar o churrasco oferecido pelo Governo de Goiás aos congressistas, na chácara de propriedade do Jockey Club de Goiás, durante o qual falaram o dr. Vasco dos Reis, secretário da Educação, e o dr. Gerson Costa, diretor do D. E. I. P.

Simultaneamente com a abertura do Congresso, realizou-se a inauguração da II Exposição Feira de Goiânia, à qual emprestaram o seu concurso os maiores criadores do Estado e do Triângulo Mineiro, que ali expuseram os mais altos espécimes de gado vacum e cavalar.

O desfile dos animais foi uma perfeita demonstração do valor do rebanho bovino do Brasil, que representa hoje um dos mais seguros baluartes do patrimônio econômico do país e será, por certo, o alicerce dos planos econômicos que dirigirão, de futuro, a nossa economia rural.

Compareceram ao certame cerca de 400 animais, em sua quase totalidade pertencentes às raças zebú, o que, numa apreciação de conjunto, nos leva à convicção de que os pecuaristas do Brasil Central caminham decididamente para o ramo da pecuária de corte.

O certame realizou-se no parque que ora ali se constrói com a ajuda do Ministério da Agricultura.





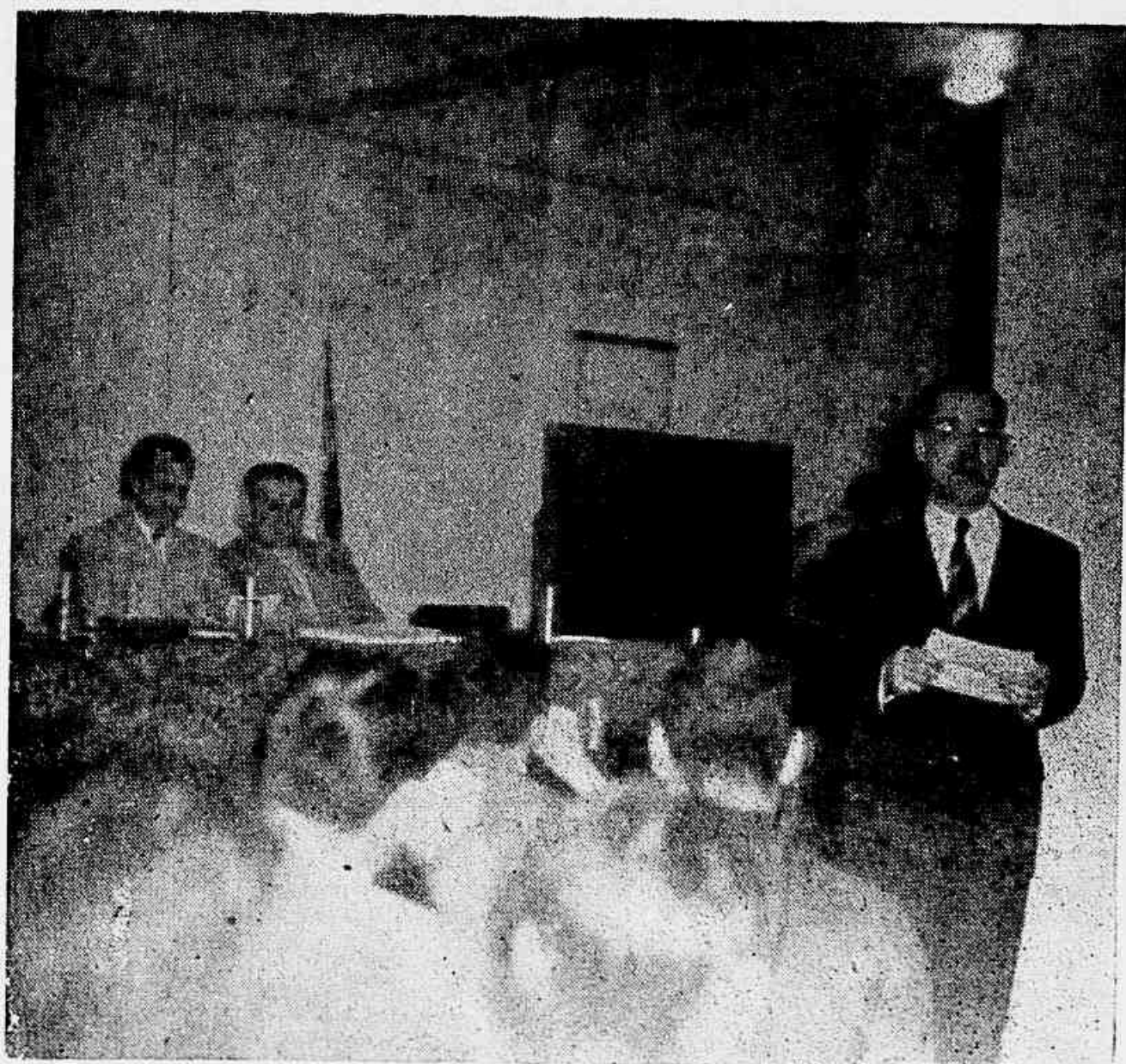
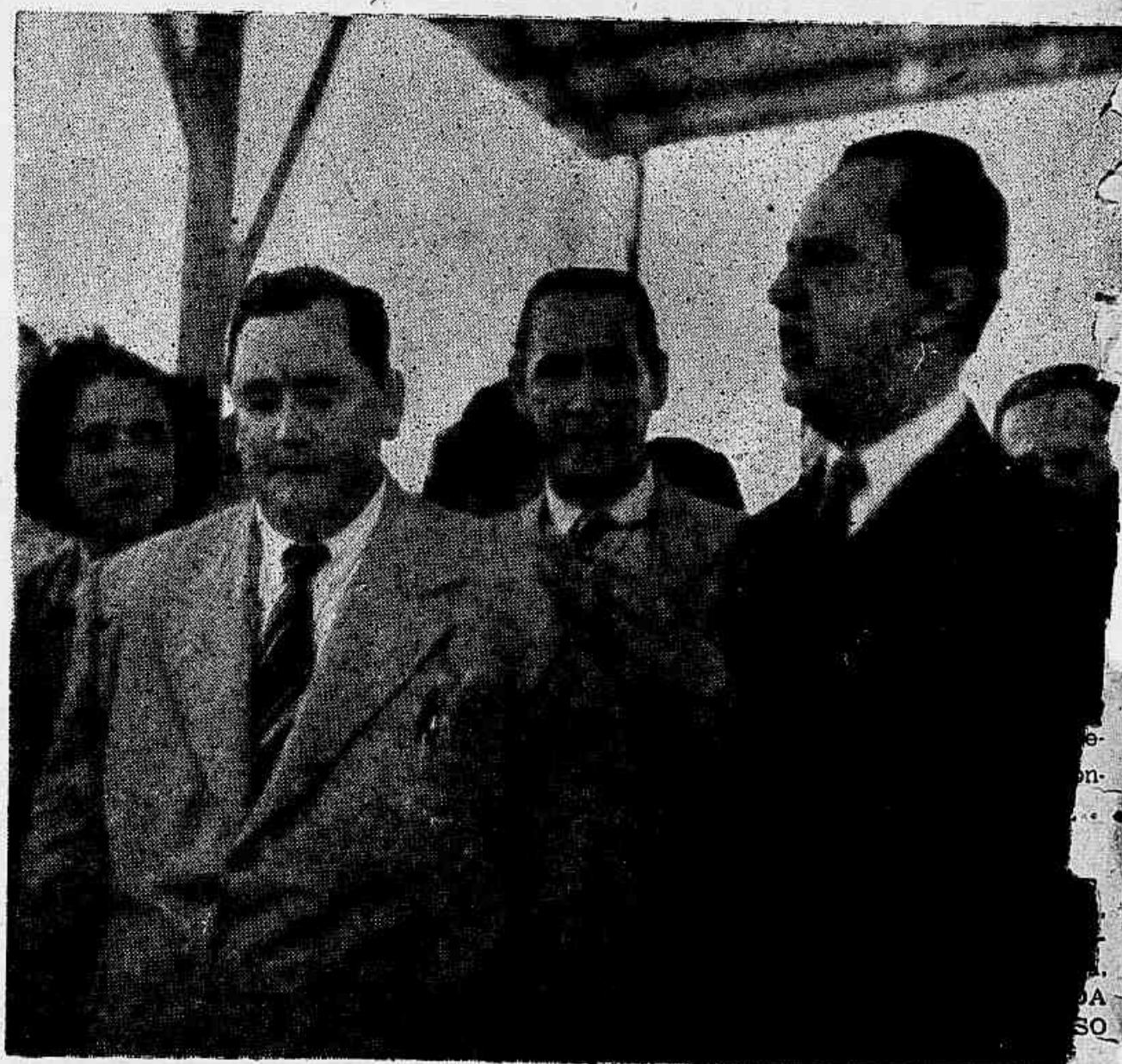
A pecuária goiana, sobre a qual se assenta a base de reconstrução econômica do Estado, teve a sua mais expressiva mostra na mencionada exposição, que levou à jovem urbs os mais selecionados espécimes, congregando ainda os elementos mais representativos das classes produtoras das zonas circunvizinhas.

A II Exposição Feira de Goiânia foi uma consequência mesmo do III Congresso Pecuário do Brasil Central, no qual foram tratados e resolvidos assuntos de magna importância para a indústria pecuária brasileira.

Na noite de 25 de maio teve lugar, na sede da Sociedade Goiana de Pecuária, a instalação dos trabalhos do III Congresso Pecuário do Brasil Central, que levou ao plenário elevado número de criadores e economistas, ali reunidos com o fito de desenvolver os esforços possíveis no sentido do aprimoramento dos rebanhos e da resolução dos problemas que vêm atingindo a economia rural.

A sessão inaugural do Congresso foi presidida pelo dr. Pedro Ludovico Teixeira, que pronunciou por essa ocasião eloquente discurso, esclarecendo a posição do Governo Goiano em face dos assuntos que de perto interessam à pecuária. Falou a seguir o sr. Altamiro de Moura Pacheco, presidente da Sociedade Goiana de Pecuária e um dos mais entusiasmados propagandistas do Congresso.

Na cidade recém-surgida de um sonho que se tornou realidade, a realização do III Congresso Pecuário do Brasil Central e da II Exposição Feira de Goiânia veio marcar, assim, outro degrau vencido na rápida ascensão econômica de Goiás.





A esquerda: — Fachada do "Abrigo Cristo Redentor". A direita: — Flagrante apanhado em frente ao "Abrigo", vendo-se a senhora Pedro Ludovico.

LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTENCIA EM GOIAZ

Interventor Pedro Ludovico no dia da inauguração do "Abrigo".



Crianças premiadas no "Dia da Criança".

E' ampla em todos os sentidos do que tem feito a obra da L. B. A. em Goiaz. E' uma prova concreta e irrefutável a construção dos pavilhões do Abrigo Cristo Redentor em Goiânia, destinados à velhice desamparada, os quais se devem ao esforço e ao altruísmo da exma. sra. d. Gersina Borges Teixeira, espôsa do interventor Pedro Ludovico. A entrega desses pavilhões, realizada no dia 4 de junho findo, constituiu uma bela solenidade.

Outras grandiosas iniciativas teve porém a Legião, sob a orientação da primeira dama de Goiaz. Entre essas bastariamos citar a "Semana da Criança", eloquente demonstração de dedicação aos problemas da saúde infantil; e a Páscoa dos Militares, que congregou todos os soldados de Goiânia, num vivo e impressionante espetáculo de religiosidade e fé.



O dr. Pedro Ludovico entre sua senhora e o engenheiro construtor do "Abrigo".

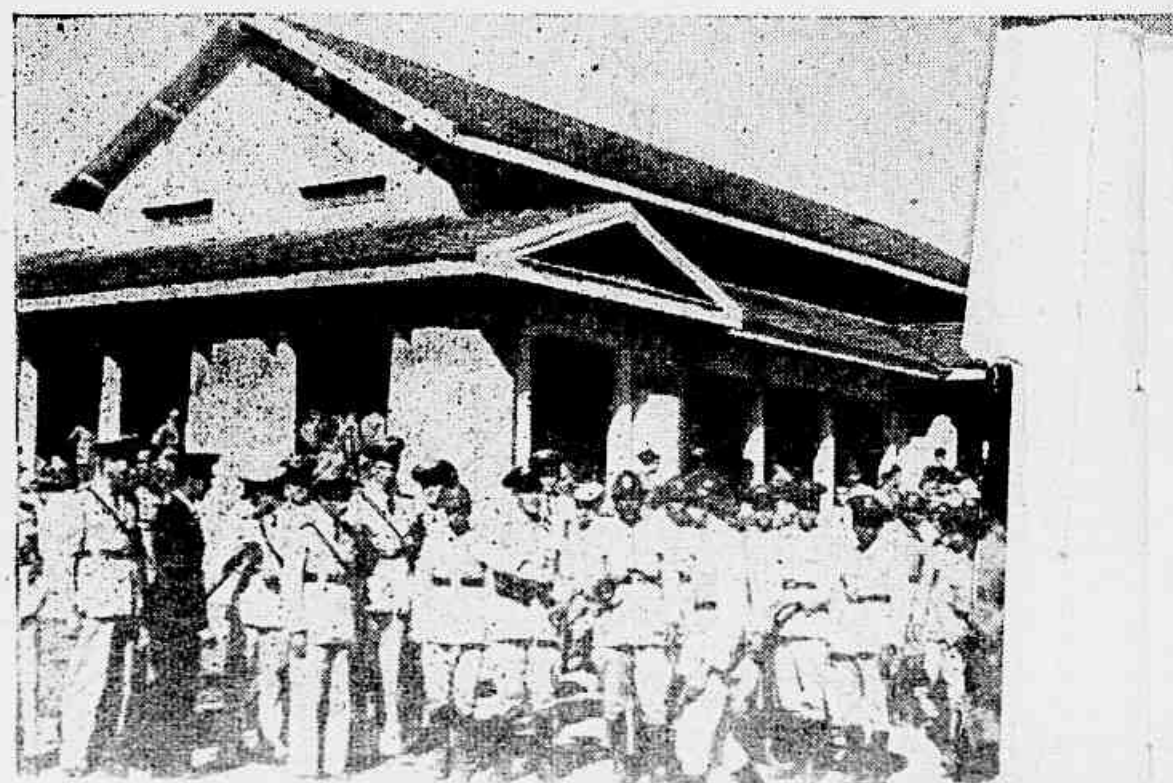
Aspecto interno do "Abrigo".



O interventor Ludovico percorre o "Abrigo" em companhia do Secretário da Educação.



Flagrante da Páscoa dos Militares promovida pela L.B.A.



do Serviço de Saúde, e crianças no "Dia da Criança".



3.º CONGRESSO DE PECUARIA DO BRASIL CENTRAL

A ORAÇÃO DO DR. ALTAMIRO DE MOURA PACHECO NO ATO DA INSTALAÇÃO

Transcrevemos, a seguir, o discurso com que o eminente patriota iniciou o grande conclave, discurso que recebeu os mais francos aplausos da seleta e numerosa assistência.

"O descortinar de um horizonte é acontecimento que empolga pela novidade, que embriaga pela variação. Fato comestivo na vida dos povos arrasta-nos, entretanto, a meditação que se não afasta da nossa mente. Ocorrência de nimia importância na atividade coletiva não se apaga da trajetória forçada pelo determinismo biológico social a que se arrasta a humanidade.

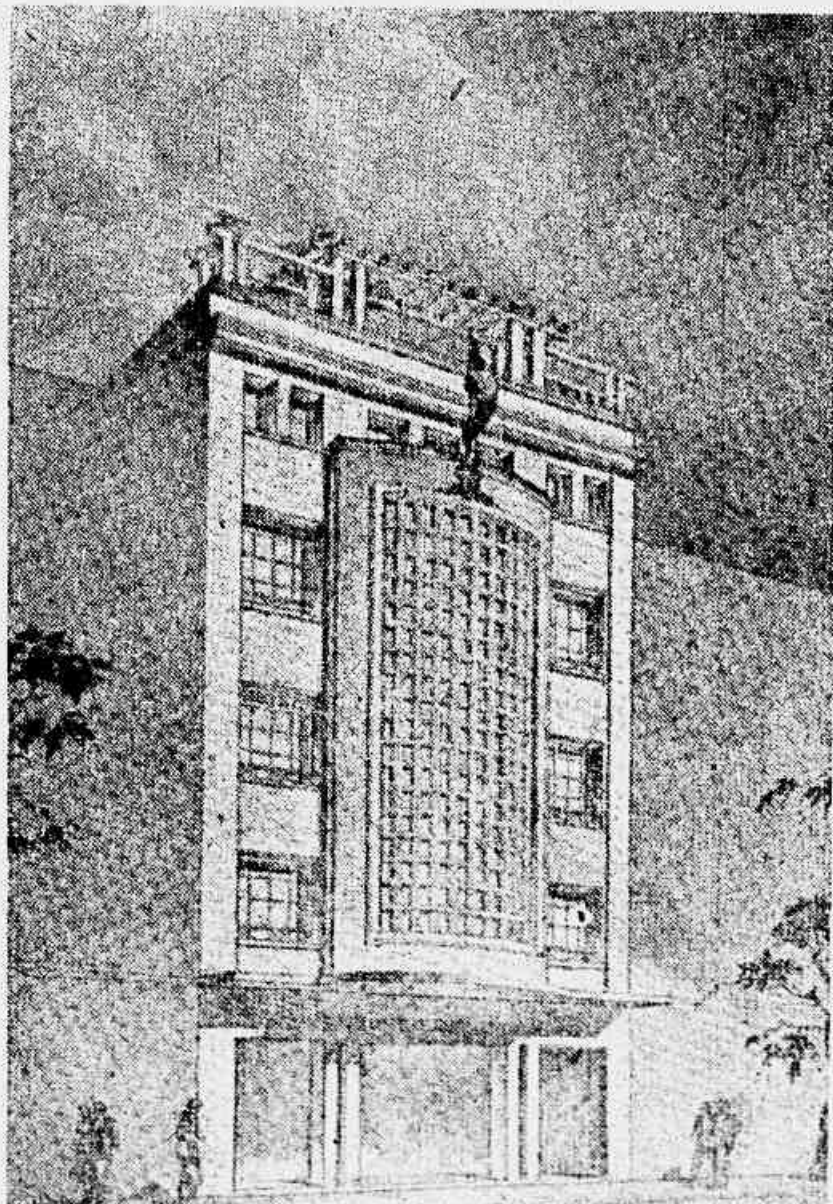
A existência de cada um, no isolamento domiciliar e a vida de muitos, em conjunto, quer dispendendo energias para consecução da subsistência, quer cooperando para o equilíbrio econômico-financeiro ou administrativo da coletividade, despertam-se da monotonia dos labores cotidianos com o transmutar de princípios em que se firmam as garantias necessárias ao trabalho.

E' o que se nos depara.

Reunidos, hoje, representantes de trinta associações pecuárias do Brasil Central, em pleno coração da Pátria; dominados pelas mesmas esperanças da defesa dos mesmos ideais; com os olhos voltados para o futuro do Brasil, no propugnar pela elevação do nível do padrão de vida da laboriosa e honrada gente do brasileiro Oeste, — assistimos, sob incontidos anseios de cooperação amistosa para a solução de transcendentais problemas econômicos, o descortinar de um novo horizonte, — consequência lógica de nosso evoluir, resultante inevitável de nosso engrandecimento.

Vislumbrando medidas de emancipação da maior classe produtora da nossa hinterlândia, que urge integrar-se no lugar a que tem direito perante os destinos de nosso País, ao qual tudo concede e do qual nada lhe provém; lobrigando clarões de esperança para entendimento e compreensão maiores, entre produtores e governos; divisando estruturação mais inteligente e melhor orientada para o mecanismo dentro no qual se movem os negócios pecuários, que, não raro, se precipitam no bátrio da incerteza, emaranhando-se na complexidade de praxes, oriundas de rotinas que se perpetuam, — eu antevejo, em face dos transportes de elevado e sadio patriotismo que a todos nos dominam, reflexos que iluminam os verdadeiros objetivos deste conclave.

O BELO EDIFÍCIO SEDE DA SOCIEDADE GOIANA DE PECUARIA, CONSTRUÍDO NA GESTÃO DO DR. ALTAMIRO DE MOURA PACHECO. AQUI TEVE LUGAR O 3.º CONGRESSO DE PECUARIA DO BRASIL CENTRAL.



A nobreza de ânimo de cada um de vós, a benemerência da ação de todos, persuadem-me de que, neste ambiente augusto de paz e liberdade, onde respiramos uma atmosfera saturada do desejo de bem servir os fatores da grandeza da nossa Pátria, algo surgirá de elevado e firme, de potente e sólido, em que poderão estribar-se as legítimas aspirações, os justificados anseios de uma classe, importante pela vastidão de suas posses e heróica pelas múltiplas dificuldades em meio às quais se debate.

A distinção e aprumo, a reflexão e firmeza com que vos apresentais constituirão na consciência de paulistas, mineiros, matogrossenses e goianos a sagrada reminiscência de esforços que se orientam para o bem coletivo, de energias que se encadeiam para a proteção de direitos, de vontades que se multiplicam para o alicerçamento da prosperidade econômica de um povo.

O poder expressivo da vossa experiência, bem articulada à amplitude de vossos conhecimentos, manifestar-se-á cômico de seu forte valor no traçar planos racionais a soluções definitivas, no apontar medidas de eficiência às atividades pecuárias.

Diretrizes improvisadas, oriundas da mentalidade que se forma ao influxo de teorias apressadas, apagar-se-ão ao contacto com as luzes, geradas e desenvolvidas pela riqueza de vossas observações.

E para o futuro, cujas perspectivas são infinitas em relação à indústria pastoril, baseada como se encontra em patrimônio que, pode dizer-se, inesgotável, — voltareis, eu sei, o melhor de vossas atenções, ao calor de vosso patriotismo, formulando métodos que tenham força de contenção a essa torrente de leis tumultuárias que perturbam a marcha evolutiva da nossa pecuária, geram a indiferença e temor para com os empreendimentos que se afastam do empirismo e nutrem o desânimo, que bem se acomoda à lei do menor esforço.

Do vosso trabalho, em solo já fertilizado pelo ensaio prático com a realização do I Congresso Pecuário do Brasil Central, em abril de 1941, na florescente cidade de Barretos, — esse rico empório e berço em nosso País da indústria do boi e com a do II, em 1943, na cativante metrópole da atividade matogrossense — a afamada Campo Grande — há de brotar e em seguida medrar, desafiando obstáculos, um conjunto de providências, metodizadas em conclusões que, logrando amparo dos governos, transformar-se-ão nos elevados fins a que nos propomos.

Frutos ótimos, que serão messe de benefícios à economia nacional, hão de espalzar sementes que germinarão ao humos concentrado de observações vindouras para, num multiplicar incessante, retundir empecilhos à evolução pecuária e impedir a volta regressiva à primitividade do passado.

Acasalando teoria e prática, num consórcio de idéias bem formadas ao influxo do labor diário na especialização profissional, vos entregareis a uma tarefa que, espinhosa pela responsabilidade que encerra, enobrecedora pela elevação de seu objetivo, executada porém com a sinceridade de vossa dedicação, colocar-vos-á no píncaro das alturas qual pareselene da honrada classe que, dirigindo, representais.

Vindes trabalhar à guisa de amparo ao trabalho na sintetização de princípios que possam nulificar o nomadismo das leis fiscais que, num avultar crescente, estiolam o encorajamento para as realizações a que devem entregar-se as classes produtoras.

Vindes possibilitar aos governos, numa tarefa de amor ao trabalho, meios seguros de melhor conhecimento dos vastos problemas que, numa complexidade irritante, estacionam a riqueza e impedem a emancipação econômica do Oeste Brasileiro.

Com a liberdade livre de sofismas; sem o artificialismo da economia dirigida de técnicos improvisados; cômicos da desigualdade natural da inteligência, da operosidade e da fortuna gerando a diferença de atividades para a estabilização do equilíbrio coletivo e reciprocidade de direitos; crentes esperançosos no extermínio da indiferença doentia que debilita o ânimo para as responsabilidades e abnegação no batalhar pelas reivindicações coletivas; experientes na audácia da manifestação do pensamento aliada ao vigor da iniciativa em pugnar pelo domínio da justiça como garantia à remuneração ao trabalho que solidifica a prosperidade de cada um e consolida a opulência de todos; homens do trabalho que dignifica e filhos de uma sociedade que evolui e assiste ao "climax" da contemporânea questão social-administrativa do universo, — vindes, eu sei, embriagados pelo anelo de uma forte contribuição ao nosso esforço de evoluir, em ação objetiva, propugnar, no inventário de nossas possibilidades, pela adoção de medidas garantidoras do aumento e melhoria da produção, do favorável escoamento do produto, do amparo técnico e financeiro ao produtor.

Em pedestal condigno do seu valor, o encargo que vindes executar entremostrará, sem desluzir o mérito dos ensaios que se cristalizaram nos conclaves de Barretos e Campo Grande, a luminosidade das decisões a se tomarem, neste de Goiânia, em meditada colaboração sob os impulsos patrióticos de harmonizar direitos administrativos, prerrogativas individuais e interesses coletivos para vitalização do organismo econômico em que deve repousar-se a opulência brasileira.

A maturação da observação de muitos, na perseverança do esforço de cada um, apontando diretrizes para a conduta humana, promove os fundamentos dos benefícios legais, — outorgados pelos governos civilizados e oriundos da livre vontade popular — às agremiações que produzem, às entidades que, regimentando-se sob persistente solidariedade, se empenham em busca de autêntico abono à maior valia e mais inteligente distribuição do fruto de seu trabalho.

Acatamento decidido e franco, isento de interceptações burocráticas, que retardam o frutificar das boas idéias, eu vos desejo, senhores congressistas.

De par com os votos que formulo pelo êxito seguro de vossos esforços, eu quero e insisto tenhais certeza do quanto a vossa presença em Goiânia nos é grata e quão sincero é o reconhecimento que, em nome da Sociedade Goiana de Pecuária, eu vos testemunho.

Sensível ao apoio que se consubstancia em ação, antes de terminar, eu cumpro o dever de agradecer ao interventor Pedro Ludovico as atenções que vem dispensando a este Congresso.

Ao sr. ministro da Agricultura, que nos prestigia, na pessoa do dr. Honorato de Freitas, seu ilustre representante aqui presente, transmito o nosso "muito obrigado".

Às demais autoridades federais, estaduais e municipais, presentes e que se fizeram representar, a todos enfim, que abrilhantam esta solenidade, perpetuadora da instalação de trabalhos inéditos nos anais da terra goiana, eu hipoteco a sinceridade de nossos agradecimentos.

Srs. congressistas:

Se prestigiar a vossa atitude é dever que se impõe aos governos, — governar com as decisões de vossa experiência é prestigiar-se pela verdadeira expressão da vontade de bem governar."

O DR. ALTAMIRO DE MOURA PACHECO, MÉDICO, DIRETOR DA CASA DE SAÚDE DE GOIÂNIA E PRESIDENTE DA SOCIEDADE GOIANA DE PECUARIA, TEM, EM SUA RESIDÊNCIA, UMA COLEÇÃO COMPLETA DA "REVISTA DA SEMANA". FLAGRANTE DO NOSSO ENVIADO EXAMINANDO A COLEÇÃO.



O Plano Educacional do Governo de Goiás

A CRIAÇÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE E SUA SIGNIFICAÇÃO — OCUPA A NOVA PASTA
O DR. VASCO DOS REIS



Dr. Pedro Ludovico Teixeira,
interventor de Goiás.

O Governo do dr. Pedro Ludovico Teixeira, no intuito de aparelhar a administração do Estado, baixou o decreto-lei n.º 234, de 6 de dezembro de 1944, dando nova organização à administração pública. Com esse ato de grande importância foi criada, entre outras, a Secretaria de Educação e Saúde, que tem por finalidade a administração e orientação das atividades relativas à educação escolar e à educação extra-escolar, à saúde e à assistência social.

Foi nomeado para esta Secretaria o dr. Vasco dos Reis Gonçalves, que vinha exercendo a alta função de diretor de Educação, onde relevantes serviços prestou à causa do ensino.

O Departamento de Educação foi, em boa hora, confiado à orientação do professor do

Dr. Alfredo de Faria Castro, diretor do Departamento de Educação do Estado de Goiás.



Colégio Estadual de Goiás, dr. Alfredo de Faria Castro, que vem empregando seus maiores esforços no sentido de dotar aquele Departamento de uma aparelhagem que melhor condiga com os modernos métodos de ensino. Os esforços desses dois homens públicos não têm sido em vão, por isto que o Governo, dando acolhida às suas sugestões, acaba de aprovar um projeto de lei criando, além do segundo Grupo Escolar da Capital, doze Grupos Escolares nos diversos municípios de Goiás e mais 100 escolas isoladas que deverão ser instaladas este ano. Para isso o Governo, dando cumprimento à cláusula terceira do Convênio Nacional do Ensino Primário, ratificado pelo Decreto-lei federal n.º 5.293, de 1.º de março de 1943, mandou consignar no orçamento vigente uma verba de Cr\$ 3.951.268,00, que será aplicada exclusivamente na manutenção, ampliação e aperfeiçoamento do sistema escolar primário. Não foi só aí que a visão do eminente interventor goiano se fez sentir. S. excia. destinou ainda uma verba de Cr\$ 1.000.000,00 para edificação do novo prédio do Colégio Estadual de Goiás, uma vez que o existente já não comporta o sempre crescente número de alunos.

Esse prédio, pelas suas linhas arquitetônicas, com estrita observância das exigências pedagógicas, nada ficará a dever aos seus congêneres do país. Com o fito de melhor aperfeiçoar o ensino primário, foi o Estado de Goiás subdividido em várias zonas, cada qual sujeita à fiscalização de um inspetor, que tem por obrigação precípua orientar os professores dos Grupos Escolares, das escolas isoladas e particulares. Pelo segundo levantamento feito pelo Departamento respectivo, nada menos de 200 escolas estão em pleno funcionamento no Estado. O interventor, atento ao elevado custo de vida, majorou os vencimentos dos funcionários públicos, passando um professor, que percebia mensalmente a quantia de Cr\$ 250,00, a ganhar a importância de Cr\$ 450,00. O interventor concedeu ainda subvenções a estabelecimentos de ensino normal, primário e instituições diversas, perfazendo um total aproximado de Cr\$ 300.000,00.

Está em realização uma reforma do ensino primário do Estado, que abrange a introdução dos modernos métodos já experimentados nos grandes centros educacionais do país, e, para esse fim, encontram-se em atividade técnicos de educação especializados nas diferentes modalidades da instrução primária, profissional e agrícola.

Está igualmente sendo criado um Instituto de Educação que se destina à formação do professorado primário, cujo programa substancia as mais modernas conquistas pedagógicas. A partir de 1930 o ensino público tomara novas diretrizes encaminhando-se todos os problemas locais a ele relativos para completa solução, como se pode observar pelo grande número de estabelecimentos de ensino criados desde aquele tempo e, principalmente, pelos resultados obtidos nas remodelações que têm sido feitas no setor da administração escolar. Educador emérito, como o comprova o grande plano urbanístico da cidade que construiu, o sr. interventor de Goiás continua no seu afanoso labor, desdobrando-se em efetiva atividade para a realização do programa de governo que se impôs, não descurando dos problemas momentosos da Educação e Saúde no Estado. No Departamento de Saúde, sob



Dr. Vasco dos Reis, secretário da Educação e Saúde de Goiás.

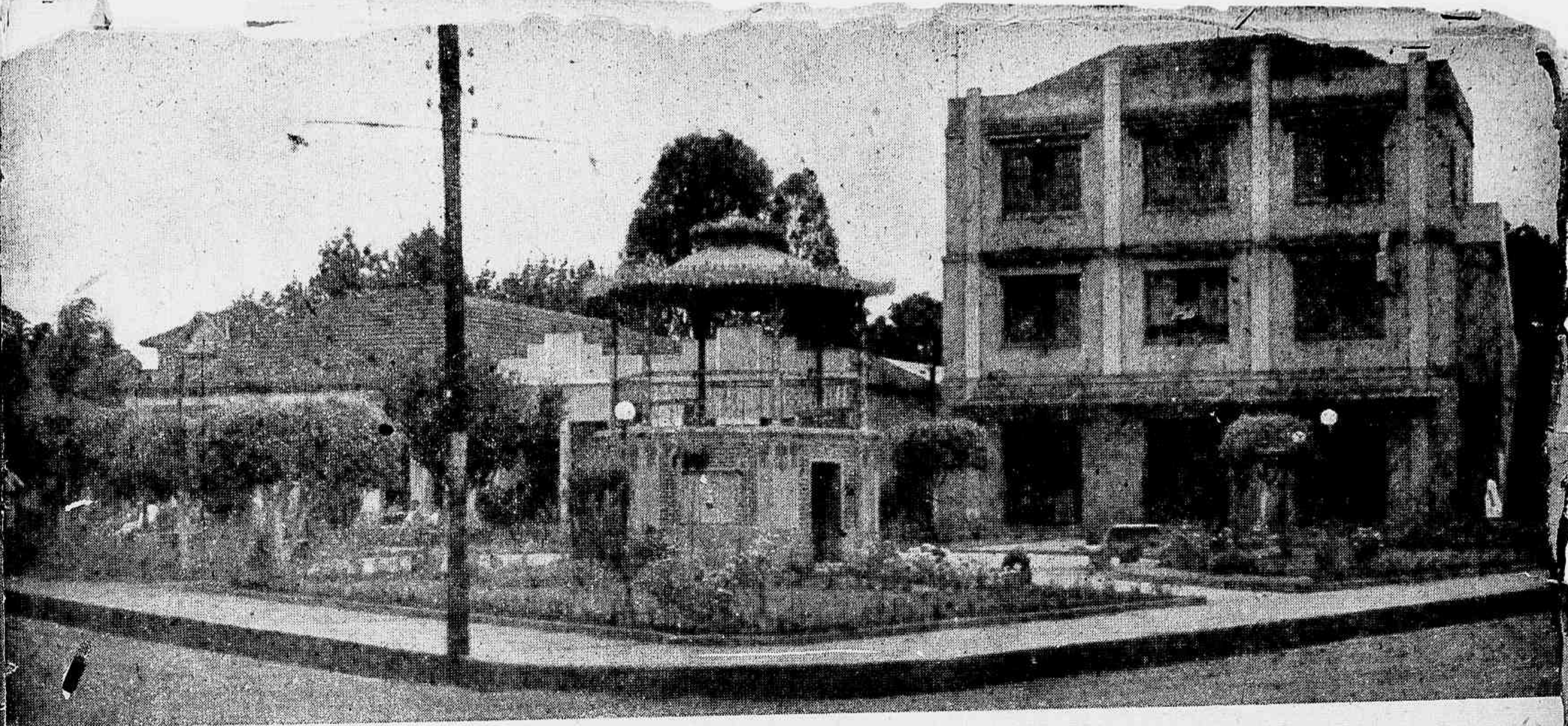
a administração do dr. Aldemar de Andrade Câmara, a ação benéfica de uma grande reforma já se fez sentir: o Departamento achase instalado em custoso edifício, amplamente aparelhado para atender aos fins a que se destina.

A criação de Postos de Saúde, a instalação de maternidades, a ampliação da Casa de Misericórdia e o serviço de Assistência Pública satisfazem, no momento, às exigências locais. Observamos também o critério com que s. excia. provê os diferentes cargos da administração, adotando preferencialmente o critério de confiar os postos de direção a experimentados técnicos, nos seus diferentes ramos.

E' excelente a impressão colhida em Goiás pelos visitantes, principalmente no setor educacional.

Gerson de Castro Costa, diretor geral do Departamento Estadual de Informações.





Aspecto da praça principal de Anápolis.

A OBRA DO PREFEITO DE ANAPOLIS

A administração do sr. Graciano Antonio da Silva

Anápolis, o próspero e rico município goiano, entra agora, graças às providências do interventor Pedro Ludovico, numa nova fase de trabalho fecundo e progressista, que há de levá-lo por certo ao lugar que realmente deve ocupar no conceito das cidades brasileiras.

Nomdeado para o cargo de prefeito de Anápolis o sr. Graciano Antonio da Silva, figura conhecida e estimada em todo o município, tratou desde logo de todos os problemas que afligiam a população local, atacando de pronto a construção de obras públicas e pavimentação das ruas da cidade. Dedicou-se à benemérita obra de abertura de escolas e, ao mesmo tempo, lançou as bases de uma política de apoio à economia rural em benefício do barateamento da vida em toda a zona.

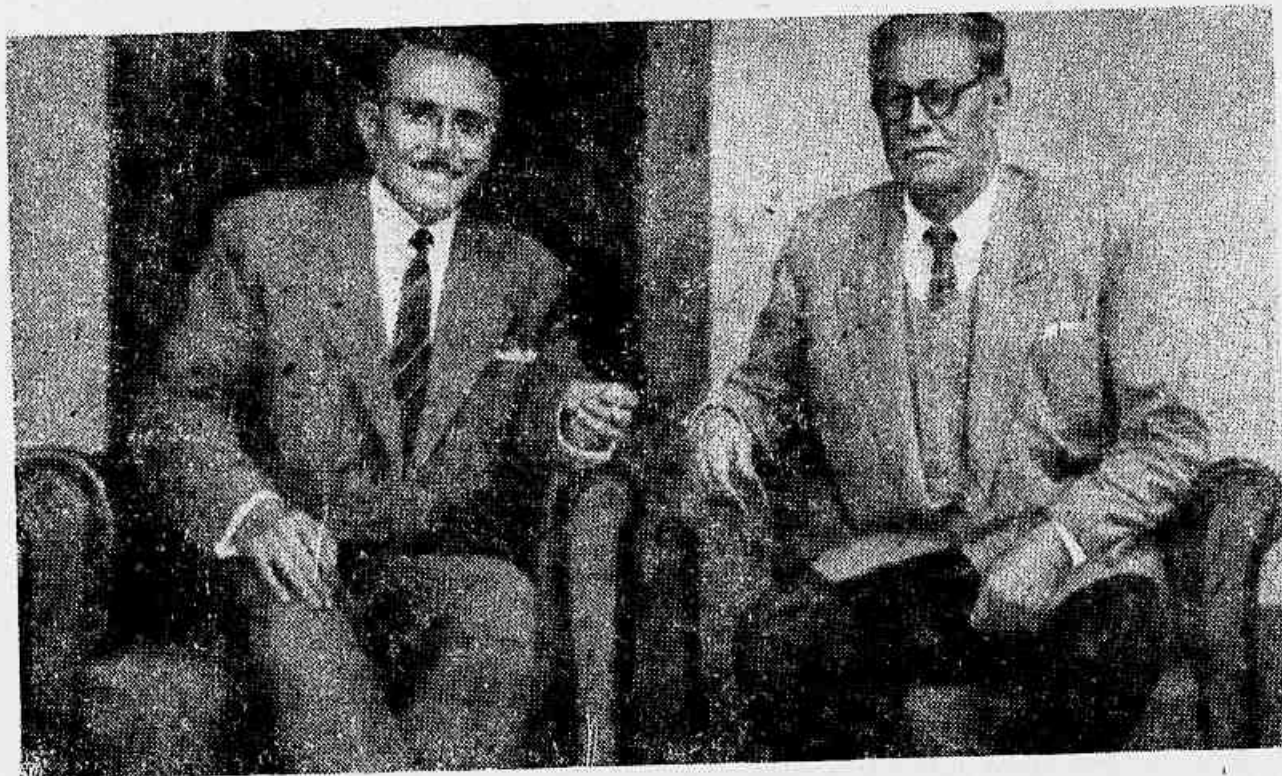
O novo administrador, que se entregara à vida pública tão somente pelo desejo de cooperar para o soerguimento econômico e material do município, desenvolveu uma dinâmica atividade, cujos resultados compensadores já podem ser apreciados em qualquer ponto da elegante "urbs" que o espírito progressista do sr. Graciano Antonio da Silva (Sanito) fez surgir da velha Anápolis.

As ruas já não são mais as mesmas de há dez anos. O calçamento moderno com paralelepípedos as antigas vias públicas, dando a cidade, que se remodela rapidamente, um aspecto elegante de "urbs" recém-nascida.

O sr. Graciano Antonio da Silva, que é conhecido por todos os habitantes do município pelo cognome Sanito — imagem mesmo de sua popularidade como figura progressista democrática — tem sido para o povo de Anápolis o reformador há tantos anos esperado.

As obras do prefeito Sanito mostram-se em sua plenitude nas novas escolas entregues à infância, nos novos prédios entregues à cidade e nas novas ruas entregues à população de Anápolis.

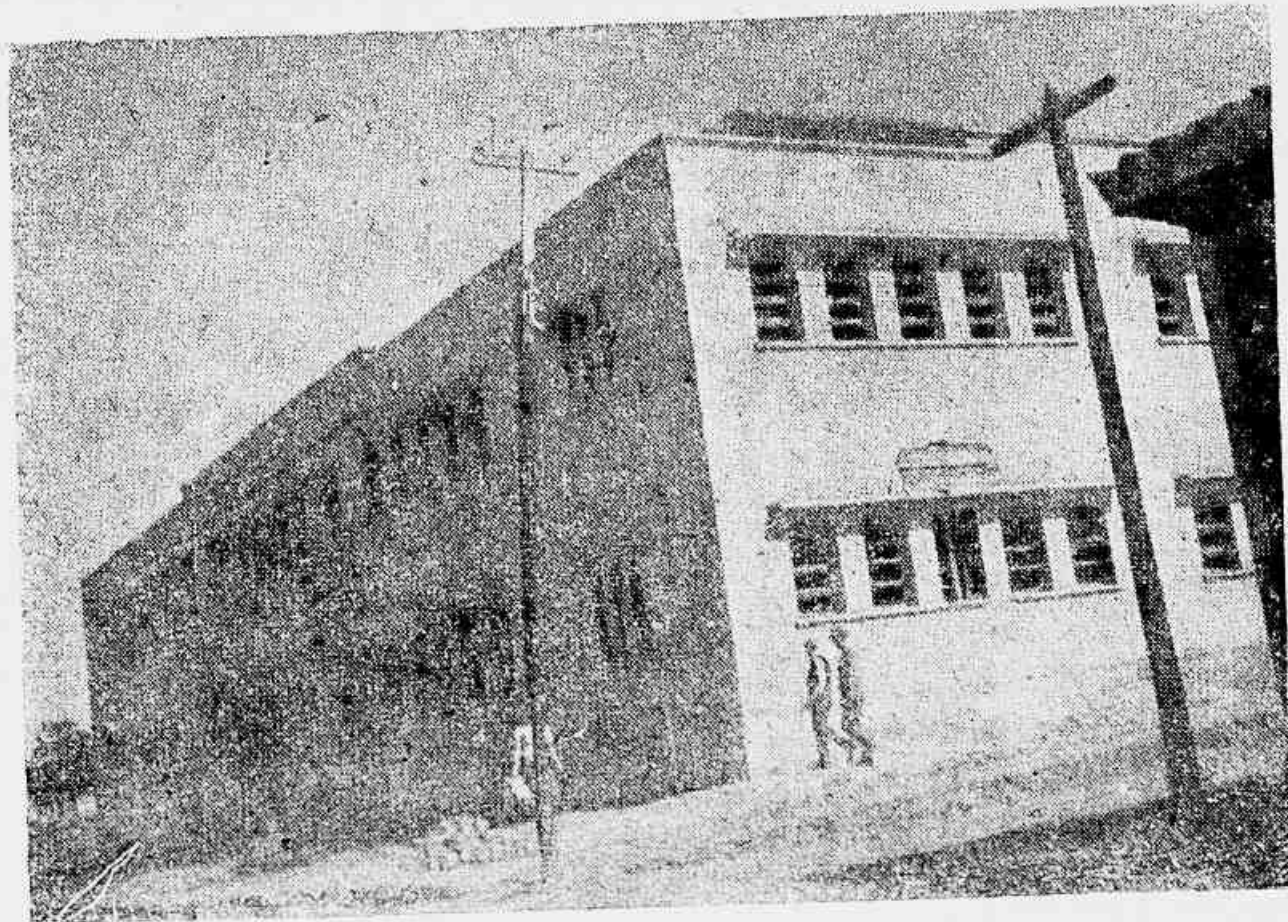
Agora o benemérito edil está empenhado em conseguir um grande empréstimo, custeará a obra da instalação de esgotos e da construção da rede de água potável, virá beneficiar a velha cidade de Goiânia, outro município que surge no Oeste com um padrão de progresso.



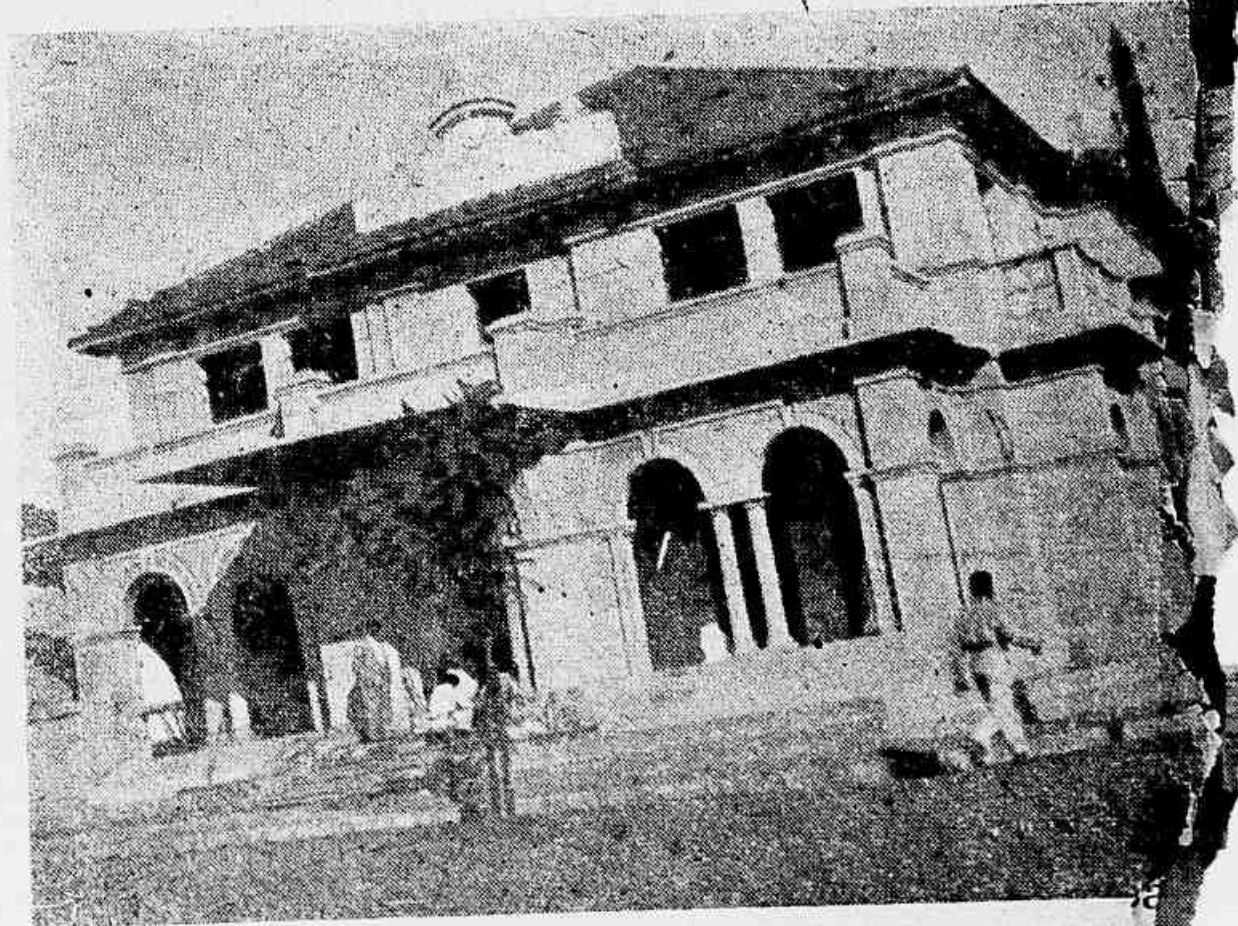
O nosso representante ao lado do prefeito Graciano Antonio da Silva.



O prédio da Delegacia e Cadeia Pública, em construção.

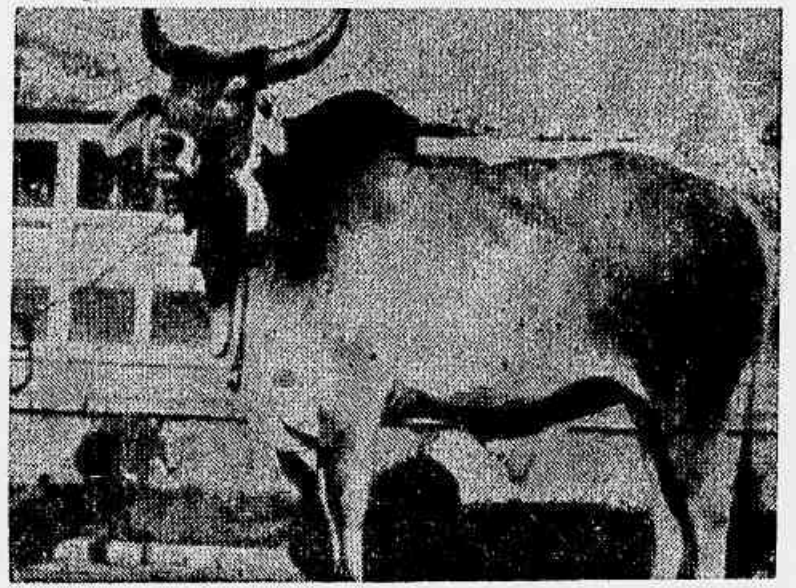
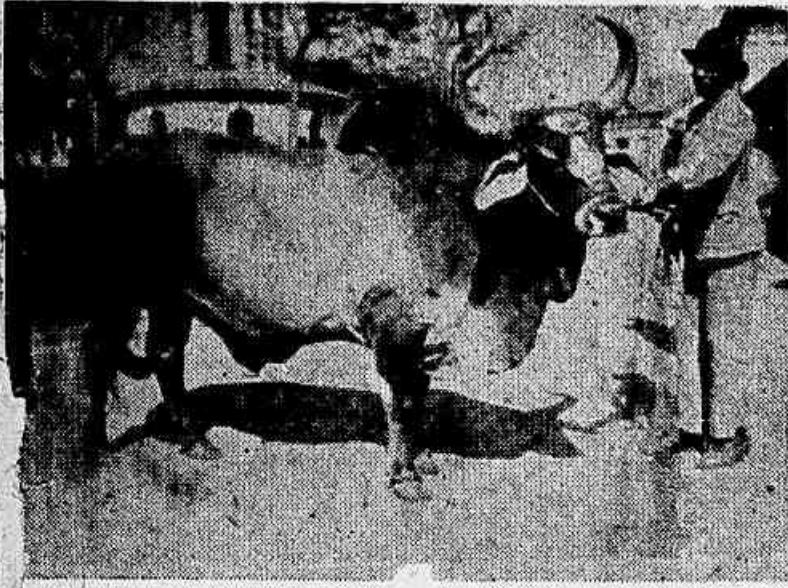


O Grupo Escolar construído pelo atual prefeito.



A sede da Associação Cultural de Anápolis.

TAOCA, UM SÍMBOLO DA PECUÁRIA NACIONAL



ARGOLO — Touro puro-sangue zebú Guzerath, filho de pais puro-sangue zebú Guzerath importados da Índia. 1.º prêmio na 5.ª Exposição de Pecuária do Rio de Janeiro em 1936, e Campeão da raça e 1.º Prêmio na 6.ª Exposição Nacional de São Paulo em 1937. Pai, Salangor; mãe, Norma.

FORD — Touro puro-sangue zebú Guzerath, filho de pais puro-sangue zebú Guzerath, importados da Índia. Foi premiado na 8.ª Exposição de Pecuária do Rio de Janeiro em 1939 e tirou o 1.º prêmio na Exposição de Petrópolis em 1940 e o 1.º prêmio e Reservado Campeão da raça Guzerath na Exposição de S. Paulo em 1942. Pai, Argolo; mãe, Bretanha.

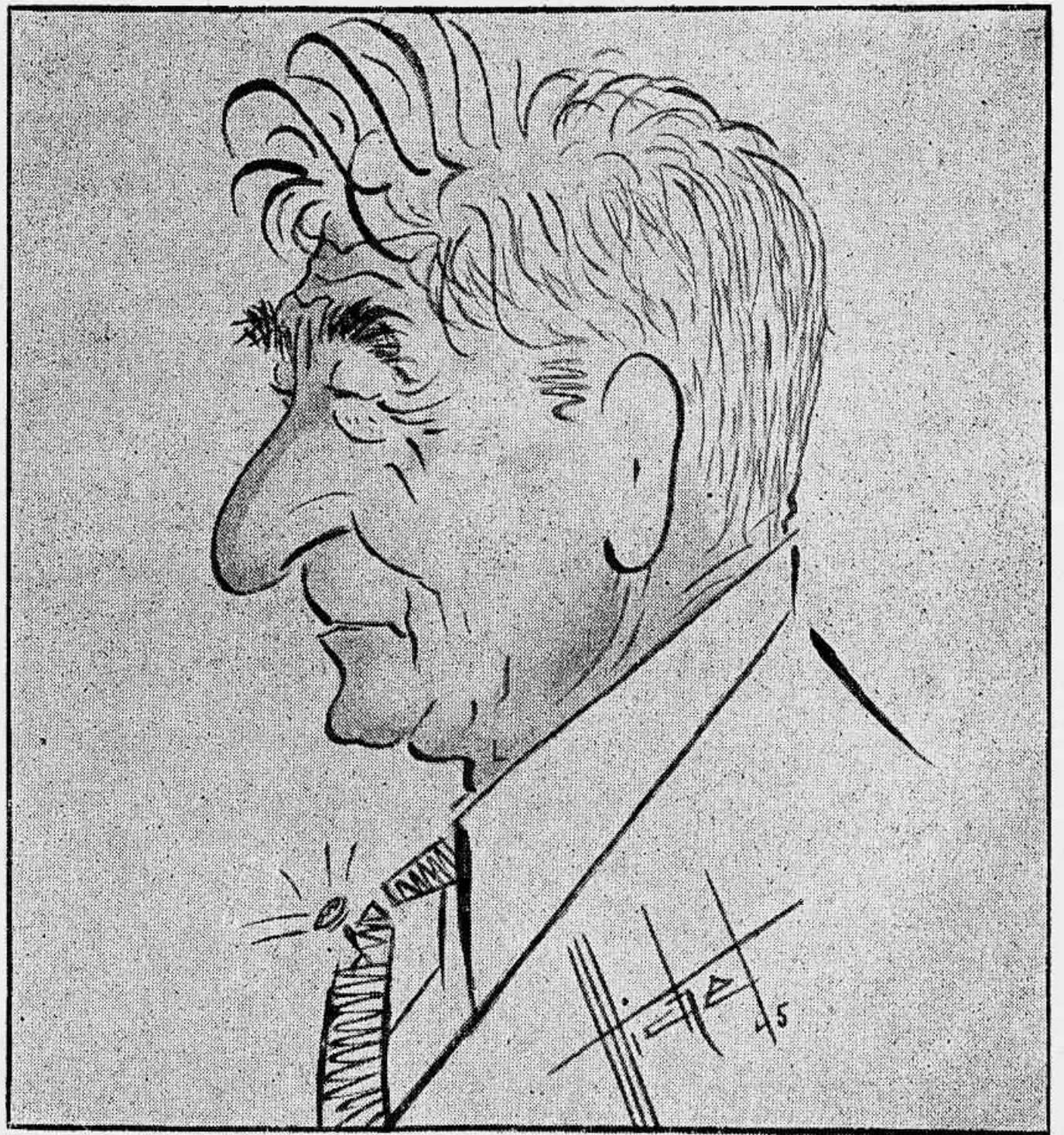
BARÃO — Touro puro-sangue zebú Guzerath, filho de pais importados da Índia. Campeão e 1.º prêmio da raça na 10.ª Exposição de S. Paulo em 1942. Campeão da raça e 1.º prêmio na Exposição de Cordeiro em 1943.

Uma das expressões mais nítidas dos pecuaristas nacionais é, sem dúvida, o coronel João de Abreu Junior, varão ilustre, decano dos criadores da raça Indiana no Brasil, cuja vida tem sido um verdadeiro sacerdócio e um exemplo de abnegação e pertinácia. O coronel João de Abreu Junior começou no rebanho, e à custa dos próprios esforços e da sua visão inata de criador tornou-se uma das personalidades marcantes da pecuária nacional. No Brasil, ninguém se dedicou à criação de raças indianas, e muito especialmente Guzerath, começando a inspirar e se valer dos conhecimentos do coronel João de Abreu Junior, obtidos na sua longa existência, toda dedicada à criação dos valores da sua criação.

Seus serviços tem prestado o coronel João de Abreu Junior à pecuária nacional, que os criadores do norte do Estado do Rio, em movimento espontâneo, perpetuam no bronze a sua figura ilustre, bronze esse que será colocado no cinto do Pôsto Zootécnico "Dr. Rubens Farrula", em Cordeiro. É um valioso e expressivo testemunho da ação destacada do coronel João de Abreu Junior, no árduo propósito de melhorar os nossos rebanhos.

Fazenda Itaoca é realmente um símbolo da pecuária nacional. De lá saíram os mais destacados espécimes da raça zebú Guzerath, laureados em numerosas exposições pelo Brasil agora. Concorrente à Exposição de Cordeiro, desde 1921, ainda agora acaba a Fazenda Itaoca de obter novos lauréis recente certame realizado nessa cidade fluminense, expondo magníficos espécimes da raça zebú Guzerath, como das outras vezes detentores de ótimas ações.

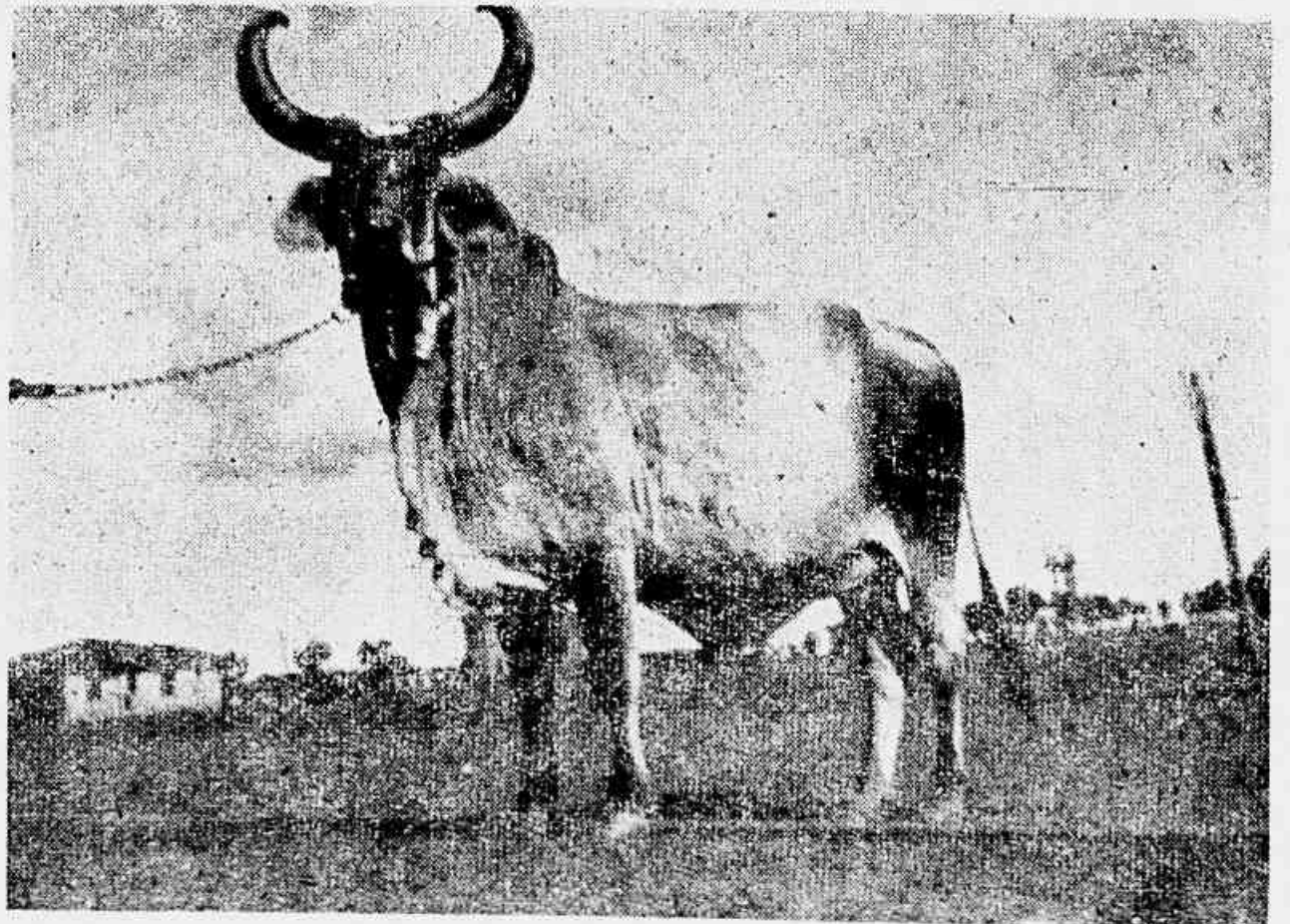
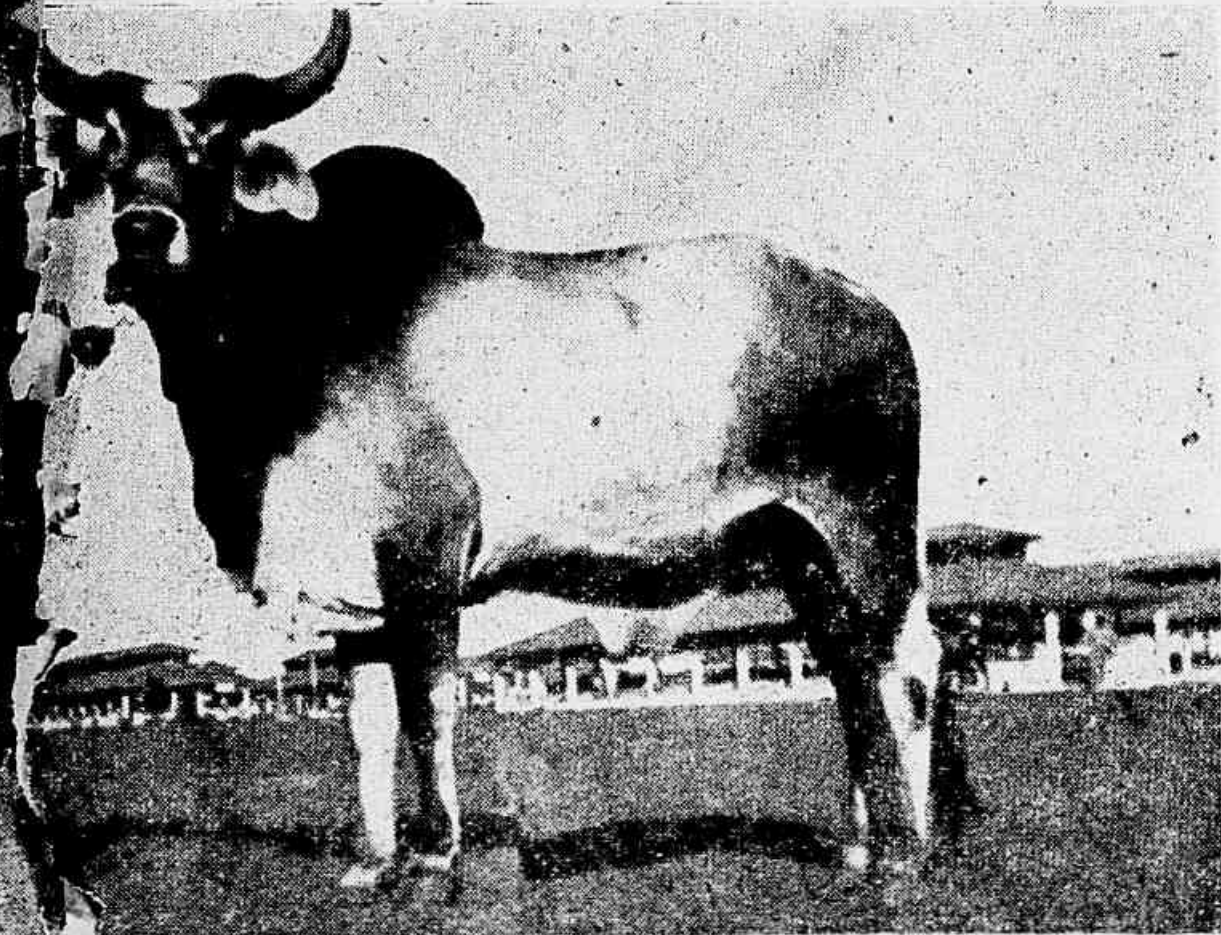
Nesta página aparecem excelentes exemplares de gado zebú Guzerath, criados na Fazenda Itaoca, a grande propriedade do cel. João de Abreu Junior.



O coronel João de Abreu Junior numa magnífica "charge" de Michel.

SIMPATIA — Vaca puro-sangue zebú Guzerath, filha de pais puro-sangue zebú Guzerath importados da Índia. Premiada em Belo Horizonte em 1936. Campeã da raça e 1.º Prêmio e campeã Indiana, a melhor vaca zebú entre todas as raças Indianas em S. Paulo, em 1942. Campeã da raça e 1.º Prêmio em Uberaba, onde obteve uma taça de prata, outra taça de prata como campeã da raça e também uma medalha de ouro. Pai, Montenegro; mãe, Malabar.

ARGOLO — Touro puro-sangue zebú Guzerath, filho de pais puro-sangue zebú Guzerath importados da Índia. Primeiros prêmios em Cordeiro em 1943 e 1944 e campeão da raça e 1.º Prêmio também em Cordeiro, neste ano. Pai, Ford; mãe, Zorila.





CAURÉS* SOBREVOAM A GUANABARA

Evidenciando o progresso da industria aeronautica nacional, aviões **CAURE' (HL-6)** fabricados pela **ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE** sobrevoam garbosamente a baía de Guanabara.

(*) CAURÉ — Gavião da Amazônia famoso por sua valentia; talismã entre os índios.

Foto ARNALDO

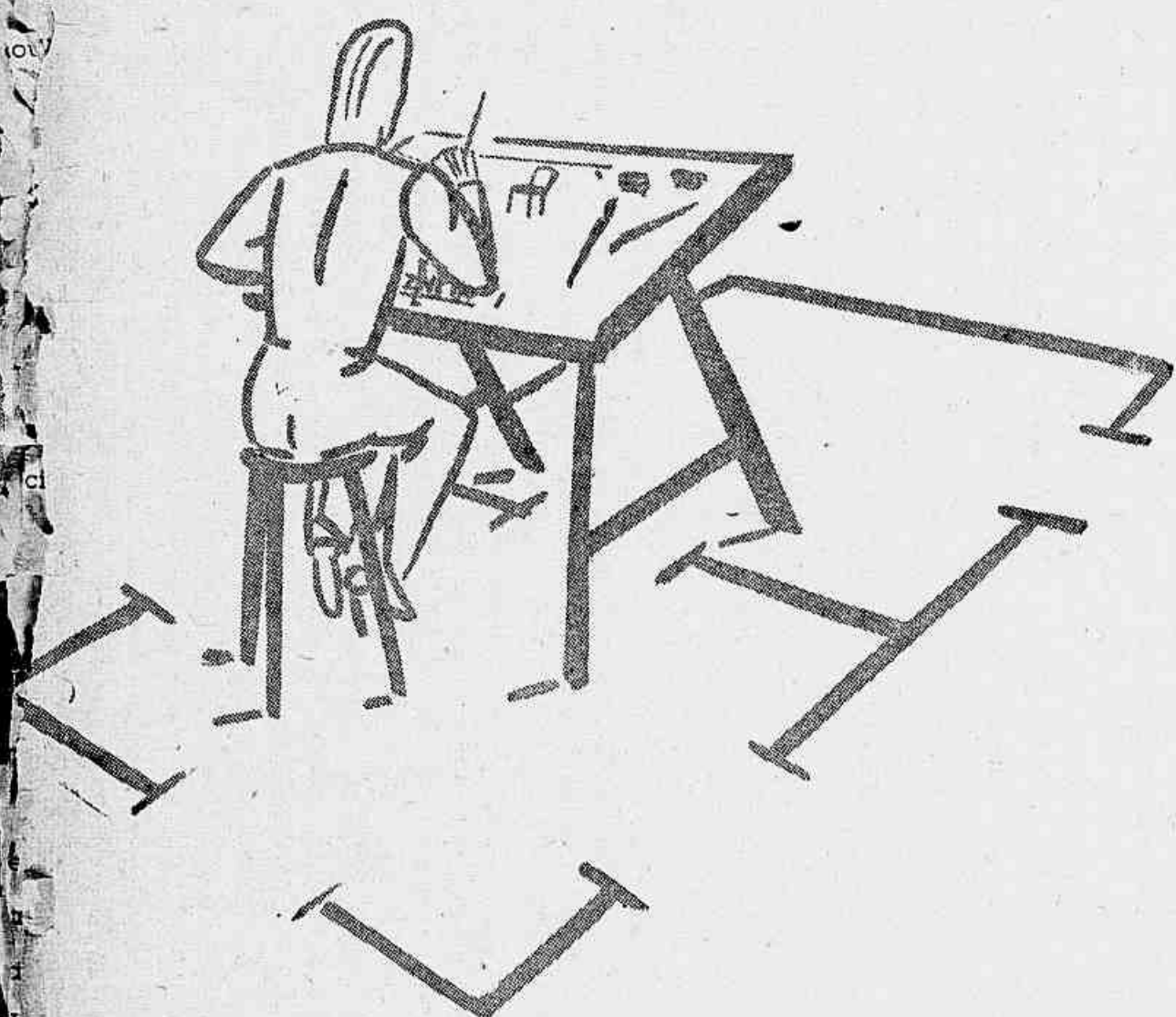
"MOVEIS

CURITIBA

Apresenta os mo
hoje os luxuosos
mais lindo hotel do



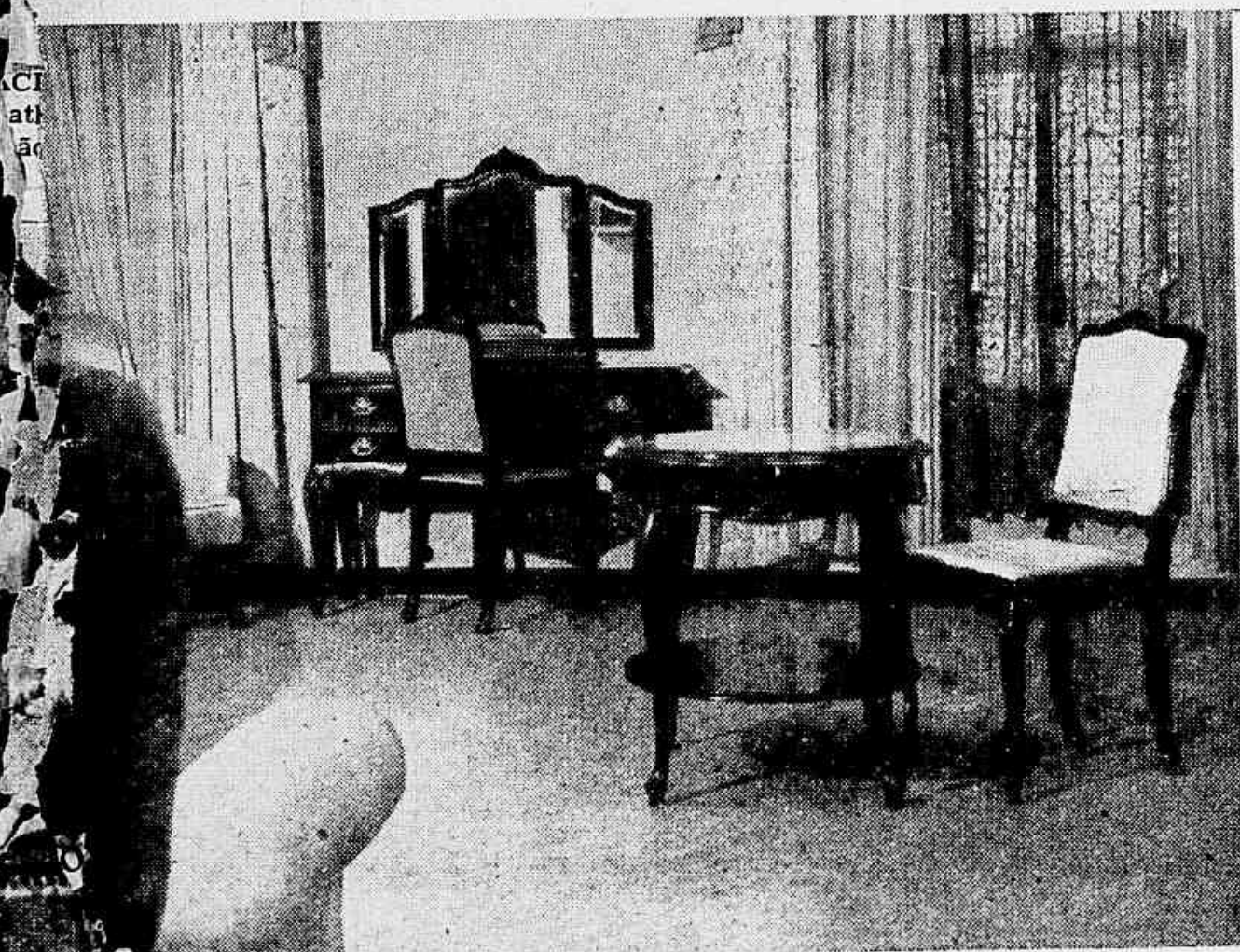
UMA DAS MAGNIFICAS SALAS DE ESTAR DOS APARTAMENTOS



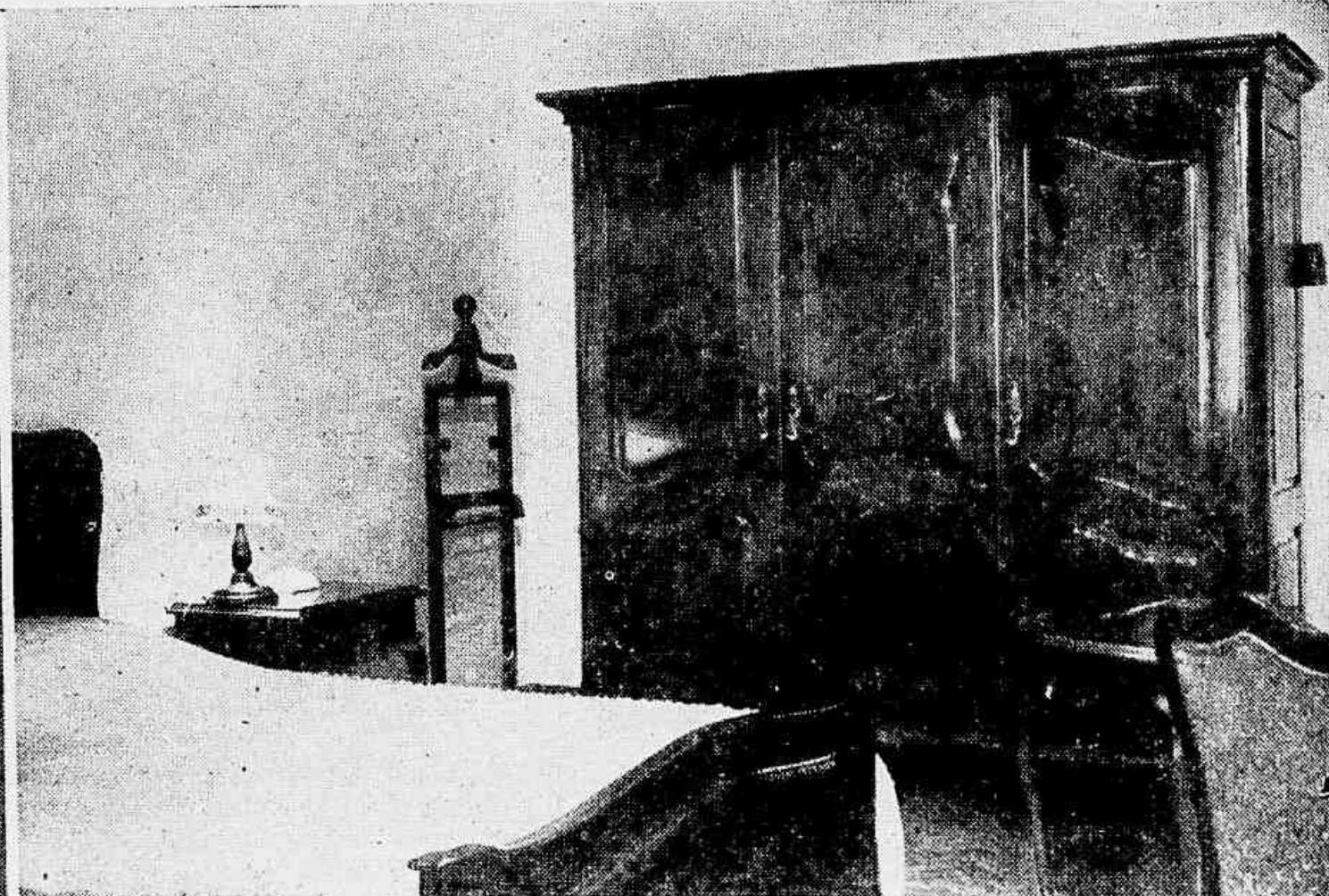
NOSSOS DESE-
NHISTAS ESTU-
DARAM TECNI-
CAMENTE A
DECORAÇÃO E
CONFORTO
DOS LUXUOSOS
QUARTOS.



VISTA DE ANGULO DO SALÃO DE LEITURA



OUTRO ANGULO LUIZ XV

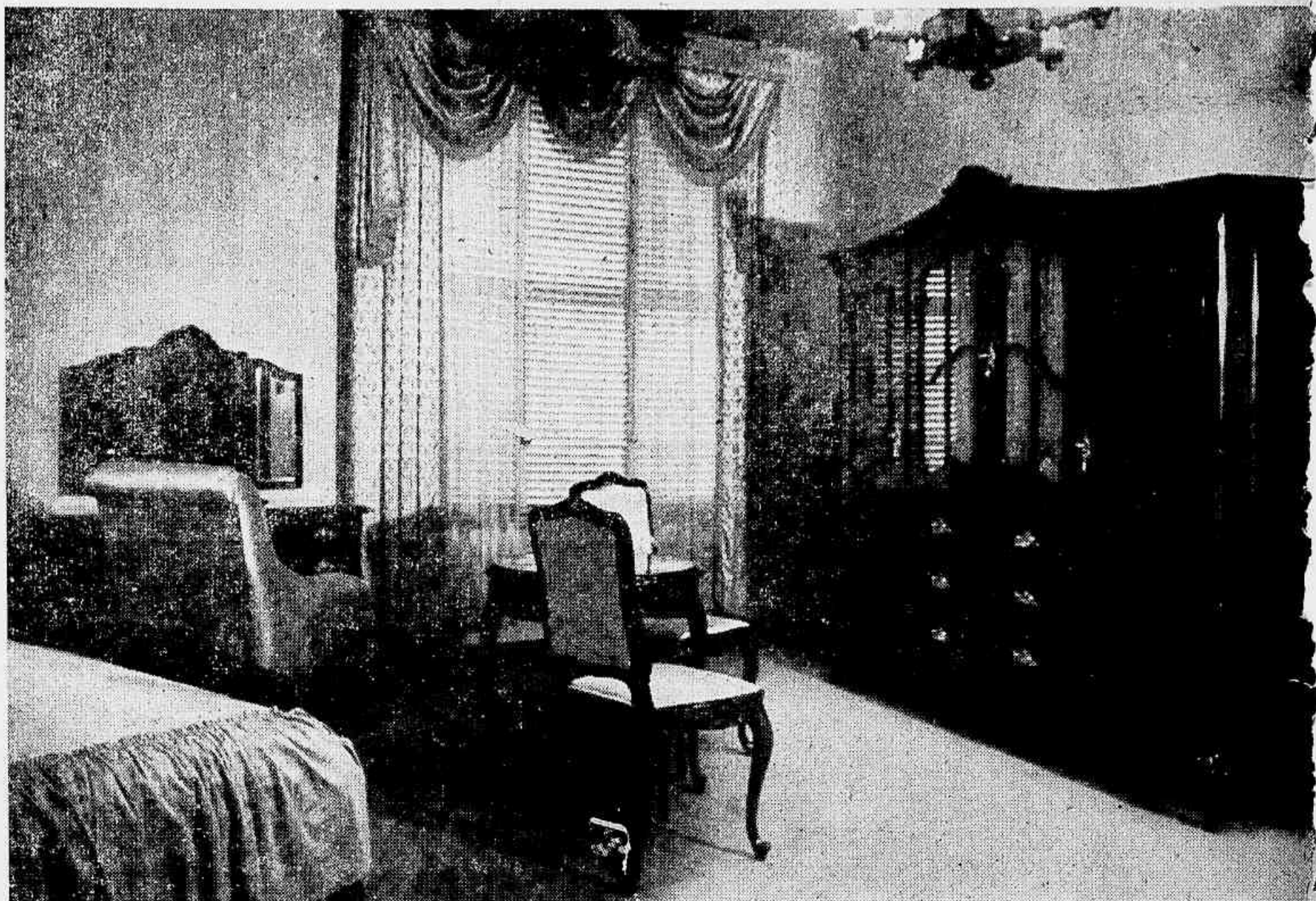


DORMITÓRIO "CHIPENDALLE"

GUELMANN"

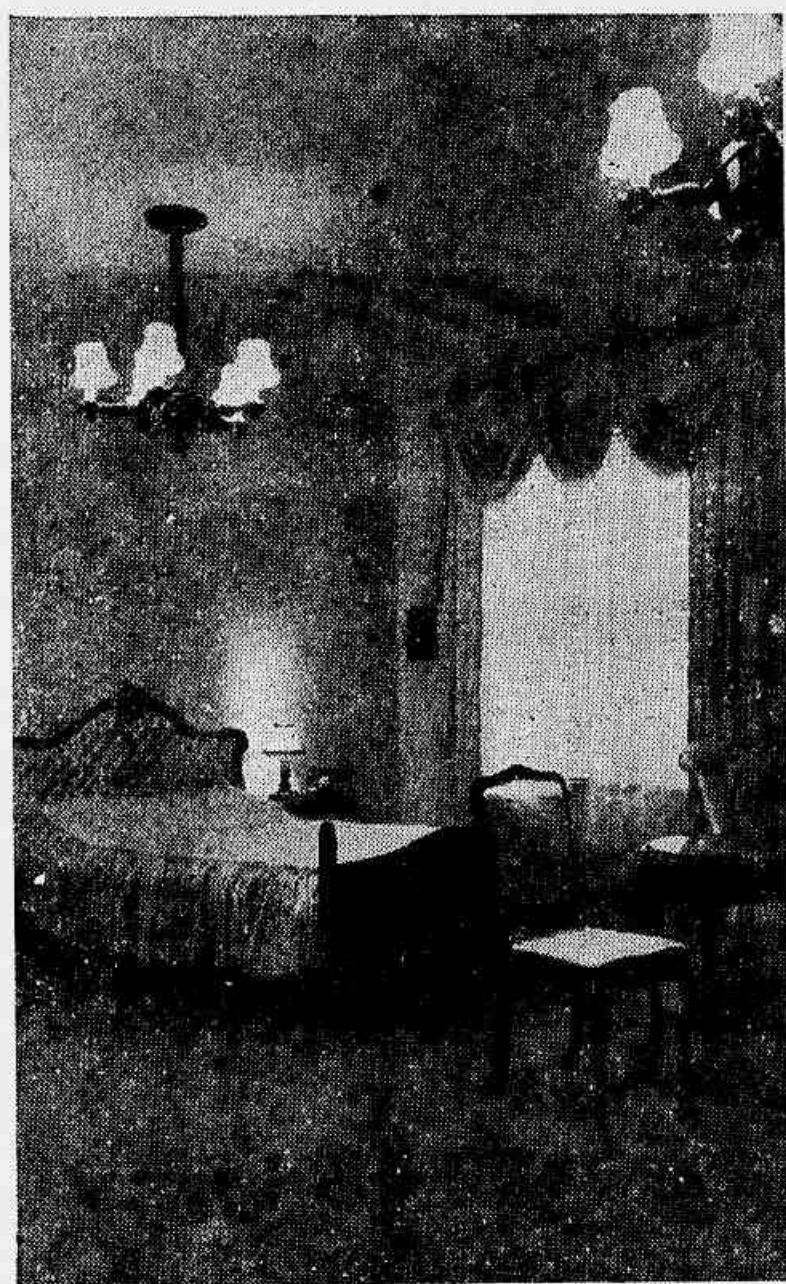
PARANA'

veis que guarnecem
apartamentos do
Rio **SERRADOR**



UM ANGULO DE UM DOS LINDOS QUARTOS

REV



CAMA LUIZ XV EM CAPITONE

A "Industrias de Moveis Guelmann" forneceu ainda 350 dormitorios em estilo "Chipendalle" e grupos estofados por seus tecnicos especializados.

Informações no Rio de Janeiro:

ESCRITORIO NO

HOTEL SERRADOR

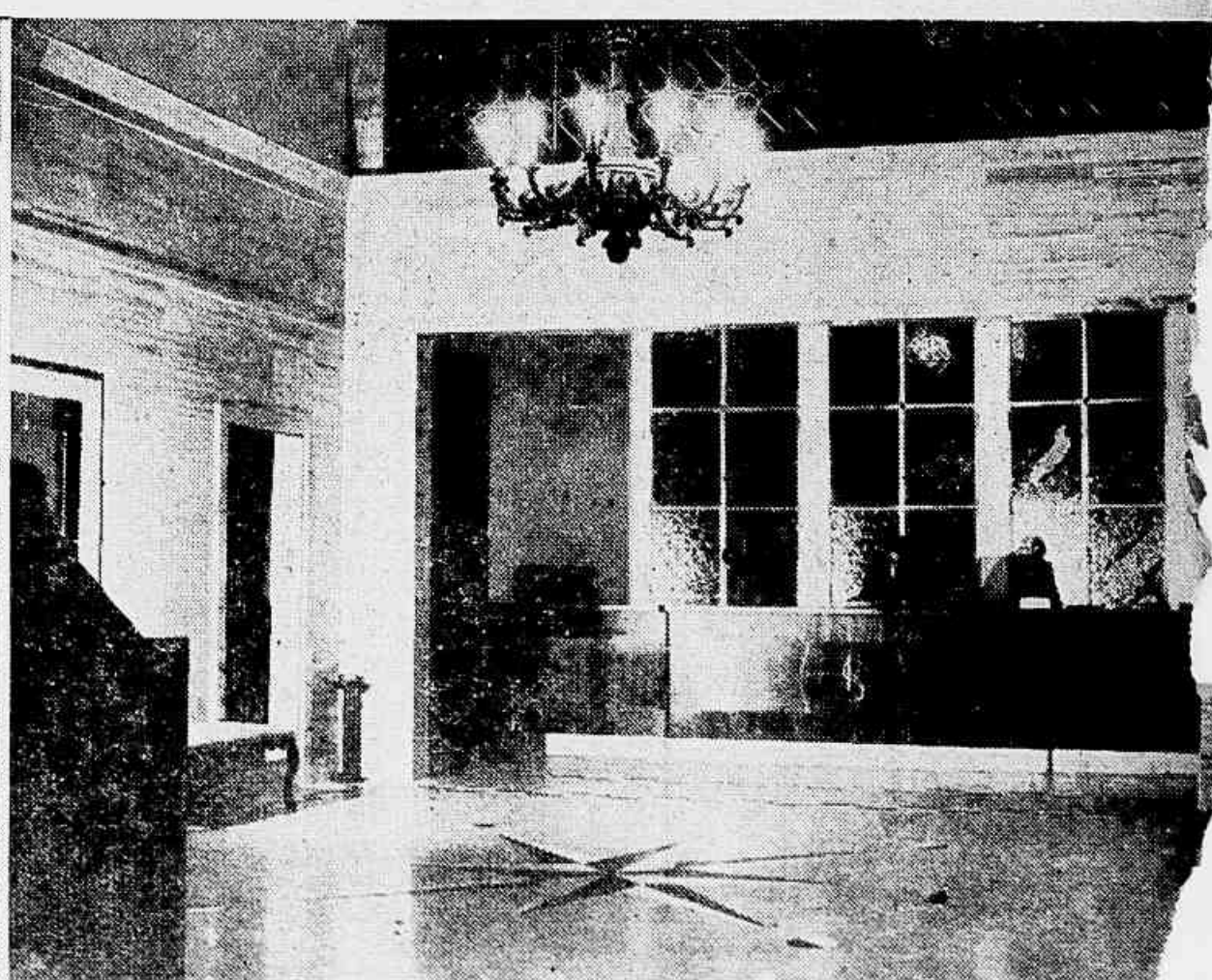
SOBRELOJA - TEL. 43.4907.



VISTA DE FRENTE DO MAIS LUXUOSO HOTEL



OUTRO DORMITÓRIO "CHIPENDALLE"



SOBRELOJA

ITUUTABA RECEBE SEU NOVO PREFEITO



Dr. Camilo Chaves Junior, prefeito de Ituiutaba.

Constituiu nota de relêvo a chegada do novo prefeito de Ituiutaba, dr. Camilo Chaves Junior, que foi assumir a direção da terra que o viu nascer no momento em que todas as suas energias estão sendo solicitadas em benefício da Pátria.

O ilustre causídico, moço de cultura, possuidor de atributos de coração e de caráter os mais recomendáveis, na conta do governo de Ituiutaba como fiel depositário da confiança da população que o prestigia e vê, assim, satisfeitos seus anseios.

Bem poucas vezes a história do município, as lutas políticas que ali se travaram, tiveram a repercussão que teve o ato do Governo do Estado. Aquêles que, visando o interesse da coletividade ituiutabana e auscultando os impulsos da sua população, que desejava uma nova ordem para as coisas, integraram-na na posse de si mesma e por isto devem a estas horas se mostrar radiantes pela consecução de uma das suas mais vitais necessidades.

Ituiutaba está agradecida ao governador Valadares e aos seus líderes, notadamente ao dr. Omar de Oliveira Diniz, figura que os filhos da progressista cidade mineira, por um dever de justiça, exaltam e não esquecem os seus inavulsos méritos, por que foi ele o mentor da atual situação que atravessa a comuna.

Conhecedor dos seus conterrâneos e de tudo que diz respeito ao seu torrão natal, nunca desanima e há mais de um ano luta insistentemente pela terra que tem como sua porque lhe devota grande amor. As vitórias que tem conquistado afirma simples e modestamente que não são suas e sim da gente que habita o município.

Através as manifestações espontâneas de grandes entusiasmos e da admirável unidade de vistas que já se observa em todas as camadas ituiutabas, podemos anunciar com convicção de que a solução de casos de interesse geral tiveram a suprema virtude de unir os filhos daquela cidade. Um moço da estirpe de Camilo Chaves Junior saberá corresponder aos anseios do seu povo, não desmerecerá nem manchará o seu passado, uma vez que empenhou-se sempre em prol do engrandecimento de Ituiutaba.

No dia da chegada do seu povo condutor Ituiutaba esteve em festas. Na principal artéria pública viam-se entre outras, as seguintes faixas com dizeres significativos: "O POVO DE ITUIUTABA SAÚDA O SEU NOVO PREFEITO"; "O NOSSO RECONHECIMENTO AO GOVERNADOR VALADARES"; "AGRADECIMENTO DO POVO AOS MEMBROS DA COMISSÃO"; "AS CLASSES TRABALHADORAS VOS SAÚDAM COM ENTUSIASMO E CONFIANÇA"; "A JUVENTUDE VOS RECEBE COM ESPERANÇA E COM...". Como um complemento para tudo isto destacou-se

também a grande revoadada promovida pelo Aero Clube local, que cedeu os seus aviões para que com eles os seus pilotos sobrevoassem a cidade no momento em que pisava o solo ituiutabano o dr. Camilo Chaves Junior. Rasgando os céus e realizando acrobacias, os mensageiros do ar trouxeram à população uma vibração geral pelo sentido da impressionante homenagem ao guia dos seus destinos. E do alto desceu a sincera mensagem: "QUERO A PARTICIPAÇÃO DE CADA ITUIUTABANO NA ADMINISTRAÇÃO, PARA ASSIM PODER ACATAR A VONTADE SOBERANA DO POVO. UMA COISA PROMETO: SEREI SEMPRE VIGILANTE. NÃO TRANSIGIREI NUNCA QUANDO O EXIGIR A PROSPERIDADE DE ITUIUTABA OU O BEM ESTAR DO POVO. Ass.) CAMILO CHAVES JUNIOR, Prefeito Municipal".

Grande massa popular compareceu ao campo, vendo-se as figuras mais representativas do meio social local: autoridades judiciárias, administrativas, eclesiásticas e representantes de todas as associações, além de inúmeros visitantes ilustres que até lá foram com o fim de felicitar o novo governante de Ituiutaba. O cortejo, composto de mais de meia centena de veículos motorizados, constituiu um acontecimento nos anais da história da cidade mineira. Deu assim a classe dos motoristas de Ituiutaba uma sugestiva nota aos festejos.

Às 20.15, entre ovações e vivas ao governador do Estado, chegava ao "Ituiutaba-Clube" o novo prefeito. Ao avistá-lo, a massa que se comprimia na Rua 22 prorrompeu em calorosos aplausos. Tiveram então início os discursos, falando primeiramente o médico dr. Petronio Chaves, que, com rara felicidade, soube interpretar os sentimentos da associação que dirige. Falou em seguida o revmo. padre Guilherme Decaminada, em nome do magistério, cuja peroração agradou pela oportunidade dos ensinamentos. Ainda usaram da palavra os srs. Rafael de Fêo, pelo distrito de Guiriatã; João Damasceno, pelo distrito de Santa Vitória; o jornalista Ercilio Domingues, por Capinópolis; Adão Antonio da Silva, pelos operários; drs. Heraclito de Sá Nogueira e Olimpio Domingues Pinto Junior, pelo Aero-Clube local, e José Maria da Costa, pelo "Palmeira Clube", sendo todos muito aplaudidos.

O ilustrado promotor público da comarca que ali, ao par do zelo com que cuida dos afazeres da sua difícil missão, vem realizando a campanha de amparo à criança pobre, proferiu ótimo discurso.

Ao subir a tribuna o dr. Omar de Oliveira Diniz, orador e advogado mineiro, recebeu estrondosas salvas de palmas. Sua oração, com o entusiasmo que lhe é peculiar, foi atentamente ouvida e delirantemente aplaudida. Falou em nome da população de que é lido representante.

Por entre viva ansiedade da massa e debaixo de aplausos que se podiam ouvir a enorme distância, trouxe sua pa-



Dr. Omar Oliveira Diniz, membro da Ala Moça do Partido Social Democrático e futuro candidato a deputado estadual.

lavra de agradecimento o dr. Camilo Chaves Junior. Seu discurso tranquilizou o povo na certeza de que novos rumos estão assegurados ao progresso local. Adiantou S. S. que estava cômico das suas responsabilidades, mas que pretende dividi-las com os seus munícipes, ouvindo-lhes e auscultando-lhes as reais e verdadeiras aspirações. Prometeu não fazer distinções: todos terão um direito igual. Não será adepto da violência e nem alimenta ilusões de mando. Eis em síntese o que constituiu a peça-programa do novo administrador de Ituiutaba. Quando S. S. se referiu ao governador Valadares e ao interesse que o mesmo tem pela terra, foi freneticamente aplaudido. Dispersou-se logo, mais satisfeito e confiante no seu amanhã, o povo que ali fôra tributar sua homenagem e seu apoio ao novo prefeito e ao dr. Omar Oliveira Diniz.

As manifestações estiveram presentes duas excelentes organizações musicais da cidade, bem como os corpos docente e discente dos educandários "Instituto Marden" e "Grupo Escolar João Pinheiro".

José Lucas Meira



Autoridades e jornalistas entre o vigário local e o escritor João de Minas, esperando o prefeito.

AVENTURA

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 42)

— Penal Mas, pelo que vejo, você veio bem acomodada.

O rapaz sorriu:

— Como vai, Mrs. Crossways?

— Muito bem.

Catherine entrou com ele. Durante uma das danças ela pensou:

— Como Gilbert vai ficar furioso quando souber que dancei a noite toda com um rapaz simpático...

Interiormente ela se ria da fúria do marido.

Foi no momento da ceia, quando o rapaz se afastara apanhar um copo de ponche, que ela deu por falta de um colar. Procurou-o por toda parte. Nem o colar nem o ninguém, na verdade.

Hilda Crossways mostrou-se muito espantada quando Catherine perguntou:

— Onde está aquele rapaz que estava comigo?

— Não sei, meu bem. Você o trouxe clandestinamente, nem sequer me apresentou, e ainda pergunta onde ele está?

— Mas você não o conhecia?

— Claro que não. Você o trouxe...

— Mas ele disse que fôra convidado, que vinha para cá...

Hilda franziu as sobrancelhas:

— Não deu nome?

— Deu-me um cartão. Eu guardei na bolsa. Aqui está. Espere! Tem alguma coisa escrita no verso.

O cartão dizia:

"Charles Martin".

Não trazia endereço. No verso estavam rabiscadas duas linhas.

"Não adianta procurar o colar. Não achará."

Catherine correu para o telefone.

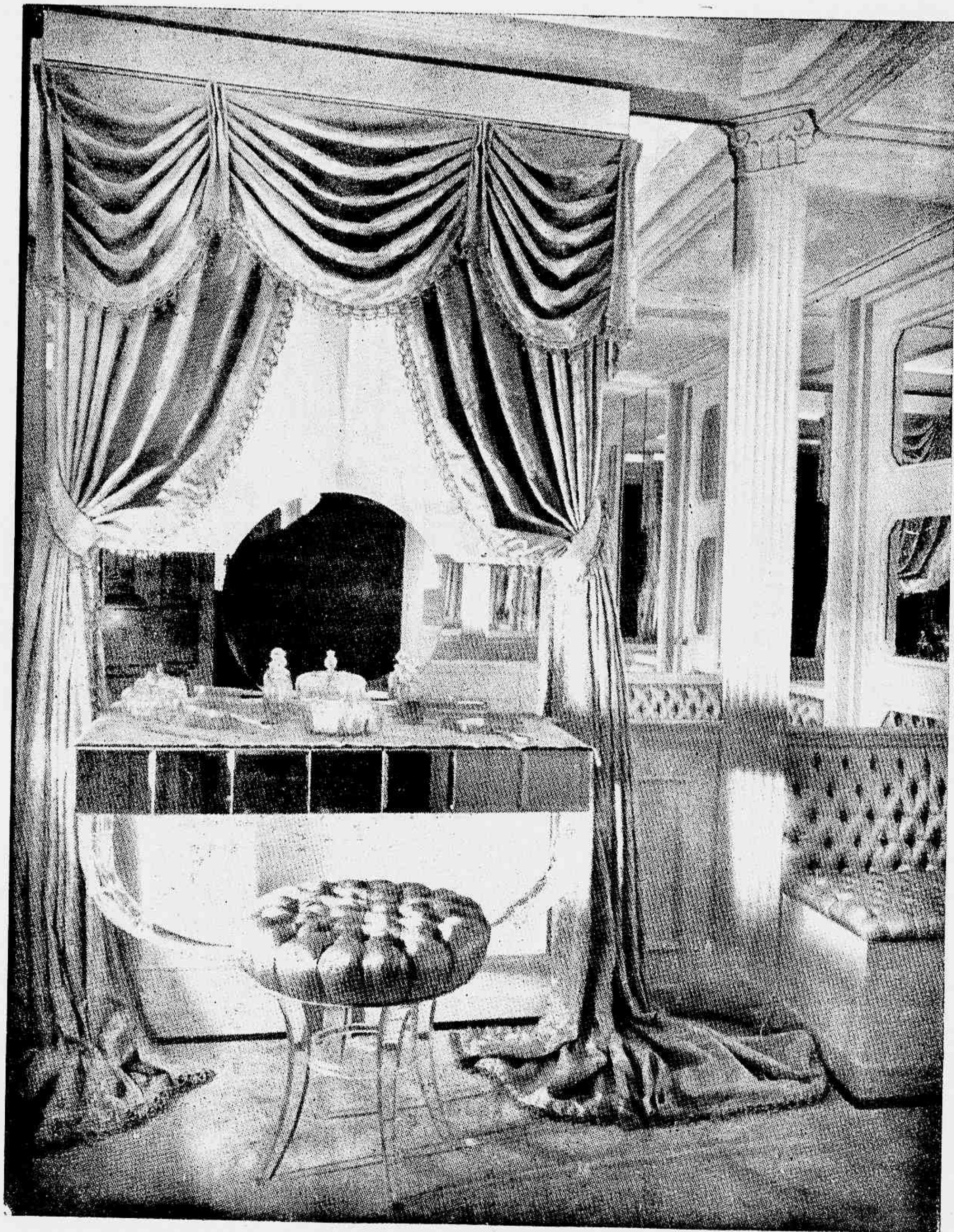
— Gilbert! Gilbert! Você me deixa, assim, desprotegida! Imagine... Meu bem... Roubaram meu colar... Eu estava... Um rapaz...

Quase chorava. Gilberto do outro lado do fio suspirou.

Realizou-se no dia 4 do corrente, em São Paulo, o batizado da menina Maria Beatriz, filha do industrial João Silvino Pereira e sua exma. esposa d. Maria Aparecida Silvino Pereira. Para comemorar o acontecimento o distinto casal ofereceu em sua residência magnífica recepção, que teve a presença dos elementos mais representativos da sociedade bandeirante, aos quais os pais de Maria Beatriz dispensaram fidalgo e cativante acolhimento.

QUARTO DE TOILETTE

Nesta pequena peça, arquitetado com arte e distinção, foi instalado um belo quarto de "toilette", no qual a falta de espaço é compensada pelo aproveitamento máximo de cada centímetro quadrado. Apesar do luxo requintado que ostenta, o aposento nada apresenta de supérfluo. Cada móvel tem aqui, embora nos pareçam à primeira vista simples motivos de ornamento, uma utilidade definida e prática. A mesa é de cristal e sobre ela se assenta o belo espelho que dá maior encanto e graciosidade à peça.



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

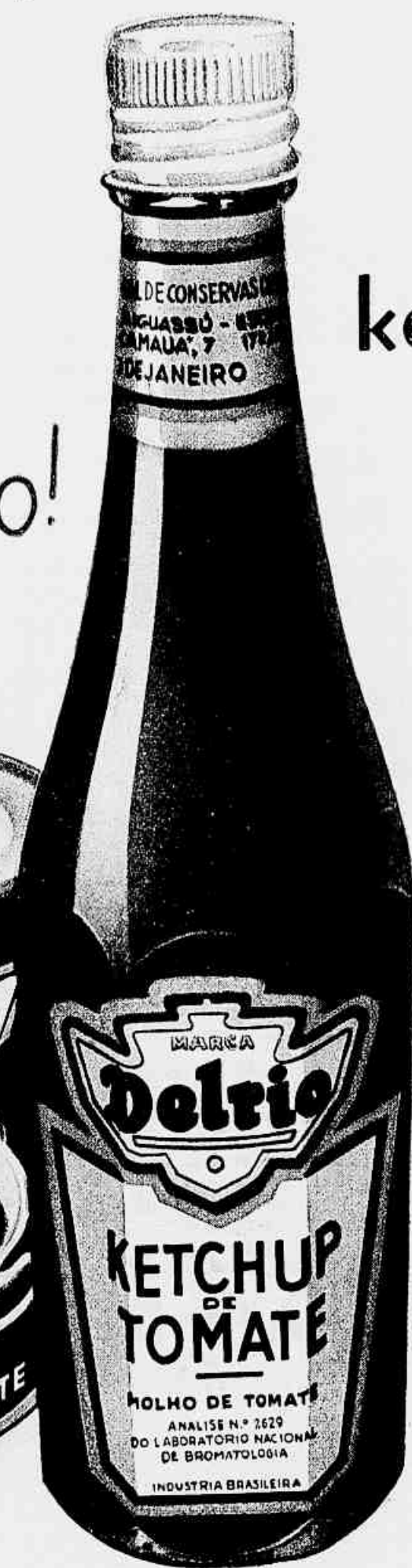
65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Procurei Seca e Meca
De fio a pavio
E não vi nada igual
Às conservas Delrio!



sopa de
tomate



ketchup

Só Delrio sabe produzir estas deli-
cias para sua mesa! Porisso, exija
sempre a marca Delrio no trio
campeão dos produtos de tomate,
liderado pelo
SUCO DE TOMATES DELRIO



Ouçá este programa oferecido por
DELRIO: "Papel Carbono" - No
Rádio Club do Brasil (860 kcs.)
todas as 3as.-feiras às 21,35. Um
antigo favorito. O mais inte-
ressante programa de amadores,
revelador de novos talentos.

Delrio

COMPANHIA INDUSTRIAL DE CONSERVAS DELRIO - RIO DE JANEIRO

13029